

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

Daniela Meirelles Lagranha

**ROTAS DE FORMAÇÃO EM FISIOTERAPIA NA UFRGS:
movimentos de estudantes flâneur entre as frestas curriculares da graduação**

Porto Alegre

2023

Daniela Meirelles Lagranha

**ROTAS DE FORMAÇÃO EM FISIOTERAPIA NA UFRGS:
movimentos de estudantes flâneur entre as frestas curriculares da graduação**

Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Ciências do Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Alex Branco Fraga

Porto Alegre

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Lagranha, Daniela Meirelles

Rotas de formação em fisioterapia na UFRGS:
movimentos de estudantes flâneur entre as frestas
curriculares da graduação / Daniela Meirelles
Lagranha. -- 2023.

126 f.

Orientador: Alex Branco Fraga.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de
Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto
Alegre, BR-RS, 2023.

1. Fisioterapia. 2. Formação . 3. Currículo . 4.
Mercado de trabalho. I. Fraga, Alex Branco, orient.
II. Título.

Daniela Meirelles Lagranha

**ROTAS DE FORMAÇÃO EM FISIOTERAPIA NA UFRGS:
movimentos de estudantes flâneur entre as frestas curriculares da graduação**

Conceito final:
Aprovado em dede.....

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Laís Alves de Souza Bonilha (UFMS)

Prof. Dr. Prof. Dr. Luiz Fernando Alvarenga (UFRGS)

Prof. Dr. Raphael Maciel da Silva Caballero (UFCSPA)

Orientador – Prof. Dr. Alex Branco Fraga (UFRGS)

*Às minhas ancestrais e aos meus antepassados que me convocam a pensar sobre o
que estou fazendo de mim mesma.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas, todos e todes aqui citados, sem hierarquização, pois cada um de vocês fez diferença na minha vida e na trajetória acadêmica: ao meu orientador Alex Branco Fraga por apostar em mim e possibilitar a existência desta tese. Agradeço as orientações, paciência e cumplicidade que compartilhamos para dar vida a esta escrita.

À professora Dra. Laís Alves de Souza Bonilha e aos professores Dr. Luiz Fernando Alvarenga e Dr. Raphael Maciel da Silva Caballero pelo aceite em colaborar com a avaliação, tornando-a mais potente.

À minha orientadora de mestrado Adriane Vieira pelas iniciações científicas e pela amizade. Às amigas colegas e aos meus colegas de grupo de pesquisa POLIFES que, apesar da distância exigida em tempos pandêmicos, podíamos contar uns com os outros na empreitada da vida acadêmica.

À Tetê Martins pela potente revisão e contribuição da tese. A Ana Cristina de Freitas Griebler pela revisão técnica e toda equipe do Núcleo de Avaliação da Unidade (NAU/ESEFID/UFRGS), principalmente a Cintia Bueno Marques por possibilitar minha participação neste grupo.

A alunas, alunos, alunes, amigas, amigos e amigues de vida, vocês são minha inspiração. Grata pela confiança em mim e no meu trabalho.

Aos seres que compartilharam e/ou compartilham a vida comigo: Zelig e Arnold Layne.

A meus familiares: devo a eles e elas parte do que sou.

A uma passante

*A rua em torno era um frenético alarido.
Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa,
Uma mulher passou, com sua mão suntuosa
Erguendo e sacudindo a barra do vestido.
Pernas de estátua, era-lhe a imagem nobre e fina.
Qual bizarro basbaque, afoito eu lhe bebia
No olhar, céu lívido onde aflora a ventania,
A doçura que envolve e o prazer que assassina.
Que luz... e a noite após! – Efêmera beldade
Cujos olhos me fazem nascer outra vez,
Não mais hei de te ver senão na eternidade?
Longe daqui! tarde demais! "nunca" talvez!
Pois de ti já me fui, de mim tu já fugiste,
Tu que eu teria amado, ó tu que bem o viste!*

Baudelaire Charles

RESUMO

A presente tese de doutorado tem por objetivo compreender como estudantes do Curso de Fisioterapia que não se identificam com Curso, mas que ainda apostam nesta formação, constroem suas próprias rotas de aprendizagem na formação inicial. O conceito de currículo adotado é como sendo uma prática cultural e de significação, estando aberto a modificações, relações de saber-poder e múltiplos modos de constituição de sujeito. Associado a tal conceito, foi utilizada a noção de flâneur, de Walter Benjamin, como aquele sujeito/estudante que vagueia pelas frestas curriculares em busca de rotas de formação alternativas (Educação Menor) diferentes das previstas no Projeto Político Pedagógico do curso de Fisioterapia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Educação Maior). A opção teórica-metodológica foi pela pesquisa qualitativa com ênfase na cartografia. A pesquisa foi realizada no período de 2019 a 2022 e contou com dados secundários oriundos de Análise Documental do Projeto Pedagógico do Curso de Fisioterapia da UFRGS e dos relatórios de 2019 a 2020 do Núcleo de Avaliação da Unidade (NAU/ESEFID/UFRGS) e das produções textuais e orais referentes às disciplinas do Curso de Fisioterapia. A materialidade empírica da pesquisa foi composta a partir de 44 questionários produzidos pelo NAU/ESEFID/UFRGS respondidos por estudantes, 9 participantes do grupo focal de estudantes a partir do 6º semestre do curso e 8 estudantes ingressantes do curso matriculados em disciplina que antecede a estágio curricular. Por meio dos movimentos desses estudantes flâneur, foi possível mapear as seguintes rotas: (1) visão sobre Fisioterapia antes do ingresso no curso relacionadas a noções veiculadas na mídia sobre a profissão, a prática de cuidados e a reabilitação; (2) engajamento e posicionamento político diante da Proposta de Emenda à Constituição nº 55 de 2016 (PEC 55) e da pandemia da Covid-19; (3) projeções relacionadas ao futuro da profissão centradas na concepção de fisioterapeutas generalistas, capazes de ir além das competências e habilidades profissionais listadas. Em conclusão, os movimentos destes estudantes produziram rotas alternativas às prescritas no Projeto Político Pedagógico do curso de Fisioterapia da UFRGS, bem como produções de imaginário acerca do profissional de Fisioterapia para além daquelas que circulam na mídia. Tais movimentos levaram esses estudantes flâneur a ressignificarem o toque terapêutico como elemento identificador da atuação profissional na área, a valorizarem a participação em movimentos estudantis relacionados à formação de profissionais da saúde e a colocarem em perspectiva a engrenagem do regime capitalístico financeirizado neoliberal quanto aos modos de se relacionarem com o mercado de trabalho.

Palavras-chave: Fisioterapia; Formação; Currículo; Mercado de trabalho

ABSTRACT

This doctoral thesis aims to understand how students of the Physical Therapy Course who in spite of not identifying with the Course, but who still invest in this training, build their own learning routes in the initial formation. The concept of curriculum adopted is that of a cultural and meaningful practice, being open to modifications, knowledge-power relations and multiple modes of subject constitution. Associated with this concept, the notion of flâneur, by Walter Benjamin, was used, as that subject/student who wanders through the curricular gaps in search of alternative training routes (Minor Education) different from those provided for in the Political Pedagogical Project of the Physiotherapy course at the University Federal do Rio Grande do Sul (Higher Education). The theoretical-methodological option was for qualitative research with an emphasis on cartography. The research was carried out from 2019 to 2022 and relied on secondary data from the Document Analysis of the Pedagogical Project of the Physical Therapy Course at UFRGS and the reports from 2019 to 2020 by the Unit Assessment Center (NAU/ESEFID/UFRGS) and the textual and oral productions referring to the disciplines of the Physical Therapy Course. The empirical materiality of the research was composed from 44 questionnaires produced by the NAU/ESEFID/UFRGS answered by students, 9 participants of the focus group of students from the 6th semester of the course and 8 students entering the course enrolled in a discipline that precedes the curricular internship. Through the movements of these flâneur students, it was possible to map out the following routes: (1) the lookout on Physiotherapy before entering the course related to notions conveyed in the media about the profession, the practice of care and rehabilitation; (2) political engagement and positioning as to the Proposed Amendment to the Constitution No. 55 of 2016 (PEC 55) and the Covid-19 pandemic; (3) projections related to the future of the profession centered on the conception of generalist physiotherapists, capable of going beyond the listed professional skills and abilities. In conclusion, these students' movements produced alternative routes to those prescribed in the Policies of the Pedagogical Project of the Physiotherapy course at UFRGS, as well as imaginary productions about the Physiotherapy professional beyond those that circulate in the media. Such movements led these flâneur students to re-signify the therapeutic touch as an identifying element of professional performance in the area, to value participation in student movements related to the training of health professionals and to put into perspective the gears that run the financed neoliberal capitalistic regime as to how it relates to the labor market.

Keywords: Physical therapy; Training; Curriculum; Labor market

RESUMEN

El principal objetivo de la presente tesis doctoral es comprender cómo los estudiantes de Fisioterapia que no se identifican con la carrera, pero que aún así apuestan por esta formación, construyen sus trayectorias de aprendizaje en la formación inicial. El concepto de currículo se entiende como una práctica cultural y de significado que está abierta a modificaciones, relaciones de saber-poder y múltiples modos de constitución del sujeto. Asociada a esta comprensión, se utilizó la noción de flâneur, de Walter Benjamin, que se entiende aquí como aquel sujeto/alumno que deambula por los vacíos curriculares de la carrera en busca de rutas de formación alternativa (Educación menor) diferentes de aquellas etapas previstas en el Proyecto Político Pedagógico de la carrera de Fisioterapia de la Universidad Federal del Rio Grande del Sur (Educación Mayor). La opción teórico-metodológica es la investigación cualitativa con énfasis en la cartografía. La investigación se realizó entre los años 2019 a 2022 y contó con datos secundarios originados del análisis de documentos del Proyecto Pedagógico de la Carrera de Fisioterapia de la UFRGS y de los informes de 2019 a 2020 del Centro de Evaluación de la Unidad (NAU/ESEFID/UFRGS) y de las producciones textuales y orales referentes a las disciplinas de la carrera de Fisioterapia. La materialidad empírica de la investigación estuvo compuesta por 44 cuestionarios producidos por la NAU/ESEFID/UFRGS respondidos por estudiantes, 9 participantes del grupo focal de estudiantes del 6º semestre de la carrera y 8 estudiantes de primer año de la carrera matriculados en el curso preparatorio para la pasantía curricular. A través del movimiento de esos estudiantes flâneur a través los vacíos curriculares del curso, fue posible mapear caminos alternativos que visibilizan modos de formarse como Fisioterapeuta más allá de las trayectorias previstas por el curso en la UFRGS. A partir del movimiento de esos estudiantes flâneur, fue posible construir las siguientes rutas: (1) la visión sobre la fisioterapia antes de ingresar a la carrera relacionadas con las nociones transmitidas en los medios de comunicación sobre la profesión, la práctica del cuidado y rehabilitación; (2) compromiso y posicionamiento político frente a la Propuesta de Reforma Constitucional N° 22, de 2022 (PEC 22) y la pandemia de Covid-19; (3) proyecciones relativas al futuro de la profesión centradas en la concepción de fisioterapeutas generalistas, capaces de ir más allá de las competencias y habilidades profesionales enumeradas. En conclusión, los movimientos de los estudiantes produjeron rutas alternativas a las prescritas en el proyecto Político Pedagógico del curso de Fisioterapia de la UFRGS, así como un imaginario sobre el profesional de Fisioterapia más allá del que circula en los medios de comunicación. Tales movimientos llevan a que estos estudiantes flâneur resignifiquen lo que es el toque terapéutico como elemento identificador de la actuación profesional en el área, valoricen la participación en movimientos estudiantiles relacionados con la formación de profesionales de la salud y, a colocar en perspectiva los engranajes del régimen capitalista neoliberal financiarizado en lo referente a los modos de relacionarse con el mercado de trabajo.

Palabras clave: Fisioterapia; Formación; Plan de estudios; Mercado de trabajo

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Projeto Político Pedagógico do Curso de Fisioterapia na UFRGS de outubro de 2017.....	52
Figura 2 Projeto Político Pedagógico do Curso de Fisioterapia na UFRGS de outubro de 2017.....	53
Figura 3 Projeto Político Pedagógico do Curso de Fisioterapia na UFRGS de outubro de 2017.....	54
Figura 4 Terapia Manual.....	63
Figura 5 Exercício de membros superiores.....	64
Figura 6 Neymar na Fisioterapia.....	68
Figura 7 Ronaldo, o fenômeno.....	69
Figura 8 Hamilton e Cullen.....	71
Figura 9 Michel Phelps	71
Figura 10 Jogadora Cook usando taping.....	72

SUMÁRIO

MEU LUGAR DE FALA	14
1 ROTAS DE UMA FORMAÇÃO	11
2 AFINAL, O QUE PRETENDE UM CAMINHO CURRICULAR?	24
2. 1 ANDAR DESVIANTE: O QUE PODE SER ESTUDANTE FLANEUR?	27
3 CAMINHOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS	32
3.1 LÓCUS DA PESQUISA: A ESEFID	37
3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	38
3. 3 PRODUÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	38
4 TRILHOS DO CURSO DE FISIOTERAPIA NO BRASIL	41
4.1 NOTAS DO SURGIMENTO DE UMA PROFISSÃO QUE ESTAVA POR VIR	41
5 DA CRIAÇÃO DO CURSO DE FISIOTERAPIA DA UFRGS: PISTAS DA EDUCAÇÃO MAIOR	49
6 ANTES DA LARGADA: QUANDO O CURSO DE FISIOTERAPIA PASSOU A SER UMA POSSIBILIDADE	58
6.1 IMAGINÁRIO COMO FICÇÃO COMPARTILHADA: FISIOTERAPIA COMO PRÁTICA DE CUIDADO E FISIOTERAPEUTA-REABILITADOR.....	60
6. 2 IMAGINÁRIO COMO FANTÁSTICO DO COTIDIANO: A SONHADA FISIOTERAPIA ESPORTIVA E O “ALGO MAIS” DO MOVIMENTO HUMANO	67
6. 3 IMAGINÁRIO COMO MEMÓRIA AFETIVA: DAS LEMBRANÇAS A UTOPIAS DE CUIDADO	73
7 ENTRE DIFERENTES TRAVESSIAS: FLÂNEUR NA PISTA CURRICULAR	79
7.1 DESTERRITORIALIZAÇÃO DO TOQUE COMO CUIDADO TERAPÊUTICO	81
7.2 INTERNET E ENSINO REMOTO EMERGENCIAL COMO ESPAÇOS DE DESTERRITORIALIZAÇÃO DA SALA DE AULA.....	83
7.3 UFRGS COMO ESPAÇO DE RAMIFICAÇÕES POLÍTICAS DA EDUCAÇÃO MENOR.....	87
8 O VIR A SER FISIOTERAPEUTA? CAMINHOS PARA SONHAR O FUTURO DA FISIOTERAPIA	93
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS	109
APENDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	113

APÊNDICE 2 - AUTORIZAÇÃO DO NAU	115
APÊNDICE 3 - TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL	116
APÊNDICE 4 - TERMO DE ANUÊNCIA COMISSÃO DE GRADUAÇÃO EM FISIOTERAPIA (COMGRAD-FIT)	117
APÊNDICE 5 -TERMO DE COMPROMISSO DE UTILIZAÇÃO DE DADOS (TCUD).....	119
APÊNDICE 6 – ROTAS DE FORMAÇÃO DE ESTUDANTES FLÂNEUR	120

MEU LUGAR DE FALA

*Senti meu corpo derretendo
Flutuou minha mente compreendendo
Falei com minha sombra, tem vida própria sim
Abrindo as tortas e as cucas¹*

Mulher brasileira branca cis heterossexual fisioterapeuta instrutora de Pilates pesquisadora e leitora. É deste lugar que construo minha narrativa, entendendo-a como sendo fruto tanto das minhas percepções e vivências individuais quanto das condições sociais e estruturais de ser mulher brasileira branca cis heterossexual fisioterapeuta instrutora de Pilates pesquisadora e leitora que me oportunizaram e oportunizam ocupar meu lugar social. Assim, é nesta coexistência de vozes composta por minhas subjetividades e pela minha condição social e historicamente constituída (RIBEIRO, 2017) que problematizo e teorizo a presente tese de doutorado inscrita no Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCMH/UFRGS), da linha de Pesquisa Movimento Humano, Cultura e Educação, mais especificamente da linha Educação e Práticas Pedagógicas. Deste modo, a tese pretende acompanhar estudantes flâneur no seu processo de formação em Fisioterapia.

Vale ressaltar que meu lugar de fala² diz respeito a minha postura ética e não se restringe a pensar a produção de rotas de formação de estudantes de Fisioterapia somente do ponto de vista teórico, mas, sim, propõe um ato, uma militância, um ativismo no qual defende a multiplicidade de existências de ser fisioterapeuta.

Dito isso, minhas falas e escritas foram constituídas por burburinhos, germes³, que brotaram e ativam meus pensamentos, atravessando a presente tese. Esses burburinhos divagam em notas, entendendo notas como sendo aquilo que fui capaz de elaborar a partir dos repertórios que tenho, como sujeito, e que me afetam, produzindo, assim, meus modos de agir e de pensar textualmente.

¹ As tortas e as cucas, letra e música, Flavio Basso, Júpiter Maçã.

² Utilizo o conceito de lugar de fala de Djamila Ribeiro em seu livro "O que é lugar de fala" (2017).

³ Termo utilizado por Suely Rolnik (2019) se refere ao ato de estar atento ao que está por vir, a emergência de algo novo, de dar condições para que estes germes, futuras larvas, possam nascer.

Pensar em formação no ensino público no Brasil, no momento atual, é um ato político e necessário, uma vez que a saúde⁴ e educação públicas⁵ têm sido questionadas, sobretudo no Governo Federal anterior⁶. Houve todo um processo difamatório⁷ que colocava sob suspeita⁸ a relevância de universidades públicas e a necessidade de estas serem para todas, todos, todes⁹, pois deveriam estar “reservadas para uma elite intelectual¹⁰”.

Em época de pós-verdade, que nada mais é que a não importância quanto a veracidade dos fatos (DUNKER, 2017), há uma imposição de um modo protocolar e conservador de pensar que expurga toda e qualquer diferença. Através de um apelo emocional e de um discurso violento e dicotômico, a propagação do ódio e a valorização da ignorância têm sido normatizadas em nossa cultura, através da popularização das redes sociais, sobretudo nas áreas da educação e da saúde.

Ações relacionadas a cortes de verbas¹¹ foram sustentadas pela “opinião” de quem tinha o poder de decisão, colocando em risco a continuidade de pesquisas acadêmicas. Cientistas já havia alertado, e ainda alertam, quanto aos riscos de pandemias como a da Covid-19, mas, para manter a ordem econômica, o mercado não podia parar, pois “não há lucro em se impedir uma catástrofe futura¹²”. A falta de

⁴ MOTTA, Cláudia. Governo Bolsonaro manobra para reduzir recursos e atendimentos do SUS. **Rede Brasil Atual**, 3 dez. 2019. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/saude-e-ciencia/2019/12/nao-e-boato-bolsonaro-corta-recursos-sus/>. Acesso em: 28 jun. 2023.

⁵ SANDER, Isabella. Reitores foram surpreendidos por proposta do MEC. **Jornal do Comércio**, 17 jul. 2019. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/ conteudo/geral/2019/07/693955-reitores-sao-surpreendidos-por-proposta-do-mec.html>. Acesso em: 26 jun. 2023.

⁶ É importante salientar que há uma ascensão da extrema direita no mundo, não sendo, portanto, um movimento exclusivo do Brasil.

⁷ MINISTRO da Educação [...]. **Veja São Paulo**, 23 nov. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cidades/ministro-da-educacao-diz-que-faculdades-plantam-maconha/>. Acesso em: 23 jun. 2023.

⁸ AGOSTINI, Renata. MEC cortará verba de universidade..., **Estadão**, 30 abr. 2019. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/educacao/mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba/>. Acesso em: 23 jun. 2023.

⁹ O uso de “todes” é por entender que existem mais gêneros para além do binarismo feminino/masculino. Optei, sempre que possível, mesmo que a priori não se trata de um trabalho sobre gênero, pela linguagem neutra, buscando uma comunicação inclusiva, entendendo que há uma diversidade de gêneros nas quais as pessoas possam se identificar.

¹⁰ MINISTRO da Educação diz [...]. **Rede Brasil Atual**, 21 jan. 2019. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2019/01/ministro-da-educacao-diz-que-universidade-para-todos-nao-existe/>. Acesso em: 23 jun. 2023.

¹¹ OLIVEIRA, Joana de. Estudantes voltam às rias contra o bloqueio [...]. **El País Brasil**, 13 ago. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/13/politica/1565649573_655949.html. Acesso em: 23 jun. 2023.

¹² CHOMSKY: A escassez de respiradores expõe [...]. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Chomsky-A-escassez-de-respiradores-expoe-a-crueldade-do-capitalismo-neoliberal/4/47052>. Acesso em: 23 jun. 2023.

apoio às políticas públicas e ao Sistema Único de Saúde (SUS) só agravou e aumentou a crise sanitária, política e econômica em que vivíamos e que, ainda, hoje, estamos sofrendo as consequências.

Pelas desigualdades¹³, nem todas, todos, todes possuíam as mesmas condições de fazer o isolamento social, orientação da Organização Mundial da Saúde (OMS). De qualquer forma, estávamos privadas e privados de exercer os mesmos modos de vida que até então exercíamos. O pior já passou, contudo, ainda não sabemos que sociedade estamos construindo para viver e, também, será que queremos (ainda) viver na sociedade com os formatos anteriores¹⁴?

Independentemente da natureza e linhas teóricas, pensar a ciência e pesquisa na multiplicidade é um ato político e uma forma de resistir a retrocessos que estamos enfrentando. É uma tentativa de sermos contemporâneos ao nosso tempo, vendo as luzes e as trevas deste (AGAMBEN, 2009). É divulgar a ciência como produto e produtora de conhecimento, entendendo que temáticas referentes à saúde, à educação e à constituição de sujeitos devem constantemente serem problematizadas, pois são elementares para a sobrevivência de uma sociedade.

Associado às questões sociais, ser atravessada pela pandemia da Covid-19 foi desafiador. Viver as incertezas produzidas por tal acontecimento foi o que me viabilizou a produzir esta tese, colocando-me em contato com outras experiências que até então não me eram familiares: atendimentos e aulas *online*. Coloquei em xeque crenças que tinha a respeito das tecnologias quanto a necessidade de seu uso e me vi obrigada a investir em aparelho celular e notebook para poder trabalhar, socializar e estudar. Adequiei-me a atendimentos *online* através de tela de celular e/ou computador. Foi difícil não tocar na pessoa que eu estava atendendo e estar distante fisicamente, uma vez que o toque é algo importante durante o processo terapêutico. O mesmo aconteceu com as reuniões virtuais do grupo de estudo POLIFES, no qual sou integrante, tão diferentes quando nos encontrávamos e levávamos lanche para comermos e socializarmos juntas. Ademais, ter orientações virtuais do meu orientador nos privou da colaboração do grupo, da contribuição

¹³ DESCASO com condição social [...], **UFJF notícias**, 23 mar. 2020. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2020/03/23/descaso-com-a-condicao-social-e-evidencia-da-sociedade-de-classe-e-racista/>. Acesso em: 23 jun. 2023.

¹⁴ BRUM, Eliane. O futuro pós-coronavírus já está em disputa. **El País, Brasil**, 8 abr. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-04-08/o-futuro-pos-coronavirus-ja-esta-em-disputa.html>. Acesso em 23 jun. 2023.

daquele e daquela colega que, ao escutar a orientação, contribuía com algo que até então não havíamos dado conta.

Neste contexto, juntamente com as incertezas econômicas decorrentes da pandemia, fizeram-me ser criativa: ampliei meu espaço que até então realizava atendimentos fisioterapêuticos e aulas de Pilates para um espaço integrado que propõe interlocução entre corpo, cultura e saúde. Minha proximidade com as artes me facilitou a entrar em contato com músicos, artistas, ONGs. Amigos, amigas, amigues, alunos, alunas e alunes que atendia e/ou frequentavam o local foram fundamentais nessa empreitada.

Passamos a realizar saraus temáticos, exposições, todo e qualquer encontro que produzia, ao menos para mim, potência de pensar e agir sobre o que acredito ser saúde que é a condição que nos possibilita viver. Tais produções proporcionavam outros modos de ser fisioterapeuta próximos aos que eu desejava e almejava ser: generalista e integralista.

Entendo que a bússola ética que rege a prática de vida de profissionais fisioterapeutas não é igual para todes. No entanto, é possível produzir potência de vida independentemente do caminho profissional escolhido, entendendo-o esse como sendo toda e qualquer existência criadora de expressões orgânicas e singulares, sendo exatamente isso nossa principal produção artística que é a própria condição de viver.

1 ROTAS DE UMA FORMAÇÃO

O observador, flâneur, filósofo, chamem-no como quiserem, mas, para caracterizar este artista, certamente seremos levados a agraciá-lo como um epíteto que não poderíamos aplicar ao pintor das coisas eternas, ou pelo menos das coisas duradouras, coisas heroicas ou religiosas. Às vezes ele é poeta, mas frequentemente aproxima-se do romancista ou do moralista, é o pintor circunstancial e de tudo que sugere o eterno¹⁵.

Flâneur, em francês, significa o desviante, caminhante, observador. Descrito na poesia de Charles Baudelaire e, posteriormente, por Walter Benjamin (1989), é comumente citado como uma figura que representa identidade móvel– aquela que não se pode agraciar com epíteto duradouro – uma vez que seus modos de vida são circunstanciais. Também pode ser apreendido como sendo aquele sujeito que vagueia, vagabundo, turista (HALL, 2015). Contudo, esta experiência contemplativa de estar na vida à *flânerie* nem sempre é possível e/ou duradoura.

Na tentativa de romper a contemplação de estar na vida, quando mal se sabe o que esperar dela, muitas vezes, precocemente, vem uma pergunta. Às vezes, ela vem quando mal sabemos falar e articular frases. Sem devaneio, alguém interroga: “o que você quer ser quando crescer?”. Espera-se que a resposta esteja associada à profissão e/ou a atividades que tenham certo prestígio social. Espera-se que se corresponda a expectativas, comportamentos e caminhos escolhidos e/ou almejados inicialmente por nossos pais e, posteriormente, por grupos, colegas e instituições nas quais nos vinculamos.

Obedientemente, vamos aprendendo e criando modos de saber-fazer para sermos aquilo que esperam de nós, mesmo que nem nós mesmos tenhamos clareza do que isto significa. No entanto, há outros, outras e outres que não correspondam à expectativa, seja por simplesmente não quererem mais corresponder, por não saberem direito o que responder ou, ainda, quererem responder de outro modo. Estes sujeitos são considerados teimosos, implicantes, rebeldes, desajustados ou qualquer outra denominação que se queira dar para quem não se adequou à norma, “saiu da curva”, desviou e/ou trilhou outra rota para além daquela esperada.

Independentemente de sermos mais ou menos ajustados, mais ou menos desviantes em relação ao que se espera de nós, há alguns momentos da vida que

¹⁵ Fragmento retirado do texto “O pintor da vida moderna” de Baudelaire do livro “Poesia e prosa” (BAUDELAIRE, p. 853-4, 2006).

precisamos tomar decisões que nos parecem ser para todo sempre, sem saber, ou ao menos perceber, que o “pra sempre”, sempre “pode” acabar¹⁶.

Um desses momentos é o vestibular, quando precisamos decidir, mesmo que circunstancialmente, “*o que queremos ser quando crescer*”. O desejo de trabalhar com o corpo na perspectiva da saúde foi o que me levou a optar pelo curso de Fisioterapia. Contudo, quando resolvi fazer a inscrição no curso, em 1998, não sabia muito bem o que esperar desta formação e, muito menos, o que esperar de ser fisioterapeuta e/ou do que se espera que uma fisioterapeuta seja.

Já no meu primeiro semestre, fiz estágio extracurricular¹⁷ na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, juntamente com a equipe de Traumatologia-Ortopedia, pois era ali, segundo haviam me dito, que encontraria o “trabalho” com o corpo na perspectiva de saúde na qual eu procurava. Observava os atendimentos no ambulatório, acompanhei cirurgias¹⁸ e, nas primeiras que assisti, deparei-me com uma certeza: não era este modo de tratar o corpo que eu queria me envolver. Eram marteladas, furadeira, parafusos, uma marcenaria na qual o corpo era a matéria-prima. Reconheço a importância de tais procedimentos cirúrgicos, mas não me identificava com eles e, principalmente, não me via naquele lugar de atuação que profissionais da Traumatologia-Ortopedia exerciam.

Minha primeira identificação com a prática fisioterapêutica ocorreu quando, ainda no estágio da Santa Casa, passei a acompanhar os atendimentos no pós-operatório. Ao ver fisioterapeutas trabalhando o corpo a partir das possibilidades terapêuticas do movimento, me identifiquei, me via sendo fisioterapeuta. Os atendimentos seguiam protocolos de “como fazer”, mas o “como fazer na prática” acontecia no ato do encontro terapêutico. Nesses atendimentos havia mais espaço para a escuta e negociações com a pessoa a ser atendida do que no campo cirúrgico, no qual o corpo a ser tratado encontrava-se sob anestesia.

Passei grande parte da minha formação acadêmica em Fisioterapia vinculada ao Serviço de Ortopedia da Santa Casa. Contudo, é difícil precisar em que momento

¹⁶ Menção a música “Por enquanto” de Renato Russo, cantor e compositor brasileiro.

¹⁷ Tinha dúvidas quanto à minha escolha pelo curso de Fisioterapia. Buscando saná-la, resolvi fazer, logo de início, estágio-extracurricular. Acreditava que ao me aproximar das realidades vividas por estudantes, poderia dissolver minhas dúvidas quanto a seguir ou não o curso de Fisioterapia.

¹⁸ Acompanhar cirurgias não fazia parte do currículo de Fisioterapia do IPA. No entanto, era uma prática bastante comum entre estudantes e fisioterapeutas acompanhar procedimentos cirúrgicos, discutir casos com residentes e demais profissionais envolvidos no tratamento.

emergiu o desejo de criar uma outra coisa que não era bem o que eu identificava como saberes e fazeres ortopédicos. Olhando retrospectivamente, na época em que cursava Fisioterapia, sentia que algo me faltava na formação, mas não identificava o que me provocava estranhamentos com a área. Muito menos conseguir nominar e/ou descrever estes estranhamentos, apenas percebia que eles existiam (em mim).

Com o passar do tempo, o olhar segmentado ao corpo dado pela Ortopedia, tanto pela área médica quanto fisioterapêutica, não contemplava mais meus modos de saber-fazer Fisioterapia, levando-me a uma desidentificação com a área. Buscando ampliar o escopo de atuação profissional, pós-formada, fiz formação em Acupuntura, uma prática da Medicina Tradicional Chinesa que opera em uma outra racionalidade médica¹⁹, abordando o corpo diferentemente daquelas abordagens que eu conhecia e desempenhava. Mesmo sendo uma perspectiva bastante diferente da ortopédica, com a qual aprendi, o exercício da acupuntura não tinha o corpo em movimento como foco de sua abordagem. O que me levou a fazer a formação em Método Pilates.

Minha aproximação com o Pilates se deu, primeiramente, como aluna. Havia sofrido uma fratura no tornozelo esquerdo e, após me submeter a cirurgia e sessões de Fisioterapia, fiz aulas de Pilates. De alguma maneira, vi no Pilates a contemplação ao corpo que tanto buscava. Movimentos múltiplos, um encadeado no outro, com poucas repetições, associados à respiração, tendo no centro do corpo um lugar para se olhar e prestar atenção.

As experiências no Pilates me levaram a outra apropriação do meu corpo. Fui me dando conta da necessidade de tempo para lidar com minhas (in)capacidades e limitações que aquele acidente havia me presenteado. Perdia um corpo, ganhava outro que me instigava e exigia mais atenção. Com o tempo, movimentos foram recuperados e, simultaneamente, outros questionamentos foram produzidos aos meus modos de compreender corpo, saúde e Fisioterapia.

Nas aulas de Pilates, eu era chamada de aluna pela fisioterapeuta que me atendia e não de paciente, forma de tratamento comum e naturalizada em

¹⁹ Racionalidade Médica pode ser entendida como um sistema médico complexo, simbólico e empiricamente estruturado em seis dimensões: morfologia humana, dinâmica vital, doutrina médica, sistema diagnóstico, cosmologia e um sistema terapêutico (LUZ, 2003). Contudo, tal temática não vai ser abordado no referente trabalho. Apenas citamos para contextualizar que existe diferentes modos de compreender e atuar nos processos de saúde para além dos preconizados pela medicina ocidental hegemônica que visam, sobretudo, atuar na cura de doenças.

atendimentos fisioterapêuticos. Talvez isso se dê porque o atendimento também não era chamado de sessão, forma também usual de denominar atendimentos, mas sim de aula, o que demarcava outra maneira de se relacionar com o encontro terapêutico. De qualquer modo, percebia que podia estabelecer outras relações de encontros terapêuticos e, sobretudo, outra forma de lidar com saberes e fazeres fisioterapêuticos.

Entendo que isto diz muito de cada relação e de cada encontro terapêutico, o que não quer dizer que todas as relações entre instrutor/a e/ou fisioterapeuta com aluna(o) e/ou paciente se deem da mesma forma. No entanto, nos encontros com a minha instrutora/fisioterapeuta não se estabelecia a relação de mando e obediência e, muito menos de doença e cura. Tal constatação me abriu outro horizonte: outras fisioterapias eram possíveis e, conseqüentemente, podia ser fisioterapeuta de um outro modo, com outros saberes e fazeres. Assim, tornei-me instrutora de Pilates.

Atuo como instrutora do Método Pilates desde 2007 e, desde 2013, venho estudando-o teoricamente. Vislumbrei no Pilates uma possibilidade de atuação profissional e de ser fisioterapeuta. Agradou-me olhar para o corpo na sua integralidade, não vendo o sujeito de forma fragmentada de modo a tratar somente sua patologia, olhar esse que minha formação acadêmica havia priorizado, ou seja, tratar e reabilitar *partes* de pessoas adoecidas. Mesmo que a procura pelo Pilates fosse por uma causa específica – havia sofrido fraturas no tornozelo esquerdo -, era-me proposto movimentar o corpo como um todo e não somente reabilitar o meu tornozelo. Havia ali uma transmissão de um saber-fazer Pilates que me convidava, a aluna, a perceber e a escutar o meu corpo, levando-me a conhecer minhas possibilidades e meus repertórios sensoriais e gestuais. Não se estabelecendo, portanto, uma relação hierárquica na qual pacientes pouco interferem nas condutas de seus atendimentos; nestes eu era ouvida e construía junto à fisioterapeuta/instrutora os rumos das aulas/sessões. Assim, a busca pelo autocuidado, juntamente com minhas experiências vivenciadas, tanto pessoais quanto profissionais no método, despertaram-me interesses em aprofundar meus estudos de Pilates, agora de forma teórica.

Fiz cursos, especialização (LAGRANHA, 2014), escrevi artigo (LAGRANHA; VIEIRA; MACEDO, 2015) e, durante o mestrado (LAGRANHA 2016), tornei-me pesquisadora. No mestrado, busquei analisar como praticantes do Método constituíam formas de cuidados ao corpo. Como constatação de minha dissertação,

percebi que alguns participantes relativizaram as verdades e prescrições do saber-fazer Pilates, questionando-se sobre o correto e o não correto do Método, constituindo, a partir disso, suas próprias apropriações do Pilates que se deu por meio da compreensão do contexto do adoecimento, o que levou sujeitos/praticantes a entenderem suas singularidades (LAGRANHA, 2016).

Durante o mestrado, tive a oportunidade de me aproximar do grupo Políticas de Formação em Educação Física e Saúde (POLIFES/UFRGS²⁰). Tal aproximação com o grupo me levou a participar de discussões acerca de currículo, temática completamente nova para mim: currículo.

[...] lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, *curriculum vitae*: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, documento. O currículo é documento de identidade. (SILVA, 2011, p. 150).

Pela etimologia da palavra *curriculum*, em latim, tem-se “pista de corrida”, sendo, portanto, a “pista” que nos leva a tornarmos quem somos (SILVA, 2011). Isto porque o currículo prevê um ideal de sujeito que o caracteriza, um sujeito que ele deseja chamar de seu (CORAZZA, 2001). Nesta perspectiva, currículo é atravessado por linguagem e é exatamente neste atravessamento que Corazza (2001) atribui ao currículo a condição “linguageira” que, segundo a autora, é o que possibilita diferentes interpretações e processos tradutórios, deixando-o sempre em aberto e indeterminado. Assim, o currículo visa formar um modelo de sujeito com uma identidade que o represente, divulgando posições discursivas e representacionais nas quais identificamos significantes, significados, sons, imagens, conceitos, falas, língua, posições discursivas, representações, metáforas, metonímias, ironias, invenções, fluxos, cortes que constituem a linguagem curricular (CORAZZA, 2001, p. 9).

Por meio dessas discussões a respeito do currículo como uma via aberta de constituição de sujeito e de linguagem, percebi que meus interesses se voltavam à apropriação de uma prática em si, tal como havia sido na especialização e no mestrado, quando me dediquei a estudar como sujeitos se apropriavam do Método

²⁰ O grupo POLIFES, sob orientação do professor doutor Alex Branco Fraga, tem como um dos objetivos investir na formação de pesquisadores em pesquisa qualitativa e questões referentes às políticas de formação, sobretudo no campo da Educação Física, em interface com as áreas da Educação e da Saúde Coletiva. Outras informações no link <https://www.ufrgs.br/polifes/>

Pilates, e sim o modo como sujeitos vão se tornando o que são ao serem afetados por processos que constituem sua formação acadêmica.

É neste atravessamento, na pista formativa curricular, que estudantes se deparam com representações e sentidos atribuídos à identidade do sujeito projetada no Projeto Político e Pedagógico do curso de escolha. Contudo, este sujeito projetado pelo currículo não se materializa na íntegra, uma vez que é difícil determinar os cortes e fluxos possíveis de serem feitos às produções discursivas e representacionais que tal currículo dispõe. Ademais, a identidade curricular não é a única identidade possível a estudantes. O senso comum que, pela condição histórica da Fisioterapia, aponta que a função social de fisioterapeutas ainda é aquela daquele sujeito histórico²¹ da Fisioterapia associado à reabilitação. Propagações midiáticas que divulgam a profissão, o imaginário coletivo que idealiza um fisioterapeuta, experiências na área e fora dela, são exemplos que podem, também, afetar estudantes e levá-los a outras interpretações de saberes e fazeres fisioterapêuticos. Estas produções, não necessariamente, estabelecem relação íntima com a Fisioterapia, mas que, de algum modo, podem produzir efeitos, afetos, que participam da criação de outras formas de ser fisioterapeuta.

É com todas estas multiplicidades de produções que constituem os modos de tornar-se fisioterapeuta que estudantes vão se deparando ao atravessar a trajetória acadêmica, que retorna a questão: *“o que você quer ser quando crescer?”* Questão que nos acompanha desde a infância e que, ainda, faz-se presente na vida de alguns e algumas, tendo a ver com o que podemos fazer com nós mesmos, nem que seja provisoriamente.

É por meio das representações e dos significados atribuídos à identidade que damos sentido para aquilo que somos e aquilo que podemos nos tornar (WOODWARD, 2014). Assim, o sujeito se constitui por uma produção discursiva representada por símbolos e práticas que têm a ver com o contexto histórico/político/social/econômico. Esta produção identitária do sujeito tem relação com disputas de poder que representam um determinado modo de ser no qual tendem a excluir tudo que se diferencia dela.

São nestas representações identitárias hegemônicas – aquela identidade instituída no contexto histórico/político/social/econômico na qual a maioria dos

²¹ No decorrer do projeto, será explicado o que estamos tomando por sujeito histórico.

sujeitos assume como sendo a “certa” – que emerge a figura do sujeito não instituído. Neste sujeito não instituído, que não se identifica com as representações identitárias hegemônica, que se produz diferentes modos de existência que, não necessariamente, são produções identitárias em oposição à identidade hegemônica.

Há um imaginário coletivo no qual relaciona a Fisioterapia à reabilitação, sendo comum encontrar pessoas que acham que essa é a única competência de fisioterapeutas. Contudo, há muitas outras áreas de atuação e competências que cabem a profissionais fisioterapeutas como, por exemplo, na promoção de saúde. Ademais, diferenciações e modos de vir a ser fisioterapeutas, assim como em qualquer outra profissão, não são produções naturais, fixas, transcendentais e permanentes, mas sim produções múltiplas, construídas, indeterminadas, contraditórias, instáveis e permeadas de relações de poder e de acontecimentos, inusitados ou não, que emergem tendo relação como o momento histórico no qual estão inseridas (SILVA, 2014).

São nessas produções identitárias e de diferenciações que estudantes passam a desbravar outras rotas para seguir a pista curricular. Isto acontece quando aquilo que imaginávamos e fazia sentido para a formação passou a não fazer mais sentido. Deste modo, passamos a pensar de outras formas, produzindo outras subjetividades que, mesmo que não saibamos nominá-las e/ou conceituá-las, elas acabam nos constituindo. E são essas novas formas de pensar que levam estudantes a buscarem outras rotas, distanciando-se, em maior ou menor grau, das pistas previstas pelo currículo, que identificam modos de saber/fazer Fisioterapia que, até então, eram responsáveis por apoiar nossa formação.

É nesta ruptura com aquilo que nos identificávamos que Silvio Gallo (2008) aponta, apoiado pelos saberes de Deleuze e Guattari, a necessidade de pensar a educação através do exercício do pensamento, uma vez que nunca se sabe de antemão como alguém aprende. Assim, o território da educação deve considerar a educação maior – composta pelos saberes das diretrizes, leis e projetos pedagógicos - e a educação menor – aquela que escapa do que é planejado pela

educação maior. E é nesta educação, na menor, que estudantes passam a criar seus próprios caminhos e rizomas²² formativos.

Dessa forma, entendo que este processo de produção de subjetividade entre educação maior e educação menor nos leva a outras produções e interpretações do que queremos fazer com nós mesmos, no processo de construir alternativas sobre o que “*ser quando crescer*”, mesmo que esse ser, a priori, possa estar por vir.

Considerando minha trajetória, percebo que não segui *ipsi litteris* a identidade fisioterapêutica prevista no currículo que havia me formado. Quando finalizei a graduação, em 2002²³, em uma faculdade privada, o currículo vigente pretendia formar fisioterapeutas que atuassem, sobretudo, na reabilitação de “pacientes” e na “cura” de doenças. A visão que sustentava tais posições discursivas curriculares da educação maior ia ao encontro do modelo biomédico, tecnicista e mecanicista, que priorizava o corpo biológico e se centrava na doença e na reabilitação (BISPO JUNIOR, 2009). Somente quando estava finalizando a faculdade que o currículo de Fisioterapia mudava, abordando questões mais humanistas, críticas e reflexivas. Neste mesmo ano de 2002 que as Diretrizes Curriculares do Curso de Fisioterapia entrariam em vigor. O que não quer dizer que estes saberes que constituem as atuais Diretrizes Curriculares do Curso já não circulavam como germes (ROLNIK, 2019), possibilitando a emergência de outras realidades e acontecimentos, evidenciando, assim, o surgimento de outros modos de vir a ser fisioterapeuta.

Considerando minha história de vida, minha escolha pela Fisioterapia, o processo de me tornar fisioterapeuta, minhas pulsações pelo tema, levando em conta meus pensamentos, subjetividades, condição social e historicamente constituída, e tudo aquilo que, de alguma maneira, me constituiu e/ou constitui, seja as experiências vividas que me levaram à adequação, negação, invenção, criação do que é ser Fisioterapeuta para mim e de como se dá a formação de estudantes em relação a seus atravessamentos tanto no que diz respeito ao Projeto Político Pedagógico do Curso de Fisioterapia da UFRGS, esta tese de doutorado tem como questão de pesquisa: **Como estudantes do Curso de Fisioterapia que não se**

²² A noção de rizoma de Deleuze e Guattari para pensarmos na produção de multiplicidades nos processos formativos, contrapondo a perspectiva arbórea, cartesiana e hierárquica, que considera que a formação tem um único eixo, regulando, assim, a informação.

²³ No decorrer da tese será apresentada de que maneiras as Diretrizes Curriculares Nacionais levaram a mudança de perspectiva de ensino em Fisioterapia.

identificam com o curso, mas que ainda apostam nesta formação, constroem suas próprias rotas de aprendizagem na formação inicial?

Para dar conta do meu questionamento de pesquisa, desdobrei-o nas seguintes perguntas: como se dão a travessia e a produção desses processos formativos daqueles e daquelas que não cursam exatamente a rota prevista pelo currículo, mas que chegam até a reta final do Curso? O que acontece com aqueles e aquelas que, porventura, desviam, atalham as pistas curriculares? Quais são as pistas alternativas criadas por estudantes desviantes que produzem diferenciações em relação ao perfil de egresso e/ou ao Projeto Político e Pedagógico do curso de Fisioterapia da UFRGS?

A tese está dividida: Meu lugar de Fala; (1) “Rotas de uma formação”; (2) “Afinal, o que pretende um caminho curricular?”; (3) Caminhos Teóricos Metodológicos; (4) Trilhos do Curso de Fisioterapia no Brasil; (5) Da criação do Curso de Fisioterapia da UFRGS: Pistas da Educação Maior; (6) Antes da Largada: Quando o Curso de Fisioterapia passou a ser uma possibilidade; (7) Entre diferentes travessias: flâneur na pista curricular; (8) O vir a ser fisioterapeuta: Caminhos para sonhar o futuro da Fisioterapia; (9) Considerações finais.

Considereei como sendo “pistas” os capítulos “Antes da Largada: Quando o Curso de Fisioterapia passou a ser uma possibilidade” (Pista 1); Entre diferentes travessias: flâneur na pista curricular” (Pista 2) e “O vir a ser fisioterapeuta: Caminhos para sonhar o futuro da Fisioterapia” (Pista 3). Pistas por entender que existe mais de um caminho a ser seguido por estudantes, de maneira que eles/as vão construindo suas próprias rotas de aprendizagem na formação inicial. Sendo assim, a Pista 1 se refere ao que levou estes e estas estudantes a se interessarem pelo Curso de Fisioterapia da UFRGS; Pista 2 aborda o momento presente em que estudantes estão cursando Fisioterapia; Pista 3 apresenta as projeções destes e destas estudantes, que ainda estão no curso, idealizaram para o futuro como profissionais da Fisioterapia.

Considerando que a formação acontece em diferentes momentos entre espaço-tempo, parto do entendimento que os caminhos que estudantes trilham na pista curricular vão se constituindo a partir da produção de pensamentos entre passado, presente e futuro, uma vez que foi preciso imaginar algo para poder criar condições para que o momento presente aconteça e, posteriormente, para projetar-se no futuro.

Tendo este entendimento de espaço-tempo, os eixos teóricos que norteiam a tese são a noção de imaginário (o que levou a escolha por Fisioterapia), educação maior e educação menor (apreender as tensões produzidas durante o Curso que levaram estudantes a repensarem em suas escolhas profissionais) e sonho Yanomami (noção que correlaciona presente, passado e futuro, tendo um olhar no coletivo e, ao mesmo tempo, individual).

Dito isso, a tese tem por direcionamento estudantes e profissionais de Fisioterapia que entendem a formação como sendo um processo educativo e permanente, tendo influência de acontecimentos passados e do presente vivido no cotidiano. Ou seja, pessoas abertas a pensar criticamente a Fisioterapia e/ou os modos de ser fisioterapeuta por meio de atuações individuais, coletivas e sociais que a condição profissional pode proporcionar.

Em “Meu lugar de fala” apresento quem sou e como fui me apropriando e construindo a presente tese, minhas especulações sobre o tema de formação em Fisioterapia e como fui atravessada por esta condição de ser fisioterapeuta. Capítulo **“Rotas de uma Formação”** introduzo como cheguei no problema de pesquisa e quais atravessamentos me levaram a me interessar por estudar da formação em Fisioterapia da UFRGS na perspectiva de estudantes que não se identificam completamente com o Curso.

No Capítulo 2, **“Afinal, o que pretende um caminho curricular?”**, apresento o conceito de currículo como sendo a rota oficial que leva estudantes a se tornarem profissionais. Adoto as lentes pós-estruturalistas, entendendo-o como sendo produto e produtor de cultura, tendo caráter construcionista, social e historicamente constituído (SILVA, 2011), sendo aberto a modificações e a múltiplos modos de constituição de sujeito (CORAZZA, 2001) e, portanto, rizomático no qual não possui um único eixo de aprendizagem, mas sim uma multiplicidade de formas de aprender (GALLO, 2008). Assim, currículo, na perspectiva adotada, está aberto a modificações e múltiplas significações, não dizendo tudo, deixando, sempre, algo a dizer, permeado a diferentes interpretações e produções de subjetividades, tanto de educadores quanto de estudantes.

Para apreender como acontece tais fissuras e modificações nas rotas curriculares que levam estudantes a criarem rotas alternativas ao se confrontarem com o currículo proposto, apresento, ainda no Capítulo 2, a noção de educação maior e educação menor, sendo a primeira todo aquele saber escolhido e

privilegiado que a instituição adota como verdade, enquanto educação menor são as diferenciações produzidas pelos saberes hegemônicos da educação maior. **“Andar desviante: o que pode ser estudante flâneur?”**, também na Pista 2, apresento o grupo de participantes da pesquisa que foram estudantes que estranhavam as pistas projetadas pelo Curso de Fisioterapia da UFRGS, educação maior, nos quais buscaram outros caminhos para continuarem seus processos formativos durante a graduação.

No capítulo **“Caminhos Teóricos Metodológicos”**, apresento a Pesquisa Qualitativa e a Cartografia que contou com dados secundários oriundos do Projeto Pedagógico do Curso de Fisioterapia da UFRGS, dos relatórios das avaliações do NAU e materiais e/ou produções de discentes referentes as disciplinas do Curso de Fisioterapia, sobretudo a que realizei estágio docente. As informações foram obtidas dos relatórios do Projeto Pedagógico e das Avaliações do NAU, que considerei como sendo os saberes da educação menor por ser falas de estudantes referente ao Curso de Fisioterapia e a Instituição ESEFID/UFRGS.

Para dar conta das análises dos materiais e/ou produções de discentes referentes às disciplinas do Curso de Fisioterapia, a escolha foi pela Cartografia, uma vez que a produção de dados foi sendo produzida junto a estudantes participantes da pesquisa. A materialidade empírica da investigação foi montada a partir de 44 questionários do NAU respondidos por estudantes, 9 participantes do grupo focal de estudantes a partir do 6º semestre do curso e 8 estudantes matriculados na disciplina que antecede a estágio curricular. Foi salientado as percepções e movimentos da vida de estudantes flâneur, quais foram as aberturas e os processos de crises e/ou intenções que levaram a rotas de fuga, produzindo germinações possíveis a levar a mudança de rotas profissionais (ROLNIK, 2019, p.11).

Em **“Trilhos do Curso de Fisioterapia no Brasil”**, Capítulo 4, é um capítulo teórico-conceitual que apresenta a emergência da Fisioterapia no Brasil sob o ponto de vista histórico/político/econômico/social, como ela foi se constituindo enquanto curso superior e quais foram as influências pós Diretrizes Curriculares Nacionais nos Cursos de Fisioterapia, sobretudo o da UFRGS. Em seguida, no capítulo 5, **“Da criação do Curso de Fisioterapia da UFRGS: pistas da Educação Maior”**, apresento como foi se constituindo o Curso de Fisioterapia da ESEFID/UFRGS, o Núcleo de Avaliação da Unidade da ESEFID/UFRGS (NAU/ESEFID/UFRGS) e

como este núcleo deu subsídios, através de suas avaliações, para pensarmos em rastros da educação maior.

No capítulo 6, **“Antes da largada: quando o curso de Fisioterapia passou a ser uma possibilidade”**, capítulo de análise, Pista 1, aproprio-me da noção de imaginário de Juremir Machado da Silva (2017) para pensar quais produções estudantes, referentes ao que lembram de suas memórias do passado, que participaram da pesquisa produziram a respeito do curso de Fisioterapia da UFRGS de forma a despertar o interesse pela área. Em seguida, capítulo 7, capítulo de análise, **“Entre diferentes travessias: flâneur na pista curricular”** apresento as diferentes travessias da Educação Menor e por onde estudantes desviantes abriram caminhos alternativos aos propostos no curso. Destes caminhos, problematizo as pistas (Pista 2) que desviaram da rota prevista pela educação maior: desterritorialização do toque como cuidado terapêutico; Internet e ensino remoto emergencial (ERE) como espaços de desterritorialização da sala de aula; UFRGS como espaço de ramificações políticas da educação menor.

“O vir a ser fisioterapeuta? Caminhos para sonhar o futuro da Fisioterapia”, capítulo conceitual teórico e de análise de dados, Pista 3, trato das projeções de estudantes participantes da pesquisa sobre seus futuros enquanto fisioterapeutas. Considerando que o sujeito se constitui a partir do que lhe aconteceu no passado, do que está vivendo em tempo real no aqui-agora e do que imagina que possa vir acontecer no futuro, a noção de sonho dos Yanomami entra como referencial teórico conceitual para articular com o que estudantes flâneur esperam do vir a ser fisioterapeuta.

Há diferentes caminhos para ler este escrito²⁴: (A) na íntegra, respeitando a ordem dos capítulos apresentados na tese; (B) caminho teórico conceitual; (C) caminho da análise de dados; (D) caminho entre presente, passado e futuro.

- Leitura na íntegra: “Meu lugar de Fala”; Capítulo 1, “Rotas de uma Formação”; Capítulo 2, “Afinal, o que pretende um caminho curricular?”; Capítulo 3, Caminhos Teóricos Metodológicos”; Capítulo 4, “Trilhos do Curso de Fisioterapia no Brasil”; Capítulo 5, “Da criação do Curso de Fisioterapia da

²⁴ Inspirado no livro “O JOGO DA AMARELINHA” de Julio Cortázar no qual sugere diferentes modos de leitura.

UFRGS”; Capítulo 6, “Antes da Largada: Quando o Curso de Fisioterapia passou a ser uma possibilidade”; Capítulo 7, “Entre diferentes travessias: flâneur na pista curricular”; Capítulo 8, “O vir a ser fisioterapeuta: Caminhos para sonhar o futuro da Fisioterapia”; Considerações Finais.

- Leitura pelo caminho Teórico Conceitual: Capítulo 1, “Rotas de uma Formação”; Capítulo 2, “Afinal, o que pretende um caminho curricular?”; Capítulo 3, Caminhos Teóricos Metodológicos”; Capítulo 4, “Trilhos do Curso de Fisioterapia no Brasil”; Capítulo 5, “Da criação do Curso de Fisioterapia da UFRGS”; Capítulo 8, “O vir a ser fisioterapeuta: Caminhos para sonhar o futuro da Fisioterapia”; Considerações Finais.
- Leitura pelo caminho de Análise de Dados: Capítulo 1, “Rotas de uma Formação”; Capítulo 2, “Afinal, o que pretende um caminho curricular?”; Capítulo 3, Caminhos Teóricos Metodológicos”; Capítulo 6, “Antes da Largada: Quando o Curso de Fisioterapia passou a ser uma possibilidade”; Capítulo 7, “Entre diferentes travessias: flâneur na pista curricular”; Capítulo 8, “O vir a ser fisioterapeuta: Caminhos para sonhar o futuro da Fisioterapia”; Considerações Finais.
- Leitura pelo caminho entre presente, passado, futuro: seguir as rotas de formação do Apêndice 6 e buscar os caminhos percorridos por estudantes no passado (Capítulo 6, Antes da Largada: Quando o Curso de Fisioterapia passou a ser uma possibilidade), presente (Capítulo 7, “Entre diferentes travessias: flâneur na pista curricular”), futuro (Capítulo 8, “O vir a ser fisioterapeuta: Caminhos para sonhar o futuro da Fisioterapia”).

Considerando o conceito de currículo como sendo prática cultural, aberto a modificações e a noção de flâneur para pensar em estudantes “desviantes” frente a cenários de crise quando se deparam nas vivências durante o curso de Fisioterapia, o espaço-tempo de passado, presente e futuro, por que não pensarmos em diferentes caminhos para se ler uma tese?

2 AFINAL, O QUE PRETENDE UM CAMINHO CURRICULAR?

“Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para ir embora daqui?”
“depende bastante de para onde quer ir”, respondeu o Gato.
“Não me importa muito para onde”, disse Alice.
“Então não importa que caminho tome”, disse o Gato.
“Contanto que eu chegue em algum lugar”, Alice acrescentou à guisa de explicação²⁵.

Pela etimologia da palavra, currículo significa “pista de corrida” podendo ser apreendido como sendo a pista que trilhamos no percurso projetado pela trajetória acadêmica. Ele também pode ser compreendido como sendo uma rota que tende a levar a um modo de pensar, conduzindo estudantes a compor suas autobiografias (SILVA, 2011).

Segundo Tomaz Tadeu da Silva (2011), é exatamente no curso destas pistas curriculares que nos tornamos quem somos. Contudo, a rota oficial prevista pelo currículo é uma das possibilidades de rotas de formação que atravessam e cruzam a pista do processo formativo de estudantes. Para problematizar como se deu a formação de estudantes quanto a identificações e diferenciações com o curso de Fisioterapia da UFRGS, analisei o currículo, o trajeto “oficial” institucionalizado da UFRGS, através das lentes pós-estruturalistas. Dentro dessa perspectiva, o currículo é arbitrário, ficcional e aberto a modificações (CORAZZA, 2001; SILVA, 2011), podendo ser transformado e potencializado em múltiplos modos de tradução e de constituição de sujeito (CORAZZA, 2017).

Segundo Tomaz Tadeu da Silva (2011),

Talvez o mais importante e mais interessante do que a busca da definição última de “currículo” seja a de saber quais questões uma “teoria” do currículo ou um discurso curricular busca responder. Percorrendo as diferentes e diversas teorias do currículo, quais as questões comuns elas tentam, explícita ou implicitamente, responder? Além das questões comuns, que questões específicas caracterizam as diferentes teorias do currículo? Como essas questões específicas distinguem as diferentes teorias do currículo? (SILVA, 2011, p. 14).

O currículo diz respeito a uma produção discursiva e não discursiva, dotado de um sistema de significações, que estão relacionadas com um modo de ver o mundo e de lidar com conhecimentos e saberes. Assim, entender quais são as

²⁵ Trecho retirado do livro “Alice no país das maravilhas”, de Lewis Carrol.

questões que um currículo problematiza leva-nos a identificar os discursos que ele se utiliza para sustentar as teorias que o constitui e os conhecimentos que ele pretende ensinar (CORAZZA, 2001; SILVA, 2011).

O currículo dentro da perspectiva pós-estruturalista é analisado como linguagem, uma vez que se utiliza desta para identificar, significar, demarcar posições discursivas e criacionistas de enunciar verdades e responder questões que sustentam suas teorias (CORAZZA, 2001). Por ser composto por linguagem, é uma prática social e que se materializa em instituições, normas, prescrições éticas, morais, regulamentos, práticas, valores e em modos de ser sujeito. É também um artefato cultural que se constitui por um conjunto de práticas que representa a intencionalidade e valores da instituição no qual ele pertence (SILVA, 2011).

E, também, o currículo diz respeito a uma seleção de saberes que está diretamente relacionada à disputa de saber/poder. Pois, ao divulgar um conhecimento, nos leva a considerar questionamentos tais: por que um determinado conhecimento é considerado mais importante do que outro e quais seriam os critérios desta escolha? Lembremos que currículo também é um método prescritivo e que consiste em um sistema de significações disciplinares que preveem uma verdade em si mesmo (FOUCAULT, 1975). Deste modo, não se pode olhar o currículo com ingenuidade, pois nele consta uma intencionalidade, uma escolha prévia de seleção de saberes e verdades.

O currículo previsto pela instituição no qual ele representa retrata um modo de ver o mundo que está a serviço desta instituição, divulgando um determinado saber que transmite um modo de pensar ao invés de outro (CORAZZA, 2001). Por isso, o currículo não pode ser visto com neutralidade, uma vez que há seleção de saberes, do que pode ser dito e não dito, estando relacionado com a conjuntura histórica e social do período no qual ele está sendo implementado (SILVA, 2011).

Apropriando-se de conceito de rizoma criado por Deleuze e Guattari, Gallo (2008) sugere que, para pensarmos o currículo aos modos rizomáticos ao invés do arbóreo (modelo educacional hegemônico que prevê um único eixo de aprendizagem). Dito isso, a produção de pensamento da tese passa pela compreensão de formação, também, aos modos rizomáticos, podendo existir, portanto, mais de um eixo de aprendizagem.

Tomado pelo entendimento de literatura maior e literatura menor, de Gilles Deleuze e Felix Guattari (2003), ao se referir à obra literária de Franz Kafka, Silvio Gallo (2008) se propõe a pensar a educação.

Se há uma literatura menor, por que não pensarmos numa educação menor? Para quem e para além de uma educação maior, aquela das políticas públicas, dos ministérios e secretarias, dos gabinetes, há também uma educação menor, da sala de aula, do cotidiano de professores e alunos. É essa educação menor, que nos permite sermos revolucionários, na medida em que alguma revolução ainda faz sentido na educação em nossos dias. A educação menor, constitui-se, assim, num empreendimento de militância (GALLO, 2002, p. 169).

Silvio Gallo, em 2008, já nos levava a pensar criticamente a educação, assim como a perceber a multiplicidades de entendimentos e correlações que nela estão implicados. No entanto, na presente tese, o que se coloca urgente é como se dá a constituição de subjetividades de estudantes que olham sob suspeita o que a eles/as foi ensinado durante o percurso de seu curso de formação. De qualquer forma, colocar sob tensão, e em diálogo, a importância de abordar a educação menor e suas conexões e deslocamentos “não pode deixar de ser matéria de preocupação pedagógica e curricular (SILVA, 2011, p. 97).

Visto isso, Silvio Gallo (2008) propõe pensar estes deslocamentos produzidos nas rotas de formação de estudantes a partir de uma perspectiva criativa que é da correlação entre educação maior e educação menor. Segundo o autor, a educação maior são os conceitos que fundamentam e constituem os modos de pensar atrelados às políticas públicas, diretrizes curriculares, lei, normas, documentos, processos pedagógicos etc. É aquele modo educacional instituído “e que quer instituir-se, fazer-se presente, fazer-se acontecer” (GALLO, 2008, p. 64). Já a educação menor é aquela que escapou da prescrição totalitária da educação maior, colocando-o sob suspeita, resistindo suas normas, rompendo com mecanismos de controle desta, abrindo outros espaços e ações para existir.

A educação menor é rizomática, segmentada, fragmentada, não está preocupada com a instauração de nenhuma falsa totalidade. Não interessa a educação menor criar modelos, propor caminhos, impor soluções. Não se trata de buscar a complexidade de uma suposta unidade perdida. Não se trata de buscar a integração dos saberes. Importa fazer rizoma. Viabilizar conexões e conexões; conexões sempre novas. Fazer rizoma com os alunos, viabilizar rizomas entre alunos, fazer rizomas com projetos de outros professores. Manter os projetos abertos: “um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-se, *intermezzo*.” (GALLO, 2008, p. 68)

A educação menor aposta na multiplicidade, considerando as inter-relações, correlações, atravessamentos, rupturas que brotam no processo formativo que é vivo e singular. Ela nos ajuda a entender que existe outras realidades e modos de subjetivação que se produzem para além daqueles instituídos e preconizados pela educação maior. Portanto, é necessário estarmos atentos as seguintes questões: as produções singulares que se constituem a partir da multiplicidade de referências existentes, e não somente as previstas pela educação maior; existe a possibilidade de formação de uma subjetividade diferente daquelas que se produzem a partir dos mesmos modos de subjetivação nos quais reconhecemos e identificamos como sendo produto dos saberes vigentes do projeto pedagógico que está em vigor; e que a realidade é múltipla e fragmentada, sendo exatamente isto que possibilita a abertura de outros campos possíveis de levar a outros caminhos.

Assim, o modelo rizomático proposto por Gallo (2008), é um conceito que permite pensar a formação em duas dimensões que se inter cruzam e se digladiam o tempo todo: a formação institucional com suas pistas desenhadas de antemão e as rotas produzidas por estudantes que “teimam” em produzir vicinais.

2. 1 ANDAR DESVIANTE: O QUE PODE SER ESTUDANTE FLANEUR?

A noção de flâneur adotada é a de Walter Benjamin (BENJAMIN, 1989), filósofo judeu, alemão que, em virtude da urbanização, fez uma crítica ao surgimento das grandes cidades e das indústrias pós-Revolução Industrial. Neste contexto, no século XIX e início do XX, houve uma crise quanto aos modos de existências relacionados à experiência. Por meio desta mudança de percepção, Benjamin cria a figura conceitual do flâneur a fim de refletir a respeito do lugar do sujeito na sociedade.

Flâneur seria aquele sujeito que vive no limiar entre o passado e o presente, que tenta escapar de qualquer tipo de institucionalização. Nesta perspectiva de Benjamin (1989), seria aquele sujeito que contempla a experiência, buscando uma consciência histórica relacionada às experiências compartilhadas à época pelo choque provocado com os modos de vida no final do século XIX e início do século XX, marcados pelo consumo como meio de transformação de tudo e todos em mercadoria. Neste cenário, devido aos avanços dos meios de produção, o sujeito

passava a sucumbir às demandas do mercado de trabalho, deixando de contemplar sua experiência na vida e passando a viver a partir do contexto frenético pós-Revolução Industrial provocava.

Caminhante e observador, flâneur era aquele sujeito que atravessava as ruas distraído, contemplado o entorno de modo a não estar atento às demandas oriundas do mercado de trabalho. É aquele que tem a rua como casa²⁶, e que a vive em toda as suas variações e diversidades. É, também, aquele que se coloca na condição de andarilho entre a multidão de passantes.

a rua se torna moradia para o flâneur, que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes. Para ele, os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são a escrivaninha onde apoia o bloco de apontamentos; bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após o trabalho, observa o ambiente. Que a vida, em toda a sua diversidade, em toda a sua inesgotável riqueza de variações, só se desenvolva entre os paralelepípedos cinzentos e ante o cinzento pano de fundo do despotismo: eis o pensamento político secreto da escritura de que faziam parte as fisiologias (BENJAMIN, 1989, p. 35).

A noção de Flâneur de Benjamin (1989) foi central neste trabalho para ajudar a compreender o percurso de estudantes do curso de Fisioterapia da UFRGS que tive a oportunidade de acompanhar ao longo desta pesquisa. Muito em função da minha própria trajetória como estudante, pude fazer relações entre os percursos institucionalmente traçados e as frestas encontradas por estudantes flâneur. Conforme ia sendo atravessada por acontecimentos durante a trajetória, na “rua” acadêmica, deparei-me com estudantes que reconsideraram a possibilidade de seguir outras rotas, além daqueles que os levaram, inclusive, a optar pela formação em Fisioterapia.

“Quando entrei no curso tinha a ideia de ser um profissional autônomo e não gostava muito da ideia de trabalhar em hospitais, tinha também alguma expectativa de seguir a profissão voltado à área da gerontologia. Entretanto, à medida que conheci outros campos de atuação, e como a Fisioterapia é ampla, minha percepção sobre o papel do profissional mudou, bem como minhas expectativas.” (J. M²⁷)

²⁶ Não necessariamente restrito a sentido contemporâneo de sem-teto.

²⁷ Homenagem a Jorge Mautner “maldito” da MPB, levou uma vida e uma carreira tão improváveis que sua história pedia para ser transformada em filme. Músico, poeta, cineasta, membro do Partido Comunista Brasileiro e tropicalista.

“Além do perfil profissional que a gente vai traçando ao longo do curso, gostando de uma cadeira e de outra, existe o perfil pessoal que a gente vai formando. Isso é inevitável. Às vezes fico pensando: qual foi o mais significativo ao longo desta caminhada, se foi a formação do meu perfil profissional ou se foi a formação do meu perfil pessoal. Conversei com outras pessoas fora da UFRGS e tem uma diferença curricular muito grande. Um cuidado que os professores têm, e os alunos também, com as questões sociais e com o tratamento da saúde pública. Isso nos proporciona uma formação pessoal que não é proporcionada em outros lugares. Consegui atender e entender o paciente em vários níveis. A UFRGS proporciona isso para a gente, pensar o que a gente está fazendo naquele meio, naquela sociedade, em como a gente está atuando em um meio mais vulnerável” (L. M.²⁸)

Evidentemente, os caminhos escolhidos por estes/as estudantes não são vistos na presente tese como universais, pois a ideia não é, simplesmente, propor modificações curriculares a partir dos achados desta tese, mas sim evidenciar a possibilidade de ruptura de uma visão estanque sobre formação. Evidenciar que sempre há possibilidades de mudança, mesmo que o que tenha levado ao interesse em ingressar no Curso de Fisioterapia possa, através das experiências vividas durante a formação, não fazer mais sentido. Assim, através da perambulação curricular relatada por estes dois estudantes, é possível perceber que há espaço para criação, expressões, atitudes, valores, sentidos que escapam daquilo que estes estudantes esperavam do curso, abrindo possibilidades de expandir as fronteiras estritas das disciplinas curriculares e a perspectiva arbórea, cartesiana e hierárquica na qual considera um único eixo ao processo formativo.

O repensar a rota a ser seguida se deu tanto pela mudança de expectativas, como citado por J. M., quanto pelos encontros que L. M. foi se deparando ao longo da caminhada acadêmica, demonstrando que não há um binarismo no processo formativo, ou seja, um caminho “certo” a ser percorrido. Contudo, neste capítulo, como foi descrito em “Rotas de uma Formação”, não pretendo desenvolver e/ou propor rotas desviantes, mas sim assinalar que pode haver momentos de pausa, de repensar, de contemplar rotas e trajetos que estudantes estavam atravessando até então. É sinalizar que, em algum momento, estudantes passaram a repensar o que estavam fazendo e/ou o que queriam fazer como estudantes de Fisioterapia, algo que foi além da experiência do choque de cumprir demandas acadêmicas que não lhes pareciam contempladas no modo como se imaginavam profissionais de

²⁸ Homenagem a Luiz Melodia “maldito da MPB, viveu uma relação descontinuada entre os holofotes e as sombras da MPB.

Fisioterapia. Em suma, a intenção foi cartografar o movimento desses/as estudantes por entre as frestas curriculares do curso e, sobretudo, sinalizar que a condição de estudante flâneur não é necessariamente daquele/a que vá de encontro ao currículo, mas que pode ser daquele/a estudante que, inclusive, pode reconhecer que na UFRGS há “uma diferença curricular muito grande”, passando pelo “cuidado que os professores têm” que “proporciona uma formação pessoal que não é proporcionada em outros lugares”, conforme salienta o estudante flâneur L. M.

Por isso, qualifico este capítulo, “Afinal, o que pretende um caminho curricular? como de caráter mais teórico-conceitual, pois o objetivo é apresentar de que modo a noção de flâneur atravessará rizomaticamente toda a tese, assim como dar pistas sobre como este conceito se articula com o entendimento de currículo adotado.

Neste copilado entre o que lhes foi ensinado, educação maior (Projeto Político Pedagógico do Curso de Fisioterapia da UFRGS. DCN, leis, decretos, regimentos de Conselhos Federais e Estaduais, entre outros) e o que lhes foi possível apreender, educação menor (produções, valores, atitudes, sentidos que estudantes fazem com aquilo que apreenderam com o que lhes foi ensinado), que estudantes vão se constituindo e tornando-se fisioterapeutas, traduzindo o que lhes afetaram, colocando-se em contato com o mundo, como sujeito identificado como sendo fisioterapeuta.

Neste tornar-se fisioterapeuta, estudantes flâneur seriam aqueles e aquelas que, tal como os alunos J. M. e L. M., conseguem olhar para o curso tal como um “estrangeiro” olharia, mesmo sendo nativos, uma vez que já perambularam um bocado pelo currículo e estavam quase finalizando a graduação. É importante salientar que não existe um único modo de ser estudante e muito menos que haja um modo “verdadeiro” e/ou compreendido em todos os contextos acadêmicos, sendo flâneur ou não. O que importa é que o modo de ser estudante leve este/a pensar a formação por meio dos agenciamentos e afetos produzidos (GALLO, 2008).

Contudo, mesmo que haja conservação e não transformação da educação maior, como uma alteração do projeto curricular, por exemplo, o processo de repensar a trajetória acadêmica, como rota que está por vir, é “um catalizador, um fermento, que a um só tempo faz multiplicar e crescer possibilidades de pensamento” (GALLO, 2008) e, no caso dos estudantes/participantes desta tese,

também amplia suas possibilidades de criarem formas alternativas de fazerem o curso. Deste modo, a minha intenção em pensar na condição flâneur é apreender quais são os dispositivos que levam estudantes a tratarem as questões educacionais a partir dos agenciamentos produzidos por movimentos singulares que interferem nos caminhos projetados pelo curso e os pretendidos por estudantes. Por isso, pareceu-me mais apropriado pensar, genericamente, a formação em Fisioterapia sob a ótica da filosofia da educação, mesmo não sendo formalmente minha área de inserção acadêmica. E assim decidi fazer muito inspirada nas formulações de Silvio Gallo (2008), que é um filósofo e pensador da educação.

O filósofo da educação é, antes de qualquer coisa, filósofo. É um pensador, um criador de conceitos que dão consistência a acontecimentos no campo educacional, sem perder a finitude do caos no qual mergulha, já que é esse infinito o que permite a criatividade, que permite que conceitos sempre novos possam brotar no plano de imanência (GALLO, 2008, p. 58).

Compartilho com as ideias de Silvio Gallo (2008) no que se refere a pensar filosoficamente a educação, como potência e condição de flâneur, dando consistência aos acontecimentos que atravessam o campo educacional da Fisioterapia, que a educação maior, a institucional, não alcança. Inspirada nos princípios gerais da filosofia e da educação, aos modos de uma filósofa da educação, como propõe Silvio Gallo (2008), busquei indícios que evidenciam composições entre educação maior e educação menor, agenciamentos, encontros e devires que levaram à produção de pensamento que contribuíram para que estudantes atravessassem e optassem por caminhos curriculares que lhe fizeram seguir adiante no curso. Isto porque, em maior ou menor grau, em algum momento de sua trajetória acadêmica, todo e toda estudante pode criar a condição de contemplar a pista curricular aos olhos de um flâneur, na vagabundagem, sem pressa, olhando-a com certa predisposição de “sentir” as ruelas do currículo.

3 CAMINHOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS

“É vagabundagem? Talvez. Flanar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí o desocupado flâneur ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas. Do alto de uma janela como Paul Adam, admira o caleidoscópio da vida no epítome delirante que é a rua; à porta do café, como Poe no Homem da Multidões, dedica-se ao exercício de adivinhar as profissões, as preocupações e até os crimes dos transeuntes²⁹.”

A pesquisa qualitativa me possibilitou acompanhar o processo de estudantes, que foram sujeitos da pesquisa, nas transformações de suas realidades, nas experiências em relação ao mundo social e em suas maneiras de compreenderem esse mundo (FERIGATO; CARVALHO, 2011). Por meio desses movimentos, busquei acompanhar como os sujeitos constroem o mundo em seu entorno e como eles se relacionam com o que está acontecendo em suas vidas (FLICK, 2009). Particularmente, pude apreender como estudantes de Fisioterapia da UFRGS, que fizeram rotas alternativas as projetadas pelo currículo e de que maneira tais estudantes foram sendo atravessados por acontecimentos que emergiram durante a graduação.

A cartografia como abordagem teórico-metodológica me possibilitou capturar a lógica interna deste grupo de estudantes (44 questionários do NAU respondidos por estudantes, 9 participantes do grupo focal de estudantes a partir do 6º semestre do curso e 8 estudantes matriculados em disciplina que antecede a estágio curricular) que não conseguia concatenar o tipo de profissional projetado pelo curso com as demandas sócio/político/culturais de um tempo marcado pela radicalização das políticas neoliberais, especialmente agravadas por um governo (2018-2022) que atacava as universidades e o corpo discente, considerando-os como inimigos.

Para de algum modo capturar este movimento, apostei na condição privilegiada de fisioterapeuta/instrutora/pesquisadora/estagiária docente para acompanhar e apreender como estudantes foram sendo afetados em suas trajetórias de formação pelas ofertas formais e como foram construindo novas linhas de saberes, sentires e fazeres (CORAZZA, 2017) para conectarem com seus processos de identificação e diferenciação com a área. Acompanhei, também, o

²⁹ Trecho retirado do livro “A alma encantadora das ruas”, de João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto, cronista carioca entre o período de 1904 a 1907, defensor do hábito de flanar como um modo de ser e um estilo de vida.

Núcleo de Avaliação da Unidade (NAU) como integrante, participando das avaliações institucionais quanto a currículo.

Pensar cartograficamente é um estado de espírito, uma disposição. Foi preciso estar aberta aos imprevistos da pesquisa, compondo junto com estudantes que estão prestes a serem meus e minhas colegas fisioterapeutas as intercorrências do processo de problematização em uma tese. Nesta perspectiva, trata-se de produzir o pequeno mundo que estamos focando, de construir realidades e não simplesmente interpretá-las (KASTRUP; PASSOS, 2013).

A cartografia se produz coletivamente, uma vez que seus processos acontecem no ato dos encontros entre quem propõe a pesquisa, eu mesma como fisioterapeuta/instrutora/pesquisadora/estagiária docente, e demais estudantes participantes da pesquisa. Para trazer alguns elementos mais concretos da prática cartográfica nesta pesquisa, cabe destacar que fui construindo o conhecimento coletivamente com estudantes participantes, de maneira que fomos criando formas de pensar a partir de um plano comum traçado entre envolvidos(as), um “como fazer” a partir da experiência coletiva que viveram, e se encontram registradas, sobretudo, nos dados do NAU, nas anotações dos acontecimentos dentro do meu estágio docente e dos atravessamentos contemporâneos que demarcaram a vida de estudantes, e de todos(as) nós, durante o período da pandemia de Covid-19.

Segundo Kastrup e Passos (2013), ao conhecer uma realidade, é possível transformá-la. Para ambos,

há uma dimensão da realidade em que ela se apresenta como processo de criação, como *poiesis*, o que faz com que, em um mesmo movimento, conhecê-la seja participar de seu processo de construção. O acesso à dimensão processual dos fenômenos que investigamos indica, ao mesmo tempo, o acesso a um plano comum entre sujeito e objeto, entre nós e eles, assim como entre nós mesmos e eles mesmos. O acessar esse plano comum é o movimento que sustenta a construção de um mundo comum e heterogêneo (KASTRUP; PASSOS, 2013, p. 264).

Para acessar o plano comum foi preciso apreender o coletivo e o que estava acontecendo no ensino da Fisioterapia durante o momento em que eu ia a campo para me aproximar dos participantes (ROLNIK, 2019). Se por ventura eu tivesse elaborado um roteiro prévio de observação a partir do meu repertório, não conseguiria apreender a dimensão coletiva da movimentação destes e destas estudantes e, sobretudo, o que estavam vivenciando.

Na cartografia é fundamental incluir participantes e não reduzir as interpretações a partir do meu repertório cultural como fisioterapeuta/instrutora/pesquisadora/estagiária docente. Entender diferentes pontos de vistas ajuda a não cair no risco do binarismo, da dicotomia, que busca encontrar motivos, culpadas e culpados, que justifiquem a realidade e, também, achar que as realidades são únicas e exclusivamente a partir da minha perspectiva. Daí a importância de se levar em conta o coletivo e no plano comum do processo cartográfico no qual me provoquei a pensar e dialogar com quem estava entre o processo de ser estudante e tornar-se fisioterapeuta, graduando-se em período diferentes do meu.

Na cartografia, o caminho da pesquisa, aberto e inusitado, o processo, é mais importante do que “projetar” a manufatura de um produto final. A intenção no processo cartográfico foi, portanto, trabalhar com diferentes atores e atrizes, sem protagonismos, possibilitando espaços para que estes e estas se percebessem e pudessem expor seus modos de existência como estudantes de Fisioterapia. Segundo Rolnik (2019), a experiência implica criação de outros modos de pensar e agir que não se restringem somente à minha experiência e aos meus repertórios e subjetividades, mas, também, diz respeito à experiência do outro que tem seus repertórios e subjetividades. Assim, não é por não reconhecer e não saber nominar a experiência e os repertórios que eles não existem e não sejam reais.

No entanto, estes movimentos não são feitos sem tensões. Estas tensões existem e não são opostas entre si. O que elas produzem são abalos e desestabilizações aos modos de agir e pensar hegemônicos. É exatamente neste deslocamento provocado pelos efeitos destas tensões (ROLNIK, 2019) que movimentos formativos que extravasem os previstos no Projeto Pedagógico da Fisioterapia da UFRGS podem ser desmanchados e repaginados de forma a criar outros fluxos que constituem a educação menor.

Pensar cartograficamente um plano comum e inclusivo entre pesquisadora e demais participantes da pesquisa, juntando as minhas notas a notas de diferentes estudantes que vamos tornando possível pensar, criar e, por que não, sonhar outras realidades coletivas. Com isto, dar visibilidade a outros modos de existência de ser Fisioterapeuta. Assim, foi fundamental entender quais foram as rotas de estudantes e buscar seus recursos, os germes de mudança que brotam neste processo de se tornar fisioterapeuta, no sentido de dar visibilidade a outros modos de vida que não

sabemos de antemão quais serão. Este plano comum, inclusivo e, também, transversal, vai se pautando por práticas de participação.

Somos levados, então, a ficar no limite instável entre o que comuna e o que difere; entre o que conecta os diferentes sujeitos e objetos implicados no processo de pesquisa e o que, nessa conexão, tensiona; entre o que regula o conhecimento e o que o mergulha na experiência. (KASTRUP, PASSOS, 2013, p. 267).

A cartografia é uma opção metodológica para trabalhos de pesquisa interessados em investigar um entrelugar específico. Na presente tese, interessamos investigar as frestas curriculares abertas por estudantes flâneur no movimento de se esgueirar entre o que regula o processo de formação em Fisioterapia na UFRGS e a experiência de cursar tal formação. Direcionar o olhar para este entrelugar é afirmar o ato político em todo o processo da pesquisa, pois demarca a multiplicidade de formar-se e ser fisioterapeuta.

É necessário que haja experiência de pertencimento para que participantes se engajem na pesquisa. Este pertencimento se dá quando participantes se sentem parte do processo e seus saberes são importantes tanto quanto os saberes de quem pesquisa. Foi preciso apreender as produções de estudantes que se encontravam no fim do curso, na condição de entre estudante e futuro profissionais da área, que germes de mudança que constituíram os processos de produção de educação menor e modos de sonhar o futuro profissional.

Na educação menor, foi salientada as produções que levaram estudantes a modos de agir e de existência nos quais produziram efeitos, tensões e potência para criarem outras rotas para atravessar o percurso curricular, construindo outros modos de ser fisioterapeutas que serão problematizados a seguir.

Para dar conta de ver como estudos cartográficos têm sido realizados no âmbito acadêmico, fiz uma pesquisa no Google Acadêmico e no Periódico da Capes com a busca “Fisioterapia” and “cartografia”. No primeiro, a busca entre os anos de 2023 e 2019; no Periódico da Capes, na busca avançada, não determinei data. Ambas as buscas foram realizadas no dia 22/02/2023.

No Google Acadêmico foi encontrada uma dissertação de mestrado profissional. O estudo investigou como foi a experiência de implementação do Ensino Remoto Emergencial na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) - da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na perspectiva dos

alunos, professores, técnicos e Coordenadores dos Cursos. A escolha teórica metodológica pela cartografia se coaduna com intenção de mapear as pistas emergentes pela inserção do ensino remoto emergencial na ESEFID/UFRGS, acompanhando o processo e como estudantes foram subjetivando tal acontecimento. Foram realizadas 32 entrevistas individuais semiestruturadas, de março a junho de 2021, com professores, coordenadores, técnicos e alunos dos 4 cursos da ESEFID, com o uso da internet e videoconferências. A análise de documentos e um diário virtual de campo foram utilizados como instrumentos utilizados como a técnica e, para analisar, foi utilizada de análise temática de conteúdo. Deste estudo, foi produzido um Boletim informativo e uma proposta de oficina de devolução com os segmentos participantes da pesquisa. A autora enfatiza a importância de debates nas unidades e na universidade a fim de garantir melhorias metodológicas e tecnológicas digitais que proporcionem melhorias aos modos de ensino e permanência de alunos. Tal estudo também foi atravessado pela pandemia da Covid-19 (SILVA, L., 2021).

No periódico da Capes, também foi encontrado somente um estudo que tem por objetivo revelar como são as práticas corporais sobre o autocuidado na comunidade indígena Sikuaní. O estudo se utilizou da cartografia e de diários de campo para mapear os descritores das práticas corporais, relacionando os sentidos e significados. Foi realizado um trabalho de campo para contextualizar o território e a cultura a fim de entender as rotinas e práticas da comunidade. O termo de consentimento informado foi assinado pelo governador do estado e a autorização do consentimento informado foi realizada presencialmente e com o apoio de testemunhas, escolhidas pela comunidade. Este consentimento é escrito sem termos técnicos, porque na comunidade seu idioma principal não é o espanhol. Foram encontradas sete práticas de autocuidado que personificam a arte de viver pela qual a comunidade indígena Sikuaní está comprometida e tem as mulheres como protagonistas de tais práticas. O cuidar de si, o cuidado e o conhecimento de si, fazem parte da ética do cuidado e que tem como protagonista práticas às mulheres. O estudo aponta a importância das mulheres dentro das comunidades indígenas quanto a responsabilidade de manter e prover o núcleo familiar, importante para a organização social ética da comunidade, garantindo as relações dentro de sua família e a continuidade de suas tradições ancestral (RUIZ *et al.*, 2013).

Após esta busca, foi possível perceber que a cartografia não tem sido muito utilizada em estudos na área da Fisioterapia. Contudo, no Brasil, as áreas da psicologia e da saúde coletiva têm se apropriado dos saberes cartográficos. Ambas as áreas têm por referência a Filosofia da Diferença, sobretudo, Gilles Deleuze, Felix Guattari, Nietzsche, Espinosa e Foucault. Dos autores brasileiros, Rolnik, Passos e Kastrup.

3.1 LÓCUS DA PESQUISA: A ESEFID

A Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) está localizada no Campus Olímpico da UFRGS sendo a sede dos cursos de Educação Física (Licenciatura e Bacharelado), Licenciatura em Dança e Bacharelado em Fisioterapia. Destes, a Escola de Educação Física da Universidade Federal (ESEF) é a escola mais antiga de Educação Física do Rio Grande do Sul e, em 1941, começa a oferecer o Curso Superior de Educação Física. Em 1970, a ESEF passa a fazer parte dos cursos da UFRGS através da Licenciatura em Educação Física e, em 2005, os cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física.

Os cursos de Bacharel em Fisioterapia e Licenciatura em Dança iniciaram sua existência na ESEF desde 2009 e, somente em 2016, a escola passa a se chamar Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), sendo incluído no nome e na sigla da Escola.

A unidade possui um Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH), com o mestrado desde 1989 e o doutorado desde 1998, além de oferecer cursos de especialização. O Programa de pós-graduação atende a egressos de vários cursos, como Educação Física, Fisioterapia, Educação, Nutrição, Medicina e Terapia Ocupacional.

Há diversos projetos de extensão na ESEFID oferecidos à comunidade, incluindo diferentes faixas etárias, no âmbito da saúde, do esporte, do lazer e da dança. Possui também uma Clínica de Fisioterapia onde acontece atendimentos de acadêmicos sob supervisão dos professores responsáveis pelas áreas e de atendimentos de fisioterapeutas lotados na ESEFID.

A ESEFID conta com um Laboratório de Pesquisa do Exercício (LAPEX), o CEME (Centro de Memória do Esporte) e o (CEO) Centro de Estudos Olímpicos que desenvolvem projetos de pesquisa nas áreas dos cursos oferecidos.

Vinculados à Direção da ESEFID e à Comissão Própria de Avaliação da UFRGS (CPA), o NAU (Núcleo de Avaliação da Unidade) realiza avaliações das disciplinas a cada semestre, analisando potencialidades e dificuldades a trabalhadas em cada curso. Realiza, também, pesquisas sobre o tema da avaliação institucional, seja na área da gestão, do currículo, da extensão ou da pesquisa.

3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa contou com a participação de estudantes do curso de Fisioterapia da UFRGS. Foi enviado o convite por e-mail pela COMGRAD-FIT para estudantes do 6º semestre em diante, via formulário eletrônico³⁰ do Google o TCLE³¹ (APÊNDICE 1) para facilitar a resposta de discentes quanto à solicitação referente à participação da presente pesquisa. Os convites foram enviados independentemente se estudante havia participado ou não das avaliações e/ou do grupo focal do NAU. Neste formulário constou a autorização da COMGRAD-FIT juntamente com as informações sobre o objetivo do estudo e opção de aceitar ou não participar da pesquisa.

3.3 PRODUÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Os dados do NAU que fizeram parte da empiria deste estudo foram prospectados por meio da montagem de grupos focais com estudantes concluintes que estavam, pelo menos, na 6ª etapa do curso. As temáticas abordadas no grupo focal vieram das questões referentes à primeira etapa de avaliação do NAU, que consistia no preenchimento de questionário enviado pela COMGRAD do curso por e-mail a estudantes. Estudantes matriculados em disciplinas referentes a partir do 6º semestre do curso foram convidados e convidadas pela COMGRAD a participar da pesquisa de forma voluntária durante a aula. As temáticas se concentraram em:

³⁰ O projeto e o TCLE foram adequados seguindo as recomendações do Ofício Circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS, disponível em: http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf Acesso em: 23 jun. 2023.

³¹ TCLE disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/1JEuOICntFPzjmjDCTqHTwUyfWib4JRcuS4BseUCCxi8/edit?ts=60c3e438> Acesso em: 23 jun. 2023.

questões relacionadas às instalações físicas dos cursos, organização didático-pedagógica e relações interpessoais.

No grupo focal de estudantes concluintes, atuei como moderadora juntamente com um observador que havia sido discente de um dos outros dois cursos da ESEFID. Durante as atividades do grupo, fiz algumas inferências a partir das questões colocadas e, tanto eu quanto o observador, ficamos atentas aos comportamentos, expressões e reações que não estavam explícitas nas falas (TRAD, 2009).

O grupo focal foi gravado e, posteriormente, transcrito. Os nomes dos participantes foram preservados e, na transcrição, constou participante 1, participante 2, e assim por diante. Não se incluíram dados referentes a gênero, sexo, idade, semestre, entre outros.

Para as análises qualitativas, referente ao conteúdo do grupo focal, foi utilizado, por integrante do NAU, o recurso do *software* NVIVO V.11.0 para otimizar as análises dos dados qualitativos, codificação do material em categorias, possibilitando examinar as relações através dos mapas de palavras.

Os dados produzidos de disciplinas também compuseram a empiria da tese. Os materiais produzidos em aula e/ou atividade com fins de avaliação (participação oral e/ou memorial individual e atividade de entrevista em grupo) constam também como produtos de análises.

Inicialmente, a ideia era realizar grupo focal além do grupo realizado pelo NAU. No entanto, optei pelo uso dos materiais produzidos em aulas ao invés do grupo focal fora do contexto NAU devido a gravidade da situação pandêmica na época da entrada no campo e o não retorno das atividades presenciais quando o estudo estava em sua fase inicial de andamento. Assim, optei pela análise das produções textuais e participação oral de discente em atividades relacionadas às disciplinas do Curso de Fisioterapia da UFRGS.

Dessa forma, a pesquisa contou com dados secundários produzidos por documentos do Projeto Pedagógico da UFRGS, avaliações do NAU³² (APÊNDICE 2), materiais didáticos referentes às disciplinas síncronas e assíncronas, produções textuais e participação oral de discentes e docentes em atividades relacionadas às disciplinas do Curso de Fisioterapia da UFRGS.

³² Foi autorizado o acesso às avaliações do NAU referentes ao curso de Fisioterapia da UFRGS.

Para que a pesquisa ocorresse, foi enviado à direção da ESEFID/UFRGS um Termo de Anuência Institucional (TAI) (APÊNDICE 3), um Termo de Anuência à Comissão de Graduação em Fisioterapia (COMGRAD-FIT) (APÊNDICE 4) e um Termo de Compromisso de Utilização de Dados (TCUD) (APÊNDICE 5) assinado pelo pesquisador responsável e demais responsáveis, solicitando a autorização para o uso das avaliações do NAU e do material didático produzido nas disciplinas referente às produções textuais e participações em aulas, garantindo a confidencialidade dos dados e que estes serão utilizados único e exclusivamente com fins para o presente estudo.

Para garantir o anonimato, os nomes dos participantes foram substituídos por nomes de poetas, escritores, musicistas, artistas considerados “malditos” durante as décadas de 1960 e 1970, no Brasil. O termo passou então a significar comportamento transgressor, quebra de padrões, associação de elementos estéticos e temáticos. Estes e estas artistas atuavam de forma marginal e passaram por momentos de sucesso e quase esquecimento.

O trabalho foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (CEP/UFRGS), de acordo com as normas da Resolução 466. Os dados secundários (obtidos das avaliações do NAU e nos materiais didáticos e produções realizadas para as disciplinas) foram utilizados somente para esta pesquisa.

4 TRILHOS DO CURSO DE FISIOTERAPIA NO BRASIL

*Reumatismo, raquitismo, cistite, disritmia
Hérnia, pediculose, tétano, hipocrisia
Brucelose, febre, tifoide, arteriosclerose, miopia
Catapora, culpa, carie, câimbra, lepra, afasia
O pulso ainda pulsa
O corpo ainda e pouco
Assim...³³*

Para entender como o curso de Fisioterapia passou a ser uma ideia de possibilidade de curso a seguir, faz-se necessário rever brevemente em que contexto histórico-político-social surgiu a profissão no Brasil, quais saberes e técnicas nortearam e caracterizaram as práticas fisioterapêuticas da época e como o curso foi sendo instituído em universidades do País.

Este entendimento histórico-político-social é importante para compreender a produção de imaginário coletivo que está nas entranhas do boca a boca, mas não se sabe exatamente de onde veio tais saberes, apenas se repetem como sendo verdade. Tais saberes são compartilhados e podem ter servido na produção de horizontes de possibilidades para quem pretende ser fisioterapeuta e/ou ter influenciado quem tem isto como um desejo.

4.1 NOTAS DO SURGIMENTO DE UMA PROFISSÃO QUE ESTAVA POR VIR

A Fisioterapia no Brasil não se constituiu primeiramente como um curso de nível superior, mas sim como um curso técnico. Os cursos eram independentes e visavam a atuação de profissionais no mercado de trabalho, com a finalidade de auxiliar profissionais da medicina, principalmente em questões relacionadas à reabilitação, sobretudo as decorrentes de poliomielite e lesões relacionadas a acidente de trabalho (TEIXEIRA; MUNIZ; NAZARE, 2017). Eletroterapia, hidroterapia e massagem eram as práticas terapêuticas utilizadas e que caracterizavam o trabalho da então considerada Fisioterapia da época (OLIVEIRA, 2002).

Inicialmente, no final do século XIX, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, a utilização destes recursos físicos como finalidades terapêuticas vinha

³³ Pulso, composição e música de Arnaldo Antunes.

sendo utilizada nos chamados serviços de “eletricidade médica” (TEIXEIRA; MUNIZ; NAZARE, 2017). Tais serviços tinham médicos como responsáveis e/ou eram vinculados a departamento médico: no Rio de Janeiro, doutor Artur Silva com Serviços de Eletricidade Médica e de Hidroterapia, no período de 1879 a 1883; em São Paulo, professor Raphael de Barros, em 1919, com o Departamento de Eletricidade Médica da Universidade de São Paulo (FMUSP) (OLIVEIRA, 2002).

Em 1929, o médico Waldo Rolim criou o Serviço de Fisioterapia do Instituto do Radium Arnaldo Vieira de Carvalho vinculado à Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e, posteriormente, ao Hospital das Clínicas da FMUSP. A vinculação do serviço a hospital também ocorreu no Rio de Janeiro, em 1945, no Hospital Municipal Barata Ribeiro com o Serviço de EletroMedicina (TEIXEIRA; MUNIZ; NAZARE, 2017).

Somente na década de 1950 que surgiram os primeiros cursos de Fisioterapia nessas cidades. Em São Paulo, no Centro de Estudos Raphael de Barros, um curso que teve duração de um ano em técnicos operadores em Fisioterapia e, em 1957, foi oferecido o curso no Instituto Nacional de Reabilitação (INAR) com duração de dois anos. O curso no INAR foi constituído por profissionais que tiveram a formação no antigo Centro de Estudos Raphael de Barros e contava com uma ligação forte com a área da Medicina e da enfermagem (OLIVEIRA, 2002). Segundo Oliveira (2002), foi a mentalidade da equipe médica que incentivou a formação de profissionais de Fisioterapia para ser de nível superior, com o intuito de se distanciar da identidade de massagistas.

Em 1958, o curso no INAR passou a ter duração de dois anos e seguia as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS). O curso destacou-se como sendo um centro piloto de reabilitação da América Latina, atendendo, principalmente, crianças com sequelas de paralisia infantil e paraplégicos, servindo de referência para os currículos de Fisioterapia posteriores. Somente em 1967 que o ingresso ao INAR passou a ser através do concurso vestibular na USP (OLIVEIRA, 2002).

No Rio de Janeiro, por meio de um grupo de médicos do Hospital Jesus, atual Hospital de Traumatologia-Ortopedia, foi criado o curso para formação de técnicos em reabilitação, visando que profissionais ali formados atuassem na recém-criada Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR), dando início à formação superior em Fisioterapia (TEIXEIRA; MUNIZ; NAZARE, 2017).

Como apresentado, Rio de Janeiro e São Paulo são as cidades pioneiras, onde se instituíram os primeiros cursos com formação de profissionais, não mais de técnicos, para trabalhar na área específica da Fisioterapia. Os cursos não apresentavam ligação entre si e possuíam currículos diferentes e ambos se preocupavam com a transmissão do saber-fazer técnico (BISPO JUNIOR, 2009). Provável que tal herança tenha sido proveniente do modelo médico hegemônico flexneriano com uma visão tecnicista, mecanicista e dicotômica no qual separa teoria e prática, priorizando um olhar biológico ao corpo, centrando-se na doença e na reabilitação (BISPO JUNIOR, 2009).

Durante a primeira metade do século XX, sequelas motoras provenientes de doenças como varíola, malária, febre amarela, poliomielite, tuberculose e sífilis, levaram à diminuição da mão de obra disponível ao trabalho, o que acarretou a intervenção do Estado e a implementação de campanhas sanitaristas com finalidade de intervir em tais epidemias, sobretudo na poliomielite. Juntamente a isso, registram-se dois aumentos, praticamente simultâneos: o número de novas indústrias e o número de novas sequelas por acidente de trabalho. Neste período histórico, a saúde era vista como instrumento de sustentação econômica e não como direito social da população. Assim, a Fisioterapia vai se constituindo com o intuito de reabilitar e acelerar o retorno e a reinserção do sujeito ao mercado de trabalho (BISPO JUNIOR, 2009). Segundo Bispo Junior (2009), a Fisioterapia surgiu como instrumento de reabilitação da mão de obra e sua reintegração à força produtiva indo ao encontro da compreensão de saúde que, na época, estava sendo vista não mais como direito social da população, mas sim como instrumento de sustentação econômica.

As políticas públicas voltadas a questões de saúde começaram sua existência, exatamente, nessa época. Em 1953, durante o segundo mandato do presidente Getúlio Vargas, foi criado o Ministério da Saúde que passava a fiscalizar qualquer curso superior, de instituição privada ou pública (BORGES, 2016). Ademais, as iniciativas do Ministério, em sua maioria, voltavam-se ao combate de doenças tais como Chagas e Malária que atingiam sobretudo a população rural, que também sofria com a falta de saneamento básico e o alto índice de mortalidade infantil. Em contrapartida, nas áreas urbanas e industriais, a população era atendida prioritariamente pelo setor privado, clínicas e hospitais particulares (OLIVEIRA,

2002). A política vigente era otimizar a instalação de indústrias de base no Brasil o que, conseqüentemente, levaria à diminuição de importações.

As lesões relacionadas a acidentes provenientes de trabalho aumentavam, levando a intervenção do Estado a instituir normas: oito Decretos-Lei foram criados com o objetivo de regulamentar questões relacionadas a acidentes de trabalho. Os Decretos-Leis deram visibilidade social às ações fisioterápicas e debates relacionados à saúde do trabalhador vieram à tona, evidenciando a necessidade de reabilitação para o retorno de trabalhadores ao mercado de trabalho (BORGES, 2016).

Nesse período, houve um surto de poliomielite que levou a um número elevado de crianças a ter sequelas motoras, proporcionando outro espaço ao crescimento da demanda fisioterapêutica. No entanto, evidencia-se a escassez de profissionais com formação adequada, tanto para atuar em lesões relacionadas a acidentes de trabalho quanto as sequelas motoras provenientes da poliomielite (OLIVEIRA, 2002).

Havia demanda às ações fisioterapêuticas, no entanto, não havia regulamentação que regesse a profissão. Assim, ações que regulamentasse a Fisioterapia começaram a ganhar força e apoio nas equipes de saúde e, em 1963, fundou-se a comissão do Conselho Federal de Educação (CFE), que tinha como objetivo criar, exatamente, pautas que regulamentassem as atividades profissionais em Fisioterapia e Terapia Educacional. Conselho que foi responsável pelo Parecer n. 388/1963, primeiro documento oficial que apontou o curso de Fisioterapia como sendo de nível superior, com a carga horária mínima de 2160 horas e com duração mínima de 3 anos (BORGES, 2016). No entanto, o documento ainda colocava profissionais da Fisioterapia em um lugar de subordinação à Medicina uma vez que previa o profissional da área como auxiliar de médicos. Ademais, o termo “técnico” ainda era utilizado no documento, levando-nos a identificar a pouca autonomia de fisioterapeutas e demarcando estes profissionais como executores de prescrições médicas (BORGES, 2016).

Em 1964, o Brasil estava em plena ditadura militar e, apesar de ter sido um período de repressão, o curso de Fisioterapia estava em um momento de expansão, sobretudo ao que diz respeito à implementação de cursos a universidades e a implementação de questões legais (BORGES, 2016). Em 23 de julho do mesmo ano, “foi promulgada a Portaria Ministerial nº 511/64, que estabeleceu o mínimo de

conteúdo e duração dos cursos de Fisioterapia e Terapia Ocupacional” (TEIXEIRA; MUNIZ; NAZARE, 2017, p.30). Os conteúdos propostos pela portaria centravam-se nos Fundamentos de Fisioterapia; Ética e História da Reabilitação; Administração aplicada; Fisioterapia Geral e Fisioterapia Aplicada. O tempo de duração estabelecido foi de 3 anos, o mesmo previsto no Parecer n. 388/1963. A Portaria previa que a formação de fisioterapeutas fosse técnica, uma vez que ainda se centrava na ótica cartesiana e mecanicista, sustentada por um currículo pouco flexível e que preocupava-se meramente na transmissão de conhecimentos e de habilidades técnicas.

A profissão de Fisioterapia foi regulamentada em 1969, no auge do regime militar, com o Decreto-Lei 938, publicado em 13 de outubro de 1969³⁴. Nesse período, há uma forte crise no setor de saúde, agravando-se as condições de vida da população. A expansão surge lentamente na década de 1980 (BERTONCELLO; PIVETTA, 2015) e somente em 1983 que se implementou o segundo currículo mínimo para os cursos de graduação em Fisioterapia (TEIXEIRA; MUNIZ; NAZARE, 2017).

O segundo currículo mínimo foi implementado a partir da Resolução 04/83 na qual aumentava a duração do curso para quatro anos. Compreendia quatro ciclos de aprendizado: Matérias Biológicas; Matérias de Formação Geral; Matérias Pré-profissionalizantes e Matérias Profissionalizantes. Currículo que ainda priorizava o olhar tecnicista, uma vez que a formação ainda se sustentava no conhecimento das técnicas e das especialidades sem dar vazão a questões socioculturais. Essas orientações perduraram de 1983 a 2002 (TEIXEIRA; MUNIZ; NAZARE, 2017).

Os modos de pensar em saúde de cunho mais integral e sociocultural tiveram como importante marco a VIII Conferência Nacional de Saúde - juntamente com a influência das ideias preconizadas pelo SUS - que ocorreu em março de 1986, sinalizando a necessidade de revisão dos currículos, de modo que se adequassem à realidade social, étnica e cultural do quadro epidemiológico do País (OLIVEIRA, 2012). Em 1999, durante o XVI Congresso Brasileiro de Fisioterapia, criou-se a Associação Brasileira de Ensino em Fisioterapia (ABENFISIO), associação brasileira constituída por professores, profissionais, alunos da área de Fisioterapia, os quais

³⁴ BRASIL. Câmara dos Deputados. **Decreto-Lei n. 938, de 13 de outubro de 1969**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-938-13-outubro-1969-375357-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em: 24 jun. 2023.

buscam discutir questões curriculares e processos de formação, em esfera pública e privada, a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) a fim de propor políticas públicas que aprimorem a qualidade de ensino em Fisioterapia (BERTONCELLO; PIVETTA, 2015).

As DCN³⁵ são orientações aos cursos de graduação de nível superior quanto a elaboração do currículo, vislumbrando uma maior liberdade às instituições de ensino no saber/fazer/ensinar. Salienta-se, no documento, que

[...] as novas diretrizes curriculares devem contemplar elementos de fundamentação essencial em cada área do conhecimento, campo do saber ou profissão, visando promover no estudante a capacidade de desenvolvimento intelectual e profissional autônomo e permanente. Devem também pautar-se pela tendência de redução da duração da formação no nível de graduação. Devem ainda promover formas de aprendizagem que contribuam para reduzir a evasão, como a organização dos cursos em sistemas de módulos. Devem induzir a implementação de programas de iniciação científica nos quais o aluno desenvolva sua criatividade e análise crítica. Finalmente, devem incluir dimensões éticas e humanísticas, desenvolvendo no aluno atitudes e valores orientados para a cidadania (BRASIL, 1997, p.2).

Diferentemente das normativas dos currículos anteriores, que se centravam nas matérias, as novas DCN pretendem oferecer uma sólida orientação básica, menos tecnicista, evitando prolongamento desnecessário de duração do curso e visavam uma autonomia intelectual e profissional de alunos, encorajando a diferentes conhecimentos.

Em 19 de fevereiro de 2002, através da Resolução CNE/CES 4, foi homologada as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Fisioterapia, definindo princípios, fundamentos, condições e procedimentos específicos da formação de fisioterapeutas. As DCN da Fisioterapia têm por objetivo pensar a partir da concepção ampliada de saúde, rompendo com o foco na doença. Constituem-se um importante marco para a educação superior do Brasil na medida em que buscam o alinhamento da formação profissional de qualidade e avançam para a formação generalista baseada em habilidades e competências, uma vez que procuram evitar o reducionismo do currículo mínimo, tecnicista e instrumental

³⁵ CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Parecer CNE n. 776/97**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/superior/legisla_superior_parecer77697.pdf
Acesso em: 23 jun. 2023.

(BERTONCELLO; PIVETTA, 2015). Segundo a Resolução, pretende-se como perfil do formando egresso/profissional

Fisioterapeuta, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, capacitado a atuar em todos os níveis de atenção à saúde, com uma visão ampla e global, respeitando os princípios éticos/bioéticos, morais e culturais do indivíduo e da coletividade com o objetivo de preservar, desenvolver, restaurar a integridade de órgãos, sistemas e funções, sendo um profissional voltado ao desenvolvimento científico e apto a adquirir por iniciativa própria conhecimentos que possam garantir uma educação continuada e permanente³⁶. (BRASIL, 2002, p.1)

A principal influência das DCN no currículo foi ao que se refere aos processos saúde/doença. Se antes a formação enfatizava a reabilitação e a cura de doenças, na atual DCN, a reabilitação é um dos olhares a ser desenvolvido além de outros que englobam prevenção, promoção e proteção da saúde, tanto em nível individual quanto coletivo (BERTONCELLO; PIVETTA, 2015). Há uma ênfase a multidisciplinidades e nas singularidades do sujeito a ser atendido, caracterizando o olhar generalista ao currículo. Nesta perspectiva, a saúde diz respeito tanto a subjetividade do sujeito quanto a coletividade, considerando questões políticas, sociais, econômicas, ambientais, biológicas e culturais nas quais o sujeito está inserido.

Até a finalização desta tese, a Minuta das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação, Bacharelado, em Fisioterapia ainda não havia sido aprovada pelo Conselho Nacional de Educação (CNE)³⁷. Diferentemente das DCN, a Minuta trabalha na lógica das competências, sendo organizada por domínios e dimensões da formação: (1) atenção fisioterapêutica à saúde; (2) gestão, empreendedorismo e inovação em saúde; (3) educação para a vida.

Eram 63 cursos de Fisioterapia até o ano de 1995. Entre 1999 e 2003, o número de cursos saltou de 115 para 298; entre 2003 e 2008, de 289 para 479 cursos (BERTONCELLO; PIVETTA, 2015). Em 2013, segundo levantamento realizado pela ABENFISIO³⁸, são 530 cursos de Fisioterapia no País. A expansão do

³⁶ CURSO de graduação em fisioterapia [...]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/Fisio.pdf> Acesso em: 23 jun. 2023.

³⁷ MINUTA das diretrizes [...]. Disponível em: https://abenfisio.com.br/docs/MINUTA%20DCN%20FISIOTERAPIA_Encaminhada%20ao%20CNE.pdf Acesso em: 23 jun. 2023.

³⁸ ABENFISIO. **Instituições de ensino em fisioterapia no Brasil**. Disponível em: <https://ABENFISIO.com.br/instituicoes-de-ensino-em-Fisioterapia-no-brasil/> [Acesso restrito]

ensino superior do curso desenvolveu-se por iniciativa privada e de forma desregulada e sem planejamento, correspondendo a 80% dos cursos cuja concentração se dá à região sul e sudeste, acarretando o acúmulo de profissionais nestas regiões enquanto demais regiões ficam com uma parcela significativa da população desassistida e com carência de oferta desses serviços de saúde (BERTONCELLO; PIVETTA, 2015). A necessidade de implementar o curso em universidades públicas foi discutida nos Fóruns de Políticas Profissionais da Fisioterapia e da Terapia Ocupacional de 2005 e 2006, promovidos pelo Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO, 2023?) com participação da ABENFISIO. A discussão veio à tona ao ser salientado por participantes dos Fóruns que a 95% dos cursos de Fisioterapia no Brasil encontrava-se sob tutela do sistema educacional privado.

A concentração no sistema privado também ocorre no mercado de atuação profissional no qual majoritariamente centra-se em clínicas privadas, centros de reabilitação e hospitais, campos que também contribuíram para esse caráter tecnicista à atuação fisioterapêutica, voltada principalmente à reabilitação de disfunções do sistema musculoesquelético (OLIVEIRA, 2012).

Diferenciando-se desta tendência do mercado privado, tanto no que diz respeito à formação acadêmica quanto à profissional, o curso de Fisioterapia da UFRGS surgiu já sob influências das DCN e voltado aos princípios doutrinários do SUS.

5 DA CRIAÇÃO DO CURSO DE FISIOTERAPIA DA UFRGS: PISTAS DA EDUCAÇÃO MAIOR

*E a intelectualidade (e a intelectualidade)
Pode dançar sem receio (pode dançar sem receio)
Descanso é pra alimentar (descanso é pra alimentar)
E trabalhar sem anseio (e trabalhar sem anseio)³⁹*

O curso de Fisioterapia da UFRGS surgiu em 2009, reconhecido pela Portaria Nº 824, publicada no Diário Oficial da União, de 30 de dezembro de 2014, obtendo conceito 5 nas últimas duas avaliações do ENADE⁴⁰. Está localizado na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID/UFRGS), no Campus Olímpico, no Bairro Jardim Botânico na cidade de Porto Alegre/RS. São oferecidos cursos de graduação, de especialização, projetos de extensão, pós-graduação (mestrado desde 1989 e doutorado desde 1998) com conceito CAPES 5.

Durante o ano de 2015, foram realizadas plenárias com discentes, docentes, técnicos administrativos a fim de rever o regimento interno da Unidade ESEF para que este pudesse dar conta das demandas e especificidades dos outros dois cursos – Fisioterapia e Dança – que passaram a dividir o Campus Olímpico com o curso de Educação Física⁴¹ desde 2009. Uma das pautas das plenárias foi a mudança do nome ESEF (Escola de Educação Física) para ESEFID (Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança). Contudo, isto não ocorreu sem disputas de poder entre os três cursos: os que defendiam que o nome permanecesse o mesmo alegavam que a alternância acarretaria o desaparecimento da “tradicional” história da ESEF, uma vez que as pessoas poderiam não identificar ESEFID como sendo a antiga ESEF; já os que defendiam que o nome passasse a ser ESEFID, alegavam a importância de demarcar o lugar de fala dos cursos de Fisioterapia e Dança, dando-lhes visibilidade, uma vez que, também, ocupavam os Campus Olímpico⁴² assim como o curso de Educação Física. A alteração foi feita neste mesmo ano, contudo tal discussão ainda é polêmica. Percebe-se isto no site oficial da ESEFID/UFRGS⁴³. Ao clicarmos no link

³⁹ Incompatibilidade, composição e música de Oswaldo Montenegro.

⁴⁰ As informações nesta sessão são referentes ao plano pedagógico do curso de Fisioterapia da UFRGS obtidas no link https://www.ufrgs.br/esefid/Arquivos/COMGRAD_FIS/ppc_Fisioterapia.pdf

⁴¹ A ESEF foi criada em 1940, mas somente em 1970 que foi incorporada à UFRGS.

⁴² A disputa de poder, sobretudo referente à espaço físico, entre os cursos, aparece nas avaliações do NAU/ESEFID.

⁴³ ESEFID/UFRGS. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/esefid/site/#> Acesso em: 23 jun. 2023.

“Campus”, situado à esquerda da tela, o primeiro link subsequente que aparece é o “histórico” que apresenta um breve panorama do surgimento da Escola de Educação Física e de quando esta foi incorporada como pertencente à UFRGS. No entanto, no mesmo link, não há nenhuma menção de quando os outros dois cursos passaram a fazer parte do Campus Olímpico e, muito menos, da alternância do nome, ignorando o fato “histórico” de pertencimento e de existência dos Cursos de Fisioterapia e Dança na atual ESEFID⁴⁴.

Além das salas de aulas, o curso de Fisioterapia no Campus Olímpico conta com uma Clínica, Centro natatório, Laboratório de Pesquisa (LAPEX). Fora do Campus Olímpico, as aulas acontecem no Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) e outros convênios vinculados ao SUS.

O ingresso no curso é através do Concurso Vestibular (70%) e do Sistema de Seleção Unificada (SiSU) (30%). São disponíveis 30 vagas ao ano. O curso é realizado em turno integral, podendo ser feito no período de no mínimo 10 semestres e no máximo 20 semestres. São 296 créditos que o curso oferece. Destes, 289 são obrigatórios, 4 eletivos, 15 atividades complementares e 8 convertidos do trabalho de conclusão de curso (TCC).

O curso de Fisioterapia, conforme consta no Projeto Político Pedagógico de 2017, tem por objetivo centrar-se

[...] no processo de ensino-aprendizagem entre professor e estudante com o objetivo de formar fisioterapeutas com competência para a atenção integral às necessidades em saúde cinético-funcional dos indivíduos e coletividades, compreendendo saúde como socialmente determinada e o ser humano em suas dimensões, biológica, psicológica, social e cultural.

Os profissionais formados no curso desenvolvem competências para atividades de assistência, educação em saúde, docência, gestão e atuação nos emergentes campos da promoção à saúde e prevenção de doenças conforme as mudanças nos perfis epidemiológicos regionais e nacionais, necessidades de mandadas pelo mercado atual.

O curso visa habilitar profissionais que demonstrem responsabilidade político-social, contribuindo para o controle social em saúde, que sejam capazes de exercer a profissão com capacidade técnica e humanística fundada no saber científico e que saibam conjugar autonomia profissional e trabalho em equipe, em todos os níveis de atenção à saúde.

Visa, também, desenvolver senso crítico, investigativo e reflexivo necessários para empreender contínua formação na sua práxis, respeitando

⁴⁴ ESEFID/UFRGS. **Histórico**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/esefid/site/campus/historico>
Acesso em: 23 jun. 2023.

os princípios éticos e bioéticos, sociais, culturais e pedagógicos com ênfase nos princípios da responsabilidade sanitária integral⁴⁵.

O curso tem por perfil de egresso pretendido

[...] formação generalista humanista, crítico reflexiva, voltado ao cuidado às pessoas, por intermédio de ações de educação, promoção, proteção, tratamento e recuperação da saúde, com ações integradas de assistência interprofissional, nos diferentes níveis de complexidade da atenção. Os fisioterapeutas deverão ter visão ampla e global, capacidade de identificação dos fatores condicionantes e determinantes da saúde cinético-funcional, com competência para atuar dentro dos princípios do Sistema Único de Saúde e orientado por evidências científicas.

A formação está sustentada na tríade ensino-pesquisa-extensão e tem por eixos norteadores: Ciências da Vida e da Saúde, Político-filosófico-humanístico, Técnico-profissional e Pedagógico. As atividades de ensino são desenvolvidas juntamente a programas como o Programa de Saúde da Família e os Núcleos de Apoio à Saúde da Família⁴⁶, Centros Especializados e Unidades de saúde públicas, clínicas, consultórios, ambulatórios, hospitais, escolas, creches, clubes, domicílios, instituições de longa permanência e clínicas geriátricas e demais espaços de vida dos indivíduos, exercendo funções de assistência, gestão, docência, assessoria, planejamento e execução de ações e serviços na área da Saúde e da Fisioterapia.

Além das práticas voltadas ao campo da promoção à saúde e da prevenção de doenças - músculos esqueléticas, crônico degenerativas e outras decorrentes da longevidade - e das práticas fisioterapêuticas relacionadas aos atendimentos em unidades de saúde - ambulatorial, hospitalar e em estabelecimentos privados -, docência e gestão têm sido temáticas abordadas no currículo atual da Fisioterapia da UFRGS, uma vez que se identifica como sendo um campo emergente na atuação do profissional da área. Por ser uma área que por muitos anos o ensino foi pautado pela técnica, a capacidade de ensinar e educar de maneira crítica-reflexiva foi pouco

⁴⁵ ESEFID/UFRGS. **Fisioterapia**. Disponível em http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos/exibeCurso?cod_curso=812 Acesso em: 23 jun. 2023.

⁴⁶ No dia 28 de janeiro de 2020 saiu a norma técnica Nº 3/2020-DESF/SAPS/MS da Secretaria de atenção primária da Saúde tirando a obrigatoriedade de credenciamento de profissionais da saúde ao NASF, dando “liberdade” ao gestor municipal para compor suas equipes multiprofissionais, definindo os profissionais, a carga horária e os arranjos de equipe. Tal normativa coloca sob suspeita a atuação de profissionais da Fisioterapia, educação física e demais áreas da saúde a continuarem atuando no NASF. Outras informações nos links <https://www.conasems.org.br/wp-content/uploads/2020/01/NT-NASF-AB-e-Previne-Brasil-1.pdf> <https://outraspalavras.net/outrasaude/o-fim-do-nasf-a-estrategia-de-apoio-ao-atendimento-na-atencao-basica/>

desenvolvida, pois acreditava-se no jeito “certo” de saber-fazer. O que não quer dizer que não se há referências que sustentam os saberes e fazeres profissionais, mas sim que estas referências estejam em diálogo com as necessidades da comunidade e com questões socioculturais.

A intenção do curso é formar profissionais fisioterapeutas com “uma identidade pautada nos pressupostos da humanização no cuidado, da atenção integral ao indivíduo e da investigação científica” (p.16), pois acredita-se que este será um diferencial para profissionais da Fisioterapia entrarem no mercado de trabalho para atender a demandas sociais em saúde. Para isso, a estratégia para formação acadêmica e para construção desta identidade foi por competências e não mais por matérias, conforme currículos anteriores às DCN, entendendo competência como sendo a “mobilização de habilidades, conhecimentos e atitudes que permitam a resolução de situações (problemas) reais” (p.16). Conforme o Projeto Pedagógico do Curso de Fisioterapia da UFRGS (2017), as competências pretendidas pelo perfil profissional prescrito no currículo são apresentadas nas figuras⁴⁷ a seguir.

Figura 1 - Projeto Político Pedagógico do Curso de Fisioterapia na UFRGS de outubro de 2017

- o Embasamento científico que permita o domínio de conhecimentos de natureza biopsicossocial necessários à prática da Fisioterapia e da saúde em geral com compreensão da indissociabilidade dos diversos saberes;
- o Compreensão da inter-relação entre a hereditariedade, meio ambiente, estilo de vida e condições sociais na determinação da saúde das pessoas no decorrer das diferentes etapas do ciclo de vida;
- o Domínio dos conhecimentos de fisiopatologia, procedimentos diagnósticos e terapêuticos necessários à prevenção, tratamento e reabilitação das doenças de maior prevalência epidemiológica e aspectos da saúde ao longo do ciclo biológico: saúde individual da criança, do adolescente, do adulto e do idoso com as peculiaridades de cada sexo e das atividades laborais e em sociedade que exercem;

Fonte: Projeto Político Pedagógico do Curso de Fisioterapia na UFRGS

⁴⁷ Optamos por fazer uma imagem instantânea do Projeto Político Pedagógico do Curso de Fisioterapia na UFRGS de outubro de 2017, para dar destaque nas informações escritas na íntegra e não correremos o risco de cometer plágio pela literalidade da escrita. Outras informações no link: https://www.ufrgs.br/esefid/Arquivos/COMGRAD_FIS/ppc_fisioterapia.pdf

Figura 2 - Projeto Político Pedagógico do Curso de Fisioterapia na UFRGS de outubro de 2017

- o Compreensão de saúde enquanto fenômeno social e culturalmente construído;
- o Domínio do processo histórico-político-social que norteou a constituição das técnicas e saberes que fundamentam as práticas fisioterapêuticas;
- o Compreender que as ações e intervenções no presente configuram a história pessoal e profissional, o que requer atitude crítica e responsabilidade;
- o Conhecimento das principais características do mercado de trabalho, onde deverá inserir-se, de maneira empreendedora, procurando atuar conforme os padrões locais, buscando o seu aperfeiçoamento dentro da política de saúde vigente;
- o Capacidade de planejar e conduzir a carreira profissional de acordo com suas identificações profissionais, bem como as demandas sociais e as oportunidades de mercado de trabalho;
- o Responsabilidade pela construção do saber com o desenvolvimento da criatividade, da iniciativa e autonomia para aprender a aprender e atuar de forma crítica, criativa e reflexiva na identificação e resolução de problemas, considerando suas diferentes dimensões socioculturais;
- o Visão social do papel do fisioterapeuta e motivação para engajar-se em atividades de política e de planejamento em saúde;
- o Exercício da Fisioterapia com postura ética e visão humanística para o paciente, sua família e comunidade, observando os aspectos sociais, culturais, psicológicos e econômicos relevantes do contexto, baseados nos princípios da bioética;
- o Atuação em equipe interprofissional, assumindo quando necessário o papel de responsável técnico da mesma, relacionando-se com os demais membros em bases éticas;
- o Capacidade para utilizar recursos semiológicos e fisioterapêuticos contemporâneos, hierarquizados para atenção integral à saúde cinético-funcional em todos os níveis de atenção;
- o Utilizar procedimentos semiológicos e fisioterapêuticos conhecendo critérios de indicação e contra-indicação, limitações, riscos,

Figura 3 - Projeto Político Pedagógico do Curso de Fisioterapia na UFRGS de outubro de 2017

- confiabilidade, validação, tendo como base as evidências científicas nas distintas áreas de conhecimento;
- Atuar dentro do sistema hierarquizado de saúde obedecendo aos princípios técnicos e éticos da referência e contra-referência;
 - Utilizar a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde preconizada pela Organização Mundial da Saúde na construção do raciocínio clínico fisioterapêutico;
 - Estar capacitado para a prática da educação permanente em saúde;
 - Estar capacitado para avaliar o nível de conhecimento dos usuários de saúde em relação à assistência fisioterapêutica no momento do encontro;
 - Dominar as técnicas de leitura crítica, indispensáveis frente à sobrecarga de informações e da transitoriedade de conhecimentos teóricos e técnicos;
 - Estabelecer estratégias de educação em saúde junto aos usuários do SUS para informar e educar seus pacientes, familiares e comunidade, em relação à promoção da saúde, prevenção, tratamento e reabilitação de disfunções geradas por doenças, usando técnicas adequadas de comunicação associadas à valorização do saber popular;
 - Utilizar ou administrar recursos financeiros, materiais e de pessoal, observando a efetividade dos serviços, pautada em conhecimentos validados cientificamente.

Fonte: Projeto Político Pedagógico do Curso de Fisioterapia na UFRGS

A avaliação se dá por três domínios: assimilação do conhecimento, habilidades práticas específicas e postura ético-humanista. O processo avaliativo acontece ao longo do curso e deve refletir nas competências pretendidas a cada momento da formação. Assim, a avaliação necessita ser plural e não se restringe a técnicas e/ou instrumentos, podendo ser feita nos diferentes cenários que acontecem no curso. Segundo o Projeto Pedagógico do curso de Fisioterapia de 2017,

A avaliação formativa, concebida como estratégia para favorecer o desenvolvimento daquele que aprende, não se resume à forma externa da avaliação, mas sim ao objetivo dela, avaliar o produto no processo. Assim, cumpre dois objetivos imediatos: informa o professor sobre os efeitos reais de seu trabalho pedagógico e o estudante na identificação de onde “anda”,

bem como seus limites e potencialidades. Cabe ressaltar que o estudante deve ser o parâmetro de si mesmo e que o caráter formativo está no uso que ambos farão da informação obtida (p. 28).

Desse modo, há um trabalho cooperativo e uma outra relação diante do processo de ensino-aprendizagem na qual professor, aluno e comunidade estabelecem uma relação de coexistência na construção do conhecimento. Por esta razão, o processo de aprendizagem é coletivo, possibilitando diálogos, curiosidades, experiências, experimentações, podendo levar, inclusive, a outras teorizações e ações.

Além deste processo de avaliação formativa, o curso de Fisioterapia da UFRGS conta com o Núcleo de Avaliação da Unidade (NAU), que tem por objetivo mapear os dados de como está o processo de ensino-aprendizagem na Unidade. Tem por função avaliar a unidade, servindo de apoio a outros setores de avaliação institucional. Avalia-se o currículo e acompanha a implementação deste. É composto por uma coordenadora, professores que representam cada curso da Unidade (Fisioterapia, Educação Física e Dança), técnicos administrativos e discentes representantes de cada curso de graduação da unidade, bolsistas e pesquisadora voluntária⁴⁸.

A avaliação do NAU/ESEFID é realizada em duas etapas: questionário e grupo focal. Primeiro, foram obtidos os dados quantitativos através de um questionário aplicado a discentes e docentes. Os questionários abordaram questões referentes aos recursos físicos, recursos humanos e práticas pedagógicas desenvolvidas a partir do projeto pedagógico do curso. Foi feito um cálculo amostral para saber quantos questionários devem ser preenchidos por discentes de cada curso – iniciantes, 1º a 3º semestre; intermediários, 4º e 5º semestre; concluintes, a partir do 6º semestre. Quanto aos docentes, a amostra se deu por conveniência e o questionário foi enviado por e-mail. Os dados receberam tratamento estatístico e, a partir disto, se produziu as categorizações.

Na segunda etapa, os dados qualitativos, ocorreu um grupo focal também com docentes e discentes. Os assuntos levados aos grupos focais foram aqueles relacionados às categorizações produzidas a partir dos questionários. Os grupos focais também se deram, separadamente, com docentes e com discentes de cada

⁴⁸ Em virtude do presente trabalho e através do aceite da coordenadora do NAU/ESEFID/UFRGS, atualmente componho a equipe do NAU como membro colaborativo.

curso. O grupo focal dos discentes respeitou a mesma divisão do questionário (iniciantes, intermediários e concluintes), sendo, portanto, três grupos. Cada grupo foi orientado por integrantes do NAU, um(a) condutor(a) e um(a) colaborador(a). Todas as falas, transcritas e o anonimato, mantido. A análise dos dados foi feita através do *software* NVIVO V.11.0, possibilitando a codificação do material em categorias para os processos de análise.

O NAU/ESEFID já realizou três avaliações: em 2012 (a primeira); 2016 e 2019 (em andamento). As avaliações têm por objetivo apresentar a gestores e colegiados da Unidade os resultados e fragilidades encontrados na avaliação, a fim de fornecer subsídios para qualificar e fomentar discussões e melhorias a respeito do projeto pedagógico dos três cursos presentes na Unidade.

Desde seu surgimento em 2009, o curso de Fisioterapia da UFRGS já teve seu projeto pedagógico modificado duas vezes pós-avaliação do NAU. As alterações mais significativas dizem respeito à redução/aumento de carga horária, caráter e pré-requisito das disciplinas oferecidas, entre outras. As modificações oriundas deste processo avaliativo demonstram interesse do grupo docente da Fisioterapia em rever seus modos de ensino. Ademais, este modo de avaliação do NAU no qual preserva o anonimato é de extrema valia, uma vez que deixa discentes à vontade em falar sobre determinado(a) professor(a) e/ou uma disciplina específica que, porventura, possam ter receios em comunicar diretamente ao/à docente em sala de aula.

Podemos pensar que o Curso de Fisioterapia da UFRGS foi organizado para produzir uma diferença em relação aos demais cursos existentes, tanto no que diz respeito à história da Fisioterapia - que se constituiu como formação de nível superior em instituições privadas - quanto pela criação de um Projeto Pedagógico que visava ir além da projeção identitária do sujeito histórico da Fisioterapia: o reabilitador. Não que esta identidade histórica de reabilitador não estivesse presente entre os saberes e representações do Projeto Pedagógico da Fisioterapia da UFRGS desde os seus primórdios, e de tudo aquilo que constitui a educação maior deste curso. Deste modo, é importante salientar que o perfil identitário de egresso de Fisioterapia da UFRGS não se reduziu a isto, ao sujeito histórico da Fisioterapia.

Ademais, o curso, também, produziu diferença, quando alterou seu próprio Projeto Pedagógico após avaliação do NAU, demonstrando que sua existência em si mesmo recriou uma outra rota de fuga para si, produzindo repetições que

constituíram sua própria diferença a partir daquilo que o perfil identitário do curso se propunha a ser.

Visto isso, podemos pensar que o projeto pedagógico inaugural do curso de Fisioterapia da UFRGS, assim como tudo que antecedeu até então – seja através da história da Fisioterapia e do próprio curso de Fisioterapia da UFRGS – como sendo um ponto de partida potente, e não de chegada, fundamental para dar pistas e subsídios de como, dentro deste contexto, estudantes produziram suas próprias rotas de fuga, desvios e retornos, de formação e produção de outras rotas de formação no curso, na qual considere como sendo educação menor.

Não tenho a intenção de hierarquizar as formas de avaliação, mas sim salientar a relevância da multiplicidade das vozes e de pontos de vistas nos processos avaliativos institucionais. Com isso, outras reflexões e estranhamentos a respeito do currículo e do curso podem ser produzidas e nos ajudar a pensar nos processos de produção de educação menor para além da educação maior, a institucional que representa e conta no Projeto Político Pedagógico do Curso de Fisioterapia da UFRGS.

6 ANTES DA LARGADA: QUANDO O CURSO DE FISIOTERAPIA PASSOU A SER UMA POSSIBILIDADE

*O pensamento parece uma coisa à toa
Mas como a gente voa quando começa a pensar⁴⁹*

Antes de se adentrar em uma trilha, em algum momento, se pensa em como será possível atravessá-la. Aos passos de “deixe a vida me levar/vida leva eu⁵⁰”, alguns optam por se aventurar experienciando os imprevistos que surgem na rota. Há, também, quem imagina percursos mais lineares, enquanto outros optam por rotas já percorridas, seguindo pistas e roteiros de outrem com referência de “como chega lá”. Independentemente de como se imaginou atravessar uma trilha, surpresas podem vir acontecer.

O acontecimento de atravessar uma trilha é composto por diferentes pensares, não sendo, portanto, um exercício natural, linear e homogêneo (DELEUZE, 2021). Por isso é difícil determinar um único caminho a ser percorrido, uma vez que não se pode contar com os que desejam atravessar uma trilha optem por cruzá-la do mesmo modo. Mesmo os que optam por um mesmo caminho, as pistas e roteiros que orientam este, não necessariamente, são os mesmos. Inclusive, há imprevistos que, mesmos os mais preparados, podem não os prever. Isso porque o caminho a ser escolhido é somente uma rota, um ponto de vista que indica um “como fazer”, composto por representações e discursos, que constitui dicas e roteiros de “como atravessar” e, também, um percurso até então inimaginável, mas que pode vir acontecer e/ou aconteceu, uma vez que tornou possível alguém chegar ao destino almejado (DELEUZE, 2021).

Da sensibilidade dada a pensar sobre a escolha do caminho profissional a ser trilhado, emerge o imaginário de projeções e vivências subjetivas que acontecem na infância à vida adulta. Da produção deste imaginário, segundo Juremir Machado da Silva (2017), que reverbera e sobreviveu a vida adulta, o sujeito vai construindo e reconstruindo sua realidade a partir do que vai acontecendo no dia a dia e do que ele toma como verdade para si, norteando suas escolhas que levam a pensar quando se pergunta: “o que você quer ser quando crescer” (SILVA, 2017).

⁴⁹ Trecho retirado da composição de Lupicínio Rodrigues “Felicidade”.

⁵⁰ Trecho retirado da composição de Eri Do Cais e Serginho Meriti “Deixe a vida me levar”.

Não se trata de uma verdade a ser testada ou comprovada. Mas de uma verdade sentida como tal. Aquele que mergulha num imaginário firma uma espécie de contrato tácito com a narrativa que abraça e que envolve. Passa a aceitá-la como plausível. Adota-a como uma descrição aceitável de um fenômeno qualquer. Esse pluralismo interpretativo não tenta resumir o todo a sua particularidade. Ninguém escolhe adotar um imaginário. Há um encontro, uma construção, uma descoberta, uma luz (SILVA, 2017, p. 42).

Considerando que “o ser quando crescer” por vezes está associado à escolha de uma carreira profissional, opto por adotar a noção de imaginário para dar conta desta situação real que estudantes se deparam ao pensar em qual profissão desejam seguir. Apesar de tal escolha ainda não ter acontecido, ela é sentida como uma verdade plausível a ponto de se dar a pensar em “como seria se eu fosse fisioterapeuta” e/ou “o que essa profissão me possibilitará fazer”.

Se o imaginário emerge da banalidade do cotidiano, da fantasia, do não racional, da leitura do vivido que atribui sentido ao que acontece (SILVA, 2017), esta noção nos fornece elementos para mapear pensamentos que traduzem motivações, forças, desejos, sonhos, fantasias, interesses, momentos, frustrações que levaram estudantes a compreender a Fisioterapia como um curso possível de ser seguido. A intenção é assinalar as tensões produzidas pelas relações de poder e produções de subjetividades que levaram estudantes a optarem pelo curso de Fisioterapia ao invés de outros, em uma tentativa de compreender os movimentos do imaginário empreendido por estes e estas, antes de se tornarem ingressos na instituição UFRGS.

Para dar conta de problematizar estas questões, utilizou-se o material transcrito pelo NAU (grupo focal), as falas e os materiais produzidos por alunas, alunos e alunes inscritos em disciplina que antecede estágio curricular, sobretudo, da aula “Rotas de formação, identidade e diferença em Fisioterapia”, ministrada por mim, na mesma disciplina; falas e escritos obtidos em entrevista com fisioterapeutas e memorial referente à atividade realizada para disciplina; avaliações e documentos do NAU/ESEFID/UFRGS.

Para desenvolver como se deu a produção do imaginário destes estudantes antes mesmo do curso de Fisioterapia da UFRGS se tornar uma realidade factual, optou-se pelas noções de imaginário de Juremir Machado da Silva (2021): imaginário como ficção compartilhada; imaginário como fantástico do cotidiano; imaginário como memória afetiva.

6.1 IMAGINÁRIO COMO FICÇÃO COMPARTILHADA: FISIOTERAPIA COMO PRÁTICA DE CUIDADO E FISIOTERAPEUTA-REABILITADOR

Imaginário como ficção compartilhada são narrativas unificadoras, não planejadas e com certa aceitação social. Nesta noção, o imaginário está associado a acontecimentos históricos, apegando-se a fatos, sem ter o compromisso e/ou interesse de apresentar pontos de vistas diferentes daqueles relatados. De uma maneira geral, ele tende a apresentar uma visão hegemônica, podendo ser aquela capaz de servir como base para a criação de mitos, crenças, estereótipos, entre outras ficções sociais (SILVA, J., 2021).

Para selecionar as pistas do imaginário como ficção compartilhada, olhou-se para as narrativas de estudantes que não possuíam experiências prévias com a Fisioterapia para compreender quais ficções e crenças, acerca do que poderia ser Fisioterapia e/ou fisioterapeuta, foram disparadoras de interesse nesses estudantes com este curso.

“Meu primeiro passo em direção à Fisioterapia começou ainda na infância, quando me dei conta de que gostaria de cuidar de pessoas quando crescesse. Achava que iria ser médica, entretanto, depois de muitas tentativas comecei a abrir meus horizontes para outras possibilidades.” (A.R.⁵¹)

“Tinha escolhido este curso por querer ter mais contato com os pacientes, de poder ter alguma influência positiva na qualidade de vida dessas pessoas que procuram a Fisioterapia e poder auxiliar essa pessoa a ter uma vida melhor” (A. C. C.⁵²)

“O que me levou a escolher Fisioterapia como curso foi o potencial que encontrei nessa profissão de ajudar o próximo. Eu sempre gostei muito de cuidar do outro, desde pequena. Na escola, minha matéria preferida era biologia. Achei que Fisioterapia seria um curso que eu iria gostar e me identificar.” (H. H.⁵³)

“para mim, quando a pessoa tinha algum problema, algum acidente. É a visão que se tem, a mídia e em muitos lugares.” (A. P.⁵⁴)

⁵¹ Homenagem a Alice Ruiz Schneronk, poeta, haicaista, publicitária, letrista e tradutora brasileira.

⁵² Homenagem a Ana Cristina Cruz Cesar que foi uma poetisa, crítica literária, professora e tradutora brasileira, conhecida como Ana Cristina Cesar. É considerada um dos principais nomes da geração mimeógrafo, conhecida também como a poesia marginal da década de 1970.

⁵³ Homenagem a Hilda Hilst que foi uma poeta, ficcionista, cronista e dramaturga brasileira. É considerada pela crítica especializada como uma das maiores escritoras em língua portuguesa do século XX.

⁵⁴ Homenagem a Alejandra Pizarnik, escritora e poetisa argentina. É um dos nomes mais relevantes da poesia argentina contemporânea.

“sempre tive bastante afinidade com a área da saúde, antes de entrar na fisioterapia também havia passado pela Biomedicina, e embora gostasse bastante, considerava muito técnico e científico. Optei, então, trocar para Fisioterapia, pois acredito que envolve de forma mais equilibrada, aspectos técnicos, mas também humanos e sociais.” (T. N.⁵⁵)

Foi possível identificar indícios históricos relacionados à origem da Fisioterapia no Brasil que, possivelmente, possam ter contribuído para as construções deste imaginário: profissão da área da saúde, proporcionar cuidados, influenciar positivamente a vida das pessoas. Como já visto, o surgimento em serviços de “eletricidade médica”; tratamento de sequelas motoras provenientes de doenças tais como varíola, malária, febre amarela, poliomielite, tuberculose e sífilis, levaram à diminuição da mão de obra disponível ao trabalho; instrumento de reabilitação da mão de obra e sua reintegração à força produtiva”, sendo vista não mais como direito social da população, mas sim como instrumento de sustentação econômica (OLIVEIRA, 2002, BISPO JUNIOR, 2009; TEIXEIRA; MUNIZ; NAZARE, 2017).

Aposta-se que a “verdade histórica” da Fisioterapia tenha sido constituída, como já apresentado, por herança proveniente do modelo médico hegemônico flexneriano com visão tecnicista, mecanicista, utilitarista e dicotômica no qual separa teoria e prática, priorizando um olhar biológico ao corpo, centrando-se na doença e na reabilitação (BISPO JUNIOR, 2009). Ademais, no auge do regime militar, quando a Fisioterapia foi regulamentada, através do decreto-lei 938, publicado em 13 de outubro de 1969, havia uma forte crise no setor de saúde. Este contexto facilitou que a profissão emergisse e fosse associada a cuidados, já que as condições de vida da população agravaram-se, tanto por doenças que não estavam havendo controle epidemiológico quanto por lesões decorrentes da tal “força produtiva” necessária para erguer a nação.

Contudo, “todo o imaginário é histórico e toda História é imaginada” (SILVA, J., 2017, p. 87), uma vez que é contada a partir da perspectiva de quem pode apresentar seu ponto de vista como sendo “verdade”, descrevendo “como foi” que, não necessariamente, foi bem assim. Toda a história está recheada de relações de poder-saber, sendo, portanto, aquilo que tomamos por imaginário como ficção

⁵⁵ Homenagem a Torquato Pereira de Araújo Neto, poeta brasileiro, jornalista, letrista de música popular, experimentador ligado à contracultura.

compartilhada é apenas uma escolha de fatos e uma maneira de narrar algo, uma versão, uma tradução, de contar um acontecimento que neste caso é como se deu a emergência da Fisioterapia no Brasil.

Tendo por entendimento que a história continua sendo contada e produzida no cotidiano, rastreando-se no dia a dia e no que vai sendo constituído no contemporâneo, buscou-se, na internet, em sites, como a Fisioterapia e ser fisioterapeuta tem sido retratado. Partiu-se do pressuposto que a internet é um local de visibilização e de buscas desse nosso tempo.

Tomamos pelo pressuposto teórico que produção de pensamento está relacionada ao imaginário constituído por uma visão histórica compartilhada (SILVA, J., 2021), associada à indeterminação da linguagem (FOUCAULT, 2014), que se produz e se divulga tanto pelo boca a boca quanto em sites oficiais e não oficiais do curso de Fisioterapia. Partiu-se, também, do entendimento que a internet é um importante meio de informação e produtor de verdades, entendendo verdade a partir da perspectiva de Foucault, que a considera como sendo “deste mundo”, uma vez que parte das condições de possibilidade de determinadas coisas serem ditas enquanto outras não. Se a verdade é deste mundo, como defendeu Michel Foucault, e se o imaginário dá pistas do que pode ser considerado real no aqui e agora, faz-se, então, imprescindível buscar entender como a Fisioterapia vem sendo divulgada na internet.

Utilizando o buscador Google, fez-se a seguinte pergunta, em forma de frase: “o que é ser fisioterapeuta”, visando ter um panorama de significados e representações atribuídas à função social de fisioterapeutas e que, também, possam ter contribuído com a produção do imaginário como ficção compartilhada da Fisioterapia como sendo uma profissão associada à saúde, ao cuidado, à reabilitação e ao esporte.

A primeira busca se deu no dia 25 de fevereiro de 2020, resultando em, aproximadamente, 18.300.000 referências. Quase dois anos depois, em dia 03 de junho de 2022, foi refeita a busca, utilizando a mesma frase, e se obteve, aproximadamente, 36.300.000 resultados. Ambas as buscas foram realizadas sem o uso das aspas.

Foram visualizados os 100 primeiros sites que apareceram nas buscas, correspondendo as 10 primeiras abas. Selecionamos os sites: “Guia do Estudante”; “Bahiana Escola de Saúde Pública”; “Guia da Carreira”; “Mundo Vestibular”; “O

Pensador”; “Que Curso”; “Educa Mais Brasil”. A opção por esses sites também se deu por eles apresentarem um panorama quanto a representações e discursos possíveis, sem ser relato de experiência, que dão base à produção de imaginário como ficção compartilhada do que pode ser Fisioterapia e/ou fisioterapeuta.

O site “Guia do Estudante” visa informar questões referentes às carreiras e oportunidades profissionais. Na tentativa de responder à questão “o que o fisioterapeuta faz?”, o site apresenta o envelhecimento da população como uma oportunidade de trabalho a profissionais da Fisioterapia. Segundo a página,

O bacharel em Fisioterapia atua no tratamento e prevenção de doenças e lesões, decorrentes de fraturas ou má-formação ou vícios de postura. Tem como aliados, técnicas como massagens e exercícios que restaurem a capacidade física e funcional do paciente⁵⁶.

Acompanhando estas informações, o site apresenta um link para quem tiver interesse em acessar os lugares onde se pode fazer o curso de Fisioterapia. Duas imagens estão no site: uma de mulher em decúbito dorsal, dando a ideia de massagem e/ou terapia manual; enquanto a segunda, também uma figura feminina, sendo orientada por um homem a realizar exercício de membros superiores. Ambas as imagens corroboram com o imaginário como ficção compartilhada que a Fisioterapia cuida, reabilita e que tem alguém que faz, através do toque, individualizado, esta prática de cuidado com o outro.

Figura 4 – Terapia Manual



Fonte: blog Guia do Estudante Abril

⁵⁶ GUIA DO ESTUDANTE. 2019. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/pordentrodasprofissoes/o-que-o-fisioterapeuta-faz/> Acesso em: 23 jun. 2023.

Figura 5 - Exercício de membros superiores



Fonte: blog Guia do Estudante Abril

O site “Bahiana Escola de Saúde Pública” apresenta fisioterapeuta como sendo o profissional que avalia e executa suas funções a partir do diagnóstico funcional e que “aplica e gerencia um tratamento utilizando meios físicos” tais como exercícios, correntes elétricas, laser terapêutico, piscina terapêutica. Segundo o site,

Para se tornar um fisioterapeuta é preciso ser graduado em Fisioterapia que, no sentido amplo da palavra, nada mais é do que a ciência que estuda a função do movimento do corpo. Como parte de sua profissão, é necessário estudo, diagnóstico, prevenção e tratamento de todo e qualquer distúrbio referente à funcionalidade humana⁵⁷.

Ao propor a questão “o que é ser fisioterapeuta?”, o site apresenta fisioterapeuta como sendo o profissional que tem no movimento humano seu objeto de estudo, no qual visa restaurar funções, sistemas e órgãos lesionados. Identifica o fisioterapeuta como sendo um profissional apto em atuar em diferentes níveis na área da saúde e que tem formação humanista, generalista, crítica e reflexiva.

O site exhibe características desejáveis a um fisioterapeuta: sensibilidade tátil, equilíbrio emocional, capacidade de observação e de decisão, boa disposição física, boa coordenação motora, vontade de ajudar o próximo, boa comunicação, autocontrole e responsabilidade. O site ainda mostra as habilidades que profissionais da área devem ter para serem “bem sucedidos”: saber coletar e interpretar dados para gerar diagnóstico e dar tratamentos adequados; saber avaliar exames de imagem e complementares, quando necessário, como tomografias e ressonância magnética; elaborar tratamento fisioterapêutico completo com

⁵⁷ BAHIANA ESCOLA DE SAÚDE PÚBLICA, 2021. Disponível em: <http://blog.bahiana.edu.br/Fisioterapia/o-que-e-ser-fisioterapeuta/> Acesso em: 23 jun. 2023.

prognósticos, objetivos, recursos e técnicas terapêuticas em benefício do paciente; estar apto a supervisionar e orientar tratamentos; emitir laudos e atestados.

O site “Guia da Carreira” busca responder à questão: “o que faz um fisioterapeuta?”, atribuindo a fisioterapeutas a função de “recuperação de nossos movimentos através de massagens e exercícios físicos, atuando também na prevenção de doenças ocupacionais e lesões”⁵⁸. Ademais, apresenta o profissional da medicina como tendo a “função” de indicar Fisioterapia para “complementar a ação de medicamentos e acelerar a recuperação” de lesões relacionadas a questões musculares.

Outra questão que o site “Guia da Carreira” traz é o perfil do profissional formado em Fisioterapia, que prevê que fisioterapeuta “deve ser humanista e gostar de cuidar de outras pessoas⁵⁹”, assim como “ter sensibilidade para lidar com as pessoas e perseverança para ajudar os pacientes a alcançarem os resultados são características de um bom profissional da área de Fisioterapia⁶⁰”.

No site “Mundo Vestibular⁶¹” aparece a questão “como se tornar um Fisioterapeuta”, dando-nos a ideia que se tornar é um processo no qual há mobilidade, uma trajetória. Exibe um breve histórico do surgimento da Fisioterapia no Brasil e cita Acupuntura, Quiropraxia e Osteopatia como áreas de atuação do profissional fisioterapeuta.

O site “O Pensador⁶²” traz 12 frases nas quais o imaginário como ficção compartilhada do que pode ser fisioterapia e/ou fisioterapeuta é apresentado de uma forma mais poética. De uma maneira geral, são frases compostas por palavras que remetem à profissão, por exemplo, mãos, movimento, dor, amparo, arte, ciência, beleza, estética, dom de cuidar para dar conta de algumas das representações que o blog atribui à Fisioterapia.

⁵⁸ GUIA DA CARREIRA. **O que faz um fisioterapeuta?** Disponível em: <https://www.guiadacarreira.com.br/carreira/o-que-faz-um-fisioterapeuta/> Acesso em: 23 jun. 2023.

⁵⁹ GUIA DA CARREIRA. **Fisioterapia: saiba tudo sobre...** Disponível em: <https://www.guiadacarreira.com.br/guia-das-profissoes/Fisioterapia/> Acesso em: 23 jun. 2023.

⁶⁰ GUIA DA CARREIRA. **O que faz um fisioterapeuta?** Disponível em: <https://www.guiadacarreira.com.br/carreira/o-que-faz-um-fisioterapeuta/> Acesso em: 23 jun. 2023.

⁶¹ MUNDO VESTIBULAR. **Descubra o que faz um fisioterapeuta...** Disponível em: <https://www.mundovestibular.com.br/cursos/descubra-o-que-faz-um-fisioterapeuta-e-como-se-tornar-um> Acesso em: 23 jun. 2023.

⁶² SER fisioterapeuta é. **Pensador.** Disponível em: https://www.pensador.com/ser_fisioterapeuta_e/ Acesso em: 23 jun. 2023.

“Que Curso⁶³” expõe, com ironia, alguns “mitos” e “verdades” em relação à Fisioterapia. Predominaram a associação dos profissionais desta área a massagistas, de que se trata de uma profissão exercida por mulheres e pessoas que não conseguiram passar no curso de Medicina. O site salienta que para ser fisioterapeuta é preciso gostar de cuidar das pessoas, trazendo a importância da relação interpessoal na motivação de pacientes, sobretudo em tratamentos mais longos.

A pergunta “Fisioterapeuta é doutor?” é problematizada no site “Educa Mais Brasil⁶⁴”. A partir da etimologia da palavra *doctor* que, em latim, é aquele que ensina, o site justifica e defende que profissionais da área da Fisioterapia sejam chamados de doutores, apoiando-se também na orientação do Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional de 8ª Região (CREFITO-8).

O imaginário como ficção compartilhada da Fisioterapia como sendo uma prática de saúde e cuidado apareceu nos enunciados dos sites selecionados. Como já dito, nesses sites não havia relatos de experiência. Deste modo, entendeu-se tais informações como sendo aquelas possíveis de senso comum, as quais são consideradas como critério para identificar produções de imaginário como ficção compartilhada e de fácil aceite social.

No site “Educa mais Brasil” houve a menção de informações oficiais como a do CREFITO-8 para dar legitimidade à ideia de o fisioterapeuta poder ser chamado de doutor. A herança histórica da Fisioterapia ter emergido em serviços médicos pode inflamar esta disputa por territórios e trazer a presença deste imaginário de relações de poder em ambiente hospitalar e/ou profissionais. Mas, afinal, quem pode ser chamado de doutor e doutora? Quem tem doutorado? Médicos e médicas? Fisioterapeutas? Demais profissionais da saúde? Advogados e advogadas? Esta é uma questão que está implicada nas relações de poder que merecem ser problematizadas, no entanto, no presente estudo não se obtiveram elementos para levantar que a hipótese de ser doutor/doutora possa ter despertado interesse e constituído o imaginário de participantes do estudo. De todo modo, a disputa de

⁶³ QUE CURSO? **Fisioterapia**: tudo sobre o curso e a profissão. Disponível em: <https://quecurso.com.br/blog/Fisioterapia/> Acesso em: 23 jun. 2023.

⁶⁴ FISIOTERAPEUTA é doutor? **Educa mais Brasil**. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/cursos-e-faculdades/Fisioterapia/noticias/fisioterapeuta-e-doutor> Acesso em: 23 jun. 2023.

quem pode e/ou não pode ser chamado de doutor e doutora é algo que está no imaginário coletivo e sob tensões e interesses de profissionais acima citados.

A ênfase à reabilitação e menção de idosos como sendo um público-alvo a fisioterapeutas, sendo uma profissão que melhora a qualidade de vida de idosos, foi algo que apareceu como imaginário de ficção compartilhada de campo de atuação possível à Fisioterapia. A ideia de que idosos exigem cuidados reforça o estereótipo do fisioterapeuta-reabilitador, que é uma criação palatável e com aceitação social, uma vez que tem por base um sentimento coletivo que produz o imaginário da cuidadora, atribuindo o cuidado ao feminino, como se viu no site “Que curso⁶⁵”. Tal estereótipo configurando-se um senso comum, possivelmente, tenha origens nas práticas de técnicas de massagem e eletroterapia em serviços hospitalares de ortopedia. Tais técnicas, como, por exemplo, osteopatia e massoterapia, por sua vez, também foram mencionadas nos sites de busca, o que nos reforça que as representações históricas da profissão ainda permanecem e seguem como verdades no contemporâneo, no qual tem no toque e na manipulação um importante capital simbólico à Fisioterapia.

Talvez as ideias preconizadas pelo SUS divulgadas nos sites “Bahiana Escola de Saúde Pública” e “Guia de Carreira” possam ter ampliado a noção assistencialista e humanista da Fisioterapia para além da questão tecnicista herdada de sua origem em centros ortopédicos. Os cuidados abordados em algumas falas de estudantes não se referiam a técnicas fisioterapêuticas, mas sim a um desejo de estar atento à demanda do outro, propondo conforto e melhora da qualidade de vida.

6. 2 IMAGINÁRIO COMO FANTÁSTICO DO COTIDIANO: A SONHADA FISIOTERAPIA ESPORTIVA E O “ALGO MAIS” DO MOVIMENTO HUMANO

O imaginário como fantástico do cotidiano pode ser entendido como sendo a coexistência entre visão realista e visão fantástica que se produz no dia a dia (SILVA, J., 2021). Tem a ver com a cultura, no entanto, não se reduz a ela, uma vez que parte do imponderável, de “um certo mistério da criação ou da transfiguração” do que acontece no cotidiano (MAFFESOLI, 2001, p. 75).

⁶⁵ QUE CURSO? **Fisioterapia**: tudo sobre o curso e a profissão. Disponível em: <https://quecurso.com.br/blog/Fisioterapia/> Acesso em: 24 jun. 2023.

Na perspectiva de Michel Maffesoli (2001), ao se apropriar das ideias de Walter Benjamin, o imaginário é sentido como uma espécie de aura não vista, mas percebida como tal, um “algo mais”. São representações que, mesmo que saibamos que não existam, tais como monstros e super-heróis, conseguimos imaginá-las, pois é no imaginário que se produz imagens que determinarão a existência daquilo que a fantasia constrói (MAFFESOLI, 2001). O imaginário de que a Fisioterapia trabalha com esportes e que atletas, em certa medida, são heróis nacionais, o desejo em trabalhar na área esportiva esteve presente na fala de estudantes.

“Fisioterapia não era minha primeira escolha. Escolhi ela por unir reabilitação, tratamento, o cuidar de alguém com a possibilidade de trabalhar no esporte, mais precisamente com o futebol.” (W. F.⁶⁶)

Na busca de pistas que possam ter contribuído para a produção do imaginário que associa Fisioterapia ao esporte, sobretudo ao futebol, busquei alguns eventos esportivos relevantes com atletas conceituados como “heróis” pela mídia e premiados em suas categorias para compreender como tem sido a produção discursiva que relaciona esporte e Fisioterapia. Tendo em vista que o Brasil é o “país do futebol”, iniciei buscas por eventos esportivos a fim de compreender esta produção de imaginário como fantástico do cotidiano, exatamente, por esta prática.

Dos eventos esportivos recentes foi a Copa do Mundo de 2022 em que uma das manchetes da CNN Brasil era: “Neymar “dorme” na Fisioterapia para reforçar a seleção na Copa do Mundo⁶⁷”. O atleta teve que fazer uma intensiva nos atendimentos a fim de reduzir edema em tornozelo devido a entorse em uma das partidas futebolísticas.

Figura 6 – Neymar na Fisioterapia

⁶⁶ Homenagem a Walter Franco, considerado um dos músicos mais influentes no cenário underground brasileiro e um dos mais revolucionários da história da música popular brasileira. Não chegou a participar de nenhum movimento cultural musical, mas seu nome sempre se fez presente na chamada vanguarda.

⁶⁷ MAGATTI, Ricardo. Neymar “dorme” na fisioterapia para reforçar **CNN Brasil**, 27 nov. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esporte/neymar-dorme-na-fisioterapia-para-reforcar-a-selecao-na-copa-do-mundo/> Acesso em: 23 jun. 2023.



Fonte: CNN Brasil

Não é a primeira vez que em um dos maiores eventos futebolísticos do mundo, a Copa do Mundo, a Fisioterapia tem importante atuação. Na Copa de 2002, “o fenômeno” Ronaldo Nazário, como era chamado na mídia por ser um dos maiores futebolistas de reconhecimento mundial, agradece a Deus e a seu fisioterapeuta Nilton Petroni⁶⁸, o Filé, pelo Brasil ter se tornado pentacampeão nesta Copa⁶⁹. Filé já havia reabilitado Ronaldo na lesão que o levou à ruptura total do ligamento patelar ocorrida em abril de 2000 durante a primeira partida em que jogava pela Inter de Milão⁷⁰. Fisioterapeuta e atleta também foram parceiros em uma clínica de reabilitação onde Ronaldo investiu R\$ 18 milhões⁷¹.

Figura 7 – Ronaldo, o fenômeno



Fonte: blog globo

⁶⁸ BRANDÃO, Jorge. Ronaldo o fenômeno e o gol na história da Fisioterapia. **Fisioterapia e saúde**, 14 fev. 2011. Disponível em: <https://blogs.opovo.com.br/fisioterapiaesaude/2011/02/14/ronaldo-o-fenomeno-e-o-gol-na-historia-da-fisioterapia/> Acesso em: 23 jun. 2023.

⁶⁹ FISIOTERAPEUTA do Fluminense [...]. **NetFLU**, 20 nov. 2022. Disponível em: <https://www.netflu.com.br/fisioterapeuta-do-fluminense-file-conta-como-recuperou-ronaldo-para-copa-de-2002/> Acesso em: 23 jun. 2023.

⁷⁰ TORRALBA, Karla. 20 anos: o que mudou para o esporte a lesão... **UOL Esporte**, 12 abr., 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/lesao-que-quase-acabou-com-carreira-de-ronaldo-fenomeno-completa-20-anos/#cover> Acesso em: 23 jun. 2023.

⁷¹ LANCE duvidoso. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/lance-duvidoso/> Acesso em: 23 jun. 2023.

Associar a experiência esportiva como algo que possa alterar a vida das pessoas, uma vez que, tal experiência alterou positivamente sua vida, esteve presente na fala de estudantes quando vislumbraram a hipótese de fazer vestibular para Fisioterapia.

“Eu escolhi o curso de Fisioterapia pela vontade de levar o movimento às pessoas que estão impossibilitadas. Eu gostava muito de fazer atividade física e usava como uma válvula de escape para frustrações e estresses diários. Queria muito que as pessoas também pudessem ter esse sentimento. Na época, nunca havia tido contato com fisioterapeutas. Para mim, a Fisioterapia ficava restrita a reabilitação.” (P.⁷²)

“Desde pequena gostei do movimento. Competia no ballet, jogava tudo que era esporte, já dancei até em CTG [...] por isso acabei escolhendo uma profissão que me permitisse estar em contato com o movimento.” (C. R⁷³)

O imaginário como fantástico do cotidiano, que parte da experiência do dia a dia, do cotidiano em si, e de um “algo mais” que possa ser sinalizado como um movimento que possa melhorar a vida das pessoas, tal como uma “válvula de escape para frustrações e estresses diários”, impulsionou o desejo de alguns(mas) estudantes pela área.

Se esta válvula de escape se tornará um caminho a ser seguido, não temos como saber, por isso que as identifiquei como sendo uma produção fantástica, pois uma vez que cursarem a Fisioterapia, e se através dela a vida de quem a faça e/ou a relação que possa se estabelecer a partir deste contato realmente vá se concretizar, é sempre uma incógnita. No entanto, este imaginário serviu como base para estudantes pensarem na possibilidade de escolher a Fisioterapia como profissão. Entre o real e o onírico, a pessoa age porque sonha em agir (MAFFESOLI, 2001, p. 77). Nesta perspectiva, foi preciso sonhar antes de vislumbrar a Fisioterapia como um possível curso a trilhar.

Para contemplar como o imaginário de associar esporte à melhora de vida, busquei acontecimentos esportivos nos quais a relação entre fisioterapeuta e a pessoa que está sendo atendida extravasou o lócus de reabilitação. A exemplo disto, a relação entre o heptacampeão mundial de F1, Lewis Hamilton, com a

⁷² Pagu foi uma escritora, poetisa, diretora, tradutora, desenhista, cartunista, jornalista e militante comunista da política brasileira

⁷³ Cassandra Rios, pseudônimo de Odette Pérez Ríos, foi uma escritora brasileira, de ascendência espanhola. Escrevia ficção, mistério e principalmente sobre homossexualidade feminina e erotismo, sendo a primeira escritora a tratar do tema, quebrando um grande tabu nacional.

fisioterapeuta Angela Cullen⁷⁴. Segundo o atleta, suas conquistas estão relacionadas às trocas que ele tem com a fisioterapeuta que se tornou sua amiga. Ambos passam a maior parte do tempo juntos, das 6h/7h às 22h/23h, e, segundo Hamilton, ele só consegue fazer o que faz, porque tem o apoio e a amizade de Cullen.

Figura 8 – Hamilton e Cullen



Fonte: blog autoracing

O esporte também serviu como palco para divulgação de técnicas apropriadas pela Fisioterapia. Nas Olimpíadas de Pequim, em 2008, o nadador norte-americano Michel Phelps garantiu 8 medalhas de ouro, realizando seu melhor desempenho em olimpíadas⁷⁵. No entanto, as marcas em seu corpo devido ao uso de ventosas foram tão comentadas quanto suas vitórias⁷⁶.

Figura 9 - Michel Phelps



Fonte: blog esportelandia

A ventosa é uma técnica utilizada pela medicina tradicional chinesa (MTC). São copos - de vidro, acrílico, bambu, entre outros - de diferentes tamanhos, que fazem uma sucção na pele promovendo uma hiperemia. Na MTC, é utilizada como

⁷⁴ A RELAÇÃO de Hamilton com Angela Cullen. **Autoracing**, 23 out. 2021. Disponível em: <https://www.autoracing.com.br/a-relacao-de-hamilton-com-angela-cullen/> Acesso em: 23 jun. 2023.

⁷⁵ ALTMAN, Max. Pequim, 2008: Michael Phelps conquista 8 ouros... **OperaMundi**, 28 jul. 2021. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/grandes-momentos-olimpicos/41621/pequim-2008-michael-phelps-conquista-8-ouros-e-se-torna-atleta-com-mais-medalhas-em-uma-unica-edicao> Acesso em: 23 jun. 2023.

⁷⁶ MICHAEL Phelps e as ventosas. **Dr. Rondó**, 2026. Disponível em: <https://www.drondo.com/michael-phelps-ventosas/> Acesso em: 23 jun. 2023.

parte de tratamentos, associados a técnicas como acupuntura, auriculoterapia, entre outras.

O aumento de cursos de ventosaterapia veio associado à sua popularidade, no entanto, a maioria dos cursos eram dados fora do contexto da MTC. Juntamente a isto, poucos estudos clínicos multicêntricos ou randomizados duplo-cegos foram realizados, o que dificulta poder dizer, dentro do paradigma cartesiano, compreendê-la como uma “verdade” ao que se trata como um método de reabilitação com reconhecimento científico.

Similar à ventosa, o uso de bandagem elástica entre atletas também foi um alarde⁷⁷ midiático. Era todo um frenesi para publicitar o que eram aquelas fitas coloridas colada em diferentes partes dos corpos⁷⁸. Chamadas de “kinesio taping”, bandagem elásticas, eram propagadas por levar a diminuição de dores e proporcionar maior consciência muscular. No entanto, há controvérsia entre estudos científicos quanto a sua eficácia. Tal e qual a ventosaterapia, o número de cursos aumentou consideravelmente, assim como o interesse de atletas e não atletas em exporem em seus corpos a tais fitas coloridas.

Figura 10 – Jogadora Cook usando taping



Fonte: blog FIVB

Nenhuma das técnicas acima foram mencionadas nas falas de estudantes, mesmo que estas tenham tido apelo midiático com algo que contribua a vitória e melhor desempenho de atletas. É provável que estes estudantes por ainda não terem vivenciado o curso de Fisioterapia estejam transitando mais no campo de

⁷⁷ YARAK, Aretha. Kinesio taping, a nova aposta dos atletas olímpicos. **Veja**, 11 ago. 2012. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/kinesio-taping-a-nova-aposta-dos-atletas-olimpicos/> Acesso em: 23 jun. 2023.

⁷⁸FIVB volleyworld 4/2012. Disponível em: http://www.fivb.org/EN/ePublications/Volleyworld/FIVB-VolleyWorld04-2012_en/files/assets/basic-html/page47.html Acesso em: 23 jun. 2023.

possibilidades oníricas sem problematizar o “como vai ser” quando forem estudantes e/ou profissionais, uma vez que a Fisioterapia ainda não é uma realidade factual. O que leva a pensar que nem tudo que a mídia divulga “cola” na produção do imaginário que envolve trabalhar com esporte, uma vez que estudantes não mencionaram as técnicas que foram utilizadas ao idealizar que o esporte seria uma via de desejo quando se deseja trabalhar através da Fisioterapia.

Divulgação de notícias, imagens, vitórias, superação, sucesso tanto de atletas-heróis como de parcerias profissionais construídas a partir do encontro terapêutico, atribuíram a produção do imaginário da Fisioterapia associado ao esporte um capital simbólico a uma identidade profissional de sucesso. Contudo, é importante salientar que este imaginário está intimamente ligado ao real, uma vez que existiram fatos esportivos que sustentam tal associação. Relembramos alguns fatos históricos de atletas que obtiveram vitórias muito provavelmente por seus investimentos em reabilitação. Ademais, identificamos, inclusive, o retorno de atletas a seus respectivos esportes graças à reabilitação precoce, possibilitando que estes e estas levassem medalhas a seus países, clubes, entre outros, uma vez que havia a existência de lesões que tiveram que ser recuperadas e tratadas como tais. As questões referentes à experiência com práticas esportivas serão problematizadas na noção de imaginário como memória afetiva, a seguir.

6. 3 IMAGINÁRIO COMO MEMÓRIA AFETIVA: DAS LEMBRANÇAS A UTOPIAS DE CUIDADO

O imaginário como memória afetiva se refere às recordações individuais relacionadas às etapas, utopias, expectativas, realizações, rituais, conquistas e passagens em diferentes períodos da vida. Seria uma seleção de lembranças, registros e momentos individuais nos quais o sujeito significa e atribui sentido para aquilo que lembra que vivenciou (SILVA, J., 2017).

Para entender como se deu a produção do imaginário como memória afetiva, busquei falas relacionadas à memória de estudantes que tiveram experiência prévia com a Fisioterapia, observando e/ou sendo atendido, antes de serem ingressantes no curso.

“após o AVC que o meu avô em 2015 [...] ele estava com muitas limitações e precisava de ajuda para realizar qualquer atividade de deslocamento. Foi

nesse momento que ele iniciou os atendimentos com a Fisioterapeuta. Comecei a acompanhar as sessões e ficar curiosa sobre o sentido e explicação por trás de tudo que ela fazia com meu avô, queria ter conhecimento mais a fundo. Nesse momento não só descobri uma curiosidade por saber, mas também um sentimento muito profundo por cuidar. Nesse processo de adaptação do meu avô, percebi a importância de olhar, verdadeiramente, para o outro, de como isso, unido com uma escuta atenta, faz uma diferença enorme. Quando essas duas coisas estão presentes, você entende o que o outro precisa. Entender o seu tempo, a melhor maneira de fazer. E foi assim que eu me despedi da Arquitetura, que era meu sonho de adolescência, para fazer aquilo que estava cativando a minha curiosidade e meu coração.” (A. P.⁷⁹)

As lembranças que sobreviveram à vida adulta e que levaram a estudante A. P. a repensar “o ser quando crescer” emergiram da banalidade do cotidiano, da observação dos atendimentos fisioterapêuticos que seu avô recebia. Destas observações, A. P. vinculou a Fisioterapia como sendo uma prática de cuidado, a ponto de este imaginário, a partir de sua observação, tê-la feito mudar sua rota profissional, desistindo da Arquitetura para cursar Fisioterapia.

Foi possível identificar que a noção de cuidado relacionada ao imaginário como memória afetiva foi ao encontro do cuidado integral que se dá na escuta atenta, estando associada não somente aos saberes e fazeres técnicos da reabilitação. Tal modo de cuidar de cunho mais integral e sociocultural pode estar associado às ideias preconizadas pelo SUS que, assim como o imaginário como ficção compartilhada vinculado à história do fisioterapeuta-reabilitador de origem hospitalar, este cuidado integral também é de cunho histórico pela rota da saúde pública no Brasil.

É importante lembrar que a pesquisa em questão foi realizada com estudantes ingressantes no curso de Fisioterapia da UFRGS, universidade pública e federal, que tem por Projeto Político Pedagógico as noções de cuidado preconizada pelo SUS, indo ao encontro exatamente desta abordagem mais humanizada e integralista narrada por A. P. Assim, estas lembranças vieram da produção do imaginário desta estudante que está prestes a entrar no estágio curricular e, posteriormente, se formar, estando, portanto, embebida por saberes e representações que lhe foi ensinada durante o curso que ainda é estudante.

⁷⁹ Adélia Luzia Prado de Freitas é uma poetisa, professora, filósofa, romancista e contista brasileira ligada ao Modernismo. Sua obra retrata o cotidiano com perplexidade e encanto, norteados pela fé cristã e permeados pelo aspecto lúdico, uma das características de seu estilo único.

Mesmo que o episódio narrado pela estudante A. P. a partir da sua observação do encontro terapêutico de seu avô com a fisioterapeuta, tendo um olhar “de fora”, de expectadora do atendimento, não se pode ver com ingenuidade seu ponto de vista. Apesar deste distanciamento “de fora”, não há neutralidade, pois, sua narrativa é composta por tensões que se produzem e assinalam realidades e criações, em maior ou menor grau, reprodutoras de discursos instituídos, ou não, das representações e produções de subjetividades vindas de outras experiências que não só essa do encontro terapêutico.

Das produções vindas da própria experiência em vivenciar previamente uma sessão de Fisioterapia, seleciono algumas falas de estudantes:

“Sempre tive contato com a profissão pelo fato da minha mãe ser fisioterapeuta e crescer vendo seus atendimentos na área de educação postural, utilizando terapias manuais e de educação somática. Também tive contato com a profissão quando necessitei de atendimentos para um problema no joelho, e permaneci mais de um ano recebendo tratamento gratuito pela clínica de Fisioterapia esportiva do Ginásio Tesourinha. Nessa época, eu tinha uns 13 anos, e me lembro de ver aqueles fisioterapeutas atendendo seus pacientes e pensar: ‘um dia vou fazer isso também!’” (C. C.⁸⁰).

“Lembrei de acompanhar a minha avó nas sessões quando eu era bem nova. Ela (fisioterapeuta) dizia que eu deveria fazer Fisioterapia, mas eu não achava nenhuma graça naquela sessão onde o fisioterapeuta apenas fazia ultrassom no joelho” (Ã. R.⁸¹).

“Minha professora (de ballet) cursava Fisioterapia [...] por volta de uns 10/12 anos, participei de alguns projetos de RPG por convite dela [...] Durante o Ensino Médio, eu comecei a fazer Pilates e foi aí que caiu a ficha do que eu queria fazer”(C. R.).

O contato que estas estudantes tiveram com a Fisioterapia, seja através de atendimentos e/ou convivendo com algum profissional, foi uma importante referência na produção de pensamento sobre o que é Fisioterapia e/ou fisioterapeuta. Estas experiências, em uma fase da vida na qual a escolha profissional ainda não está no horizonte, funcionam como uma justificativa em retrospectiva, na qual um ponto do passado é pinçado para construir uma narrativa de um momento inaugural da

⁸⁰ Cora Coralina foi uma poetisa e contista brasileira. Considerada uma das mais importantes escritoras brasileiras, ela teve seu primeiro livro publicado em junho de 1965, quando já tinha quase 76 anos de idade, apesar de escrever seus versos desde a adolescência.

⁸¹ Angela Ro Ro é uma cantora, compositora e pianista brasileira. Angela Ro Ro foi considerada, pela revista Rolling Stone, a trigésima terceira maior voz da música brasileira. O apelido "Ro Ro" foi dado na infância por meninos do seu bairro devido a sua voz rouca.

decisão sobre o futuro profissional. Na perspectiva destas estudantes, estes momentos foram identificados a elementos pontuais da Fisioterapia: educação postural, terapia manual e educação somática (C. C.); ultrassom (Â. R.); RPG e Pilates (C. R.). Mesmo que tenha havido lembranças que não foram estimulantes, como no caso da estudante Â. R. ao relatar o uso de ultrassom, esta não foi suficiente para desmotivá-la e ter uma memória afetiva negativa em relação à Fisioterapia.

Práticas como educação postural, educação somática, Pilates, Reeducação Postural Global (RPG), são citadas. Tais práticas, relacionadas à postura corporal, têm em comum uma abordagem ao corpo na sua integralidade, tomando consciência, em maior e/ou menor grau, de aspectos fisiológicos, emocionais, subjetivos. Postura e expressão, criação através do movimento humano, onde este não é visto somente da perspectiva reabilitadora e/ou curativa. Promoção de saúde e bem-estar são a aura dessas práticas.

Em meados do século XX, segundo Vieira e Souza (2002), o entendimento de postura começa a ser revisto por alguns autores. A “boa” postura passou a ser associada à neurologia e à psicologia a noções de esquema e imagem corporal; a retitude, entre outros. Para os autores, há um ideal estético e moral a ser atingido quando a postura está reta, fazendo parte da “boa” apresentação.

A postura retificada também aparece através de fotografias de Joseph Pilates, criador do método que hoje leva seu nome. Conscientização do movimento através da respiração e integralidade do corpo, assim como um movimento engajado no outro, também fazem parte dos ensinamentos do método. Contudo, Joseph Pilates, assim como outros autodidatas, tiveram seus ensinamentos repassados por seus alunos e alunas, de modo que cada um passou a partir da concepção e entendimento do que era o método para si (LAGRANHA; VIEIRA; MACEDO, 2015).

Na atualidade, associar o Método Pilates a denominações tais como “autêntico”, “verdadeiro”, original, passou a agregar capital simbólico. Isto porque, quanto o termo “Método Pilates” caiu em domínio público nos Estados Unidos, qualquer um poderia usar tal nomenclatura. Paralelo a isto, houve outras incorporações ao Método Pilates, chamadas de Pilates contemporâneo: Pilates com bola, Pilates na água, entre outros. Os que defendem estas incorporações citam como sendo uma “evolução” do método (LAGRANHA, 2016).

O curioso é que a disputa entre o que é e o que não é Pilates não foi pela permanência do uso “Contrologia”, nome dado à prática pelo seu autor Joseph H. Pilates, mas sim pela terminologia que leva o seu nome. Minha hipótese é que, com o passar do tempo, associar a prática a controle do corpo passou a não fazer mais sentido, como fazia no período entre as Guerras Mundiais, quando a Contrologia foi criada. No período entre a I Guerra Mundial e a II Guerra Mundial, assim como na Revolução Industrial, associar o corpo à máquina produtiva e como um alicerce para erguer a nação fazia sentido, atualmente, onde opera a lógica neoliberal, associar as práticas corporais a produtos, a métodos, é mais vendável. Ademais, há o desejo de dizer e se sentir permanente a um grupo na enunciação “eu faço” Pilates, yoga e/ou qualquer outra prática que carrega consigo uma série de modos identitários que a caracteriza como roupas, posturas, vestimentas, modos de vida, entre outros (LAGRANHA, 2016).

Maffesoli, em entrevista concedida a Juremir Machado da Silva, em Paris, em 20/03/2001, à revista FAMECOS, sinaliza que é necessário criar o imaginário para se produzir a imagem deste e não o contrário.

“A existência de um imaginário determina a existência de conjuntos de imagens. A imagem não é o suporte, mas o resultado. Refiro-me a todo tipo de imagens: cinematográficas, pictóricas, esculturais, tecnológicas e por aí afora. Há um imaginário parisiense que gera uma forma particular de pensar a arquitetura, os jardins públicos, a decoração das casas, a arrumação dos restaurantes etc. O imaginário de Paris faz Paris ser o que é. Isso é uma construção histórica, mas também o resultado de uma atmosfera e, por isso mesmo, uma aura que continua a produzir novas imagens” (MAFFESOLI, 2001).

Nesta perspectiva, é possível dizer que o imaginário da Fisioterapia faz a Fisioterapia ser o que é. Um imaginário construído coletivamente, disseminado e retroalimentado historicamente por uma profissão que está demarcada por uma prática associada ao cuidado. Contudo, com a experiência e o contato de pessoas com a profissão, outras imagens vão sendo associadas a esta predominante. Dessas, a postura corporal através de práticas que visam a olhar o corpo na sua integralidade, passam a compor o imaginário da Fisioterapia daqueles que a guardam como memória afetiva.

Foi preciso significar a experiência com a Fisioterapia, tanto no lugar de observador(a) de atendimento quanto no quem recebe um, como uma vivência ativa ou passiva de cuidado. Associado à produção histórica em que estas práticas

citadas (Pilates, RPG, práticas somáticas), assim como os modos de olhar o corpo, estão também relacionados à sua época, como no caso do Pilates quanto as alterações de seu nome como capital simbólico e o olhar dado ao corpo ao que se refere à postura.

Assim, o pensamento a respeito da Fisioterapia vai se ampliando, uma vez que seus modos de atuação vão se cristalizando e/ou desmanchando conforme as verdades e crenças de sua época. De todo modo, é difícil de imaginar como estes e estas estudantes se movimentarão quando forem ingressos na UFRGS e se conseguirão manter o que imaginavam. Contudo, é importante salientar que para se tornarem fisioterapeutas deverão negociar com as normas e prescrições da Fisioterapia da UFRGS.

7 ENTRE DIFERENTES TRAVESSIAS: FLÂNEUR NA PISTA CURRICULAR

“O Real não está no início nem no fim, ele se mostra pra gente é no meio da travessia...”⁸²”

As problematizações a seguir se referem a como estudantes do curso de Fisioterapia da UFRGS confrontaram com o que imaginavam encontrar no curso com o que de fato estão vivendo e/ou já vivenciaram como estudantes da UFRGS. Para dar conta de entender como acontece este confronto entre educação maior, a institucional, e educação menor, o que estudantes apreendem e tomam como verdade para si, busquei narrativas obtidas nas falas e nos materiais produzidos por alunas, alunos e alunas inscritos em disciplina do curso de Fisioterapia que antecede ao estágio curricular; falas e escritos obtidos em entrevista com fisioterapeutas e memorial de estudantes referente a atividades acadêmicas; avaliações e documentos do NAU/ESEFID/UFRGS.

Para manter o anonimato de professores e professoras do curso, assim como as disciplinas, projeto de extensão, estágios, profissionais mencionados, retiramos nomes e trocamos por nomes de movimentos contracultura que ocorreram no Brasil nos quais estes e estas poetas, musicistas, artistas malditos estavam envolvidos. A única disciplina que manteve o nome foi a que realizei meu estágio docente, pois ela abordava formação e o tornar-se fisioterapeuta, sendo fundamental para as tramas tecidas neste trabalho.

A disciplina na qual realizei meu estágio docente, chamarei de “Literatura Marginal⁸³”, foi realizada no primeiro semestre de 2021 em ERE. Os encontros foram síncronos e assíncronos tendo em algumas aulas profissionais convidados para dialogar com estudantes sobre suas experiências e campos de atuação. Foi solicitado por mim e pelo professor titular da disciplina, como atividade acadêmica, entrevista realizada com profissional da área (atividade em grupo) que poderia ser apresentada em qualquer formato (vídeo, áudio, escrita, apresentação oral, entre outros) e um memorial em que cada estudante abordasse sua experiência

⁸² Trecho retirado da obra literária de Guimarães Rosa, “Grande Sertão: Veredas”

⁸³ O termo “literatura marginal” nasceu por volta dos anos 1970, também conhecida como poesia marginal ou geração mimeógrafo, em função da repressão da ditadura militar. Como principal característica surgiu a quebra de padrões literários da época, que ia contra o modelo do mercado editorial, fugindo das formas comerciais de produção e circulação de literatura impostas pelas grandes editoras da época. Ressaltando que a década de 1970 foi uma das mais opressoras para a intelectualidade do País, onde a implementação do ato institucional número 5 (AI-5) repreendeu todo o tipo de liberdade de expressão.

antes/durante o curso de Fisioterapia e quais suas projeções futuras como profissionais da área. Encaminhei para alunos e alunas por e-mail pistas de um roteiro com sugestões de como fazer um memorial para quem quisesse seguir as mesmas que orientaram minha aula sobre formação.

Do material referente às avaliações do NAU, fui moderadora do grupo focal composto por estudantes concluintes, realizado em outubro de 2019, a partir do 6º semestre do curso de Fisioterapia. Juntamente com um professor da ESEFID, que não era da Fisioterapia, coordenamos o grupo focal, eu como moderadora e ele como observador. É importante salientar que o professor não era do curso de Fisioterapia.

O grupo focal foi a segunda etapa das avaliações do NAU. A primeira constituía em questionários enviados para estudantes via e-mail e/ou entregue em sala de aula. Ambas as avaliações aconteceram durante os anos de 2019 e 2020.

Ao estar presente, tanto no NAU quanto no estágio docente ministrando a disciplina “Literatura Marginal”, juntamente com o professor responsável, pude perceber que as falas provenientes do NAU estavam mais relacionadas ao funcionamento da estrutura dos espaços da ESEFID e dinâmicas de aulas, horários, relação professor/aluno; enquanto as falas provenientes da disciplina “Literatura Marginal” acompanhavam processos mais reflexivos para além daquele momento vivido *in lócus*. Provavelmente, seja em relação às temáticas abordadas e às formas de avaliação destas. As avaliações do NAU abordavam questões relacionadas às instalações físicas dos cursos, organização didático-pedagógica e relações interpessoais; enquanto a disciplina estava voltada ao processo formativo de se tornar fisioterapeuta e que antecede estágios curriculares do fim do curso.

Foi possível observar as nuances e movimentos da educação menor evidenciados tanto nas avaliações do NAU quanto no material produzido por estudantes na disciplina “Literatura Marginal”. Tornando-se possível visualizar frestas da educação maior e viabilizando aos estudantes da UFRGS a compor a educação menor.

Das nuances evidenciadas tanto em processos avaliativos quanto nos encontros produzidos em aula, assinalo três rastros que romperam a pista curricular da educação maior: desterritorialização do toque como cuidado terapêutico; Internet e ensino remoto emergencial (ERE) como espaços de desterritorialização da sala de aula; UFRGS como espaço de ramificações políticas da educação menor.

Esses rastros, cada qual com suas singularidades, são produções de educação menor de estudantes flâneur que cursavam Fisioterapia na UFRGS estando a partir do 6º semestre do curso entre 2019 e 2022, anos que aconteceram as aulas e processos avaliativos de onde foram retiradas as narrativas problematizadas nesta tese.

7.1 DESTERRITORIALIZAÇÃO DO TOQUE COMO CUIDADO TERAPÊUTICO

Um dos dispositivos da educação menor é a desterritorialização da educação, ou seja, é a ruptura produzida em um espaço geográfico que tem sua própria língua, tradição e cultura. Esta ruptura produz deslocamentos que subvertem a cultura local de seus traços identitários, criando, assim, um outro mapa, desintegrando a realidade e remetendo novas buscas, encontros, linhas de fugas e agenciamentos.

Gallo (2008) se apropria do conceito de desterritorialização de Deleuze e Guattari para pensar os processos educativos e suas máquinas de controle. Acredita que aprender é um labirinto, um rizoma, e não um sistema arborescente que a educação maior, a institucional, quer nos fazer crer, onde dita a regra de como ensinar, o que ensinar, para quem ensinar, por que ensinar.

Isto porque não se sabe de antemão como alguém irá aprender, e é na subversão à educação maior que é possível pensar a educação menor e seus processos de singularização que tem a ver com seu tempo, com os espaços específicos, locais onde ela acontece (GALLO, 2008). O que a educação menor pretende, portanto, é abrir frestas e linhas de fuga a fim de escapar do pragmatismo da educação maior e, conseqüentemente, de seus modelos e padronizações. Trata-se de ser resistência a fim de produzir outros modos de trilhar os processos educativos da educação maior.

Em meados de março de 2020, a pandemia da Covid-19, acontecimento inédito para nossa geração, evento singular, particular e relacional, mobilizou ações e estranhamentos que levaram estudantes a trilhar de outros modos os processos educativos da educação maior ao que diz respeito ao toque, conforme relato a seguir.

“Durante a pandemia cheguei a ter momentos de pensar o que estava fazendo. Fazia sentido para mim? Em certos dias, parecia que cursava qualquer coisa, menos Fisioterapia. Uma das coisas mais lindas que essa profissão me ensinou, foi o toque. Apreendi o quanto ele é importante em

nossas vidas. A partir dele, ensinamos movimentos, fazemos massagem, mas oferecemos carinho e afeto, e isso é o que torna a Fisioterapia linda, mas é justamente isso que o ERE não pode proporcionar.” (W. F.)

O toque terapêutico é um elemento identificado como sendo um dos principais símbolos da profissão que, na visão hegemônica da Fisioterapia, refere-se ao contato físico, manipulações, tato, estando intimamente ligado ao contato entre pessoas (NICHOLLS, 2022). Contudo, com o acontecimento da pandemia da Covid-19, o toque passou a ser arriscado e perigo, uma vez que se acreditava, de início, que as mãos eram uma via de contágio da doença. Tal contexto colocou em xeque uma das mais preciosas verdades da Fisioterapia, o cuidado através do toque e do movimento orientado.

Com a impossibilidade do toque, este passa a não ser “a coisa mais linda da profissão”, conforme salientara o estudante W. F. Tal impossibilidade levou o estudante a questionar, inclusive, pressupostos fundamentais sobre ser fisioterapeuta e o saber fazer Fisioterapia. Esta nova condição, projetou-se, diante da interdição ao toque, recomendações até impensáveis ao cuidado em Fisioterapia na qual a ausência de contato físico passou a ser a regra da educação maior. Tal interdição abriu fissuras, uma vez que a nova realidade pandêmica desterritorializou saberes e fazeres ligados à tradição e à cultura da Fisioterapia associados ao toque terapêutico.

Nicholls (2022) sinaliza que esta afinidade da profissão ao toque terapêutico está intimamente ligada à história da Fisioterapia, sobretudo a aproximação que a profissão tem com a biomedicina ao abordar o corpo biológico pela ótica das biociências. O autor salienta que, apesar da aproximação da Fisioterapia com os estudos fenomenológicos, voltados à subjetividade e experiência, ainda assim as relações estabelecidas com o toque terapêutico permanecem associadas ao contato humano.

Apropriando-se dos conceitos deleuziano, Nicholls (2022) aponta que há muitas outras maneiras de ver o toque terapêutico que não seja única e exclusivamente através do toque humano. O autor sugere a expansão do entendimento quanto ao papel do toque terapêutico, entendendo que ele se estabelece não somente entre pessoas, mas sim entre as trocas e interações entre todas as coisas. São estas interrelações que abrem fronteiras a novos

entendimentos de saúde como, por exemplo, saúde planetária. Esta nova forma de pensar a saúde não se restringe às relações humanas, mas sim abrange as relações dos organismos vivos em relação ao planeta, entendendo que há mais coisas acontecendo no mundo que interferem na saúde humana.

Ainda na perspectiva deleuziana, Nicholls (2022) sugere a decolonização do pensamento fisioterapêutico quanto as práticas que defendem e reivindicam as noções tradicionais do toque. Para o autor, essa forma de pensar cria barreiras protetoras que impendem a emergência de outras práticas terapêuticas que não operam pela lógica do toque “bom” ou “ruim”. Na perspectiva da decolonização do pensamento proposta por Nicholls (2022), os encontros terapêuticos devem acontecer durante os atos de tocar, ver, colidir, puxar, ter, conhecer, esmagar, esfregar, colocar, destruir, apontar, recrutar e forçar, que compõem as relações das entidades que se relacionam que, não necessariamente, são humanas. Seria as correlações existente entre os agenciamentos produzidos, os efeitos climáticos quanto ao desmatamento tanto a nível social quanto na anatomia dos alvéolos e trocas gasosas, o custo social que a poluição produz nas vidas dos seres do planeta, são exemplos que o autor salienta.

De todo modo, pode-se dizer que o cenário pandêmico abriu fissuras e simulação de outras realidades ao que diz respeito aos saberes e fazeres da Fisioterapia e que, ao que foi também indicado por estudantes, algumas dessas ramificações estão ligadas ao campo virtual.

7.2 INTERNET E ENSINO REMOTO EMERGENCIAL COMO ESPAÇOS DE DESTERRITORIALIZAÇÃO DA SALA DE AULA

A internet, durante a pandemia da Covid-19, viabilizou que as aulas e demais atividades acadêmicas pudessem continuar de forma segura. Na UFRGS, o ensino remoto emergencial (ERE) se iniciou em 19 de agosto de 2020, levando a uma série de adaptações e investimentos de docentes e discentes quanto aos aprendizados desta nova linguagem relacionada ao ambiente virtual (FRAGA *et al.*, 2022). Através de aula síncrona e assíncrona, o ERE possibilitou interações sociais mediadas pelo computador e/ou celular, conectando pessoas e desterritorializando o tão tradicional espaço físico da sala de aula.

Assim, o ERE justapôs vários espaços que, normalmente, seriam incompatíveis em um mesmo tempo, considerando a exigência do distanciamento social e distância geográfica que o momento exigia (FOUCAULT, 2013). Estes contraespaços, na perspectiva foucaultiana, justapõem realidades, permitindo que as aulas pudessem acontecer mesmo que não fossem em tempo real, já que eram gravadas e poderiam ser vistas por estudantes em qualquer outro momento que não o da aula em tempo real.

O espaço físico da sala de aula é o espaço sacralizado da cultura e tradição da educação maior. Na maioria das vezes, há um professor ou uma professora que ensinam o que a educação maior tem por norma (evidência científica, diretrizes curriculares, entre outros saberes e fazeres hegemônicos da Fisioterapia e saúde). Com a impossibilidade da aula presencial, a instituição UFRGS, como representante e portadora da educação maior, abriu-se à oportunidade desta nova realidade do ERE:

“Tive a oportunidade de ter diversas experiências, sendo na participação de projetos de extensão, de ligas acadêmicas, de equipes esportivas da faculdade e em iniciação científica, na qual estou no momento. Tudo isso foi muito enriquecedor para mim, além das aulas teóricas e práticas que tivemos até então. Infelizmente por conta da pandemia, acabou nos impossibilitando de ter a prática em algumas disciplinas, por isso acredito também que o estágio vai ser de extrema importância para todos nós.” (P.)

O ERE criou expressões e formas de ensino nas quais a sala de aula passou a ser no espelhamento das telas de celulares e/ou computadores. A “presença” aconteceu mesmo quando docente e discentes não estavam presentes fisicamente, como no caso das aulas assíncronas, quando não estavam simultaneamente presentes no mesmo tempo e espaço. Ademais, esta desterritorialização do espaço físico para o ambiente virtual colocou discentes e docentes em um aprender intermediário, entre saber e não saber como seria o ERE. Apesar de não ter encontrado falas a respeito das condições de enfrentamento que estudantes tinham ao assistir às aulas através do ERE, percebia que estas condições eram distintas. Foi possível perceber que tal horizonte *online* com suas telas pequenas, suas falas entrecortadas pela oscilação da internet, câmeras por vezes desligadas; fragmentos, intensidades e sensações que foram se produzindo na medida em que aconteciam as trocas durante as aulas virtuais e, mesmo com tanta dificuldade, alguns estudantes ganharam experiência.

“Através da cadeira e ao longo desse semestre, tivemos que aprender, no caso reaprender, novas maneiras de ser estudante, com a cadeira “Geração Mimeógrafo”, por exemplo, começamos a atender a distância. Apesar dos receios, é importante a introdução dessa nova “modalidade”, pois se acredita que irá permanecer e se tornar um grande aliado para a Fisioterapia. As discussões ao longo do semestre mostraram diversos lados de ex-estudantes e novos profissionais e suas visões nesse um ano e meio, as mudanças, desafios, obstáculos que são importantes para os estudantes de hoje, principalmente para a turma que irá se formar já ano que vem (2022), pois são coisas que iremos enfrentar. Acredito que a cadeira “Literatura Maldita” cumpriu o seu papel de ter esse espaço para diferentes versões de diferentes histórias e trajetórias. Esse semestre, como foi o segundo realizado de maneira ERE, foi possível sentir uma preparação melhor de todos os envolvidos, já entendemos quais são as fraquezas e as forças de um estudo a distância, claro que nada propicia a mesma experiência que as práticas, que sentimos muita falta, mas todos se esforçaram para dar e tirar o melhor do que tínhamos no momento. Ademais, foi proporcionada conversas incríveis que talvez não fossem possíveis em pessoa.” (L. M.⁸⁴)

Conforme relato da estudante L. M., foi possível perceber que professores e/ou professoras das disciplinas “Geração Mimeógrafo” e “Literatura Maldita” negociaram com o que até então estava prescrito na educação maior do curso, convidando estudantes a pensarem criticamente a respeito dos postulados considerados verdadeiros a serem ensinados. De todo modo, pensar criticamente a educação maior não é, necessariamente, ir contra ao que ela projeta, mas sim colocá-la em perspectiva quanto aos acontecimentos e contextos que atravessam este percurso.

Assim, foi necessário aprender a “cuidar” e orientar usuários de serviços de saúde mesmo estando a distância. Este outro modo de estágio curricular no qual o toque acontece sem haver contato físico, subverteu a noção de verdade do toque físico terapêutico tão comum à cultura da Fisioterapia até então. Talvez na ótica hegemônica da área, na qual via o toque como prática “sagrada”, vislumbrava-o no contexto presencial até o acontecimento da pandemia da Covid-19. No entanto, com o surgimento da pandemia, uma realidade emergiu, levando a educação maior a fazer mudanças quanto a suas concepções frente a esta prática de cuidado. Não houve escapatória a não ser se adequar aos acontecimentos que o seu tempo exige.

⁸⁴ Leila Mícolis é uma poeta, ensaísta, romancista, contista, roteirista de cinema e televisão, dramaturga e editora brasileira. Estreia na poesia em 1965 com o livro Gaveta da Solidão, e foi publicada na antologia 26 poetas hoje, em 1975, organizada por Heloísa Buarque de Hollanda.

Conforme saliente a estudante L. M., a educação maior teve que se dobrar às redes cibernéticas, abrindo-se ao ERE, estágio curricular de disciplinas via teleatendimento, teleconsulta e teleconsultoria. O curso de Fisioterapia da UFRGS não foi o único a se valer das redes cibernéticas. Atendimento via Teleconsulta, Teleconsultoria e Telemonitoramento, também, foram práticas adotadas não somente por fisioterapeutas no Brasil, mas, também, no mundo. Muitos serviços de saúde incluíam consultas de rotina, triagem e reabilitação através de atendimento virtual, sobretudo em pacientes que não se encontravam em estágio grave, tanto para liberação de leitos hospitalares quanto para a proteção ao que diz respeito ao contágio da Covid-19 (FLANNERY *et al.*, 2021).

As tecnologias digitais utilizadas foram: Zoom; Equipes Microsoft; Google Meet; Google Duo, WhatsApp, entre outros, a depender das políticas hospitalares e se o serviço de saúde era público ou privado. Outro desafio, sobretudo em serviços públicos, foram os sistemas operacionais, computador e software desatualizados, navegadores com problema de conexão, dificuldades de acesso a sites, hardware inadequado para consultas por vídeo, entre outros. Ademais, treinar profissionais para as práticas de atendimentos *online* também foi um problema tanto pela inabilidade de uns quanto pela falta de pessoas para realizar este serviço, uma vez que muitos estavam afastados por terem contraído o vírus (FLANNERY *et al.*, 2021).

A internet como espaço carregou consigo valores de cuidado e proteção de tempos pandêmicos, conectando pessoas sem que houvesse contato físico, “estancando”, portanto, a transmissão do vírus da Covid-19. Com o tempo, outros agenciamentos foram produzidos, sobretudo a nível reflexivo da profissão.

“Ao falarmos com profissionais de diversas áreas, através de conversas mais abertas e menos formais [...] ajudou bastante no exercício de visualização de futuro sobre o nosso próprio trabalho. A atividade das trajetórias pessoais, ajudou também a me realocar e pensar de maneira macro, quais eram meus desejos ao início do curso, como eu estou agora, e como me imagino no futuro. Foi uma atividade que ajudou muito também no processo de auto validação. De que ao olhar para trás, com olhares de apreciação e análise, perceber o quanto evolui e aprendi dentro desses anos na UFRGS, e que a cereja do bolo está ainda por vir. Os diferentes olhares sobre a profissão, aliada com os exercícios de autoanálise e observação, foram extremamente proveitosos e essenciais para o momento que estamos vivendo ao final do curso, tudo isso somada a pandemia. As aulas foram adaptadas, mas mesmo no modo ERE essa disciplina foi muito

boa e ajudou bastante na construção do que sou e de como quero ser, como profissional e inevitavelmente, ser humano.” (P. L.⁸⁵)

As histórias de vida e experiências compartilhadas entre profissionais fisioterapeutas, durante as aulas da disciplina “Literatura Marginal”, provocaram estudantes a pensarem no que estão fazendo enquanto são ingressantes na UFRGS com o que virão a fazer quando forem fisioterapeutas. Através das trocas com profissionais da área, ao relatarem seu dia a dia, houve uma espécie de troca capaz de estimular concepções entre teoria e prática para além da ideia que esta ocorre somente em manobras realizadas durante o atendimento fisioterapêutico. É necessário reforçar que não há esta separação (teoria e prática), que o paradigma biomédico, com sua lógica binária, tenta impor como verdade. Ou seja, sempre há fusão entre teoria e prática, e não pode ser diferente sob a ótica que molda os processos de experiência social e éticos que acontecem dentro e fora do momento de aula.

Se as tecnologias do ambiente virtual foram uma possibilidade de dar continuidade aos estudos e ser um meio de interação seguro entre as pessoas, no que diz respeito ao contágio da Covid-19, contudo, é importante salientar que o teleatendimento não substitui o encontro presencial e foi uma medida emergencial por conta da pandemia (FRAGA *et al*, 2022).

7.3 UFRGS COMO ESPAÇO DE RAMIFICAÇÕES POLÍTICAS DA EDUCAÇÃO MENOR

Evidentemente, antes da pandemia da Covid-19, houve outros acontecimentos que levaram estudantes a mudarem suas rotas curriculares, constituindo outros modos de serem discentes de Fisioterapia na UFRGS. A exemplo disso, o envolvimento que estudantes tiveram com movimentos políticos e convicções que, geralmente, ficavam fora do contexto convencional de sala de aula e dos saberes e fazeres fisioterapêuticos, mas que afetaram direta ou indiretamente o campo de atuação profissional.

⁸⁵ Paulo Leminski Filho foi um escritor, poeta, músico, crítico literário, jornalista, publicitário, tradutor e professor brasileiro. Tinha uma poesia marcante, pois inventou um jeito próprio de escrever, com trocadilhos, brincadeiras com ditados populares e influência do haicai, além de abusar de gírias e palavrões.

No dia 26 de outubro de 2016, o Congresso Nacional Brasileiro aprovou a Proposta de Emenda à Constituição nº 241 (PEC 241), renomeada no Senado Federal com o n. 55/2016. Tal Emenda foi responsável por instituir o Novo Regime Fiscal no Brasil que visava “congelar” as despesas primárias do Poder Executivo, do Poder Judiciário, do Poder Legislativo, do Tribunal de Contas da União (TCU), do Ministério Público Federal (MPF) e da Defensoria Pública da União (DPU) pelo longo prazo de 20 anos. A proposta previa que reajustes só poderiam ser efetuados dentro dos percentuais referentes à inflação do ano anterior, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Sob a esfera macropolítica, a reforma fiscal era desastrosa, pois retirava do Estado os instrumentos fiscais capazes de enfrentar crises econômicas e sociais. Tais medidas não haviam sido tomadas em nenhum país do mundo, além do Brasil. O perigo desta PEC 55 era desvincular as receitas destinadas à saúde e à educação, o que acarretaria redução de investimentos nessas áreas por 20 anos. Sob a esfera micropolítica, gerou revolta em estudantes que se organizaram e fizeram movimentos de protestos, acampando no campus da UFRGS sob forma de manifesto. Tal movimento foi chamado por estudantes de “ocupação”.

“Segundo semestre de 2016, surge uma ameaça às universidades públicas, a PEC 55. Nós ocupamos a ESEFID ao lado dos estudantes da Educação Física e da Dança. Ficamos mais de 40 dias ocupados e posso dizer com certeza que esse foi um momento divisor de águas para mim. Nesse período, conheci muita gente que me ensinou muita coisa sobre a sociedade, o mundo e sobre mim mesma. Saí dessa ocupação com uma visão completamente diferente do mundo. A partir daí, decidi que queria me dedicar a diminuir as desigualdades através da minha profissão também.”
(C. R.)

Conforme relato da C. R., havia estudantes atentas à realidade brasileira, entendendo que a Emenda afetaria suas vidas, pois esta atingiria diretamente a saúde e a educação, já que limitava o aumento dos gastos públicos à variação da inflação. Ademais, C. R., assim com demais estudantes, usufruía do ensino público e estava prestes a se tornar profissional da saúde.

Entendendo que ser fisioterapeuta tem relação direta com as políticas governamentais, e não somente a práticas específicas da área, estudantes da ESEFID/UFRGS ocuparam o campus, rompendo com o traçado pela educação maior que projeta o ensino na sala de aula e em estágios curriculares. Estudantes

dos três cursos uniram forças, engajando-se no sentido de desterritorializar o espaço físico institucional, que é o próprio campus da UFRGS.

Neste contexto de ramificações políticas, abriu-se espaço para estudantes flâneur transitarem pelo espaço da militância no sentido de um corpo político coletivo, onde a minoria (discentes) vai resistindo e ganhando espaço, dentro dos seus limites, como força coletiva que pode impulsionar mudanças. São minoria não pelo número, mas pelo distanciamento que estão das características axiomáticas do dominante da norma institucional.

É neste espaço de ramificação política que o campus da ESEFID/UFRGS se tornou, que estudantes flâneur, atentos e atentas ao contexto nacional, vislumbraram os efeitos danosos da restrição orçamentária para o processo de formação que estavam em curso, podendo trazer consequências para seus futuros. A emergência desta militância estudantil abriu fissuras quanto ao entendimento de saúde como sendo aquela que acontece no ato terapêutico, mas, sim, que depende, também, das questões de ordens políticas e governamentais.

A ocupação viabilizou encontros entre estudantes de diferentes cursos a fim de pensar no futuro profissional para além da esfera individual de cada um com seus pares de curso. O convívio produzido pelos encontros, militância política, negociações entre colegas e/ou discentes quanto às rotinas acadêmicas não foi tarefa fácil, pois nem todos eram a favor da ocupação. É neste contexto que a ocupação no campus da ESEFID/UFRGS foi se constituindo como espaço de transformação e contestação, possibilitando a emergência de novas expressões singulares de corpos que até então não se sentiam representados na educação maior.

“Pessoas cuidando do campus, fazendo comida, escalas de segurança, ouvindo xingamentos no portão, ocupamos o espaço [...] Ali foi um local de democratização que me permitiu ver um sentido maior no que eu acreditava socialmente. Fui acolhido em espaços de escuta e fortalecido no movimento feminista da ocupação que foi importantíssimo para mim. [...] Na ocupação eu comecei minha transição social, só lá eu comecei a usar as roupas que gostava, boné, bermuda, regata [...] aquela revolução em mim era em um espaço de luta coletiva, de luta pelo curso, pelo direito de poder lutar. Então, tudo se misturou. Aquilo tudo não estava no currículo, não posso colocar no Lattes os 47 dias, mas outras tantas coisas nas portas que abriram naquele espaço e me constituem hoje, com certeza, são habilidades que vão para currículos de vida e acadêmicos. Não tem como separar as experiências pessoais. Ter participado do movimento ocupação mudou muitas coisas, a visão social, a visão do coletivo. Algumas coisas passaram a não fazer sentido para mim. Eu não me via na Fisioterapia, a minha identidade. Não via o meu corpo na Fisioterapia. Consegui encontrar (na ocupação) outros

discursos, outras abordagens que eu não tinha dentro do curso. Encontrei fora dele. Estou no meio deste dilema. um pouco de revolta. Espero que no futuro isso possa contribuir. Estou muito feliz com essa disciplina. Está sendo bem legal” (J. M.⁸⁶)

A sexualidade sempre foi algo a ser contido nas sociedades, as quais se aliam a discursos morais, religiosos, científicos a fim de enquadrar corpos a modos de existência nos quais o discurso hegemônico elenca como sendo normativo (FOUCAULT, 2014). Tal discurso é sustentado por identidades binária entre ser homem ou ser mulher e que apresentem atitudes e comportamentos heteronormativos esperados: casar-se, constituir família, ter filhos etc. Assim, devires⁸⁷ contra hegemônicos e minoritários são barrados, assim como suas manifestações singulares, pois saem do previsto do que a sociedade espera (DELEUZE, 2021).

As lentes adotadas na tese são aquelas que dão visibilidade à multiplicidade e potência dos encontros como atos que propõem mudanças de realidade, relações, tensões que atravessam sujeitos, evidenciando outras atitudes e individualizações. Dito isso, tratarei o corpo trans como corpo-potência capaz de subverter e criar outras expressões, realidades e abertura de caminhos e não pela ótica identitária.

Na perspectiva abordada, o corpo trans passa pela ordem dos processos que lhe atravessam, sem ter formas e identidades únicas e predefinidas. Corpo como fluxo capaz de encontrar saídas, linhas de fuga que escapam das aclamadas rotas estabelecidas pela ótica da biociência que têm no corpo biológico e corpo institucionalizado pela educação maior.

Segundo o estudante J. M., foi no contexto da ocupação que lhe foi viável criar conexões que remeteram a outros caminhos para que fosse possível identificar-se com outros corpos que até então não estava encontrando com o corpo representado no curso de Fisioterapia. Modos de agir e criar um devir corpo trans de estudante de Fisioterapia que não se reconhecia no curso. Em seus caminhos de fuga produzidos na ocupação, J. M. atravessou e rompeu territórios estabelecidos pela educação maior ao que diz respeito ao binarismo que situa a sexualidade entre

⁸⁶ Cantor, músico e compositor, Jards Macalé foi um revolucionário dentro da música brasileira dos anos 1970.

⁸⁷ Nesta seção, o corpo trans será entendido como um devir minoritário e também como uma linha de fuga à educação maior, possibilitando um encaminhamento à educação menor de estudante. Deste modo, não entrarei na discussão identitária de corpo trans por entender que escaparia da discussão estabelecida que o presente trabalho propõe.

feminino/masculino, mulher/homem, mantendo a lógica binária no que se refere ao corpo, enfatizando os saberes biológicos. Foi no campus da ESEFID/UFRGS como espaço de ramificação política e acolhimento que J. M. encontrou outros sentidos para sua existência como homem trans/estudante de Fisioterapia.

Oportunizar o lugar de fala desse estudante, viabilizando que sua experiência fosse reconhecida como podendo ser sujeito do currículo, expondo a demais colegas sua existência e modos de agir, pode ser imaginada como ramificações de matéria curricular. Começar a entender que a educação maior pode acolher diferentes manifestações de corpos para além daquelas evidenciadas por aspectos biológicos e fisiológicos dos corpos. Evidentemente que sempre haverá singularidades e emergências de realidades, por isso, a importância do lugar de fala e de haver encontros como os produzidos para além dos tantos previstos pela educação maior.

O tabu da sexualidade também aparece na fala de estudantes ao que se refere a partes do corpo que podem ou não serem tocadas,

“área muito delicada, seria complicado estudantes ficarem tendo contato com isso, porque tu vais lidar com os órgãos genitais daquela pessoa e que é muito delicado”, mas daí vai chegar no estágio a gente vai ter que fazer isso e a gente não teve nenhuma prática; e a gente vai estar sozinho lá, tendo que se virar para fazer.” (C. M.⁸⁸)

Apesar do toque ser um símbolo da Fisioterapia, não são todas as partes do corpo que podem ser tocadas e acessadas. Caberia esta moralidade a profissionais da saúde ou não deveria ser exatamente estes e estas profissionais acolherem possíveis constrangimentos que possam vir de usuários e usuárias de serviços de saúde? Aí está a importância de ver o corpo para além dos órgãos, compreendendo que as questões relacionadas à sexualidade têm um importante valor moral, ético e social. A moral, a qual me refiro, não é a mesma preconizada pela moral judaico-cristã, que vê o corpo como algo passível de ser pecaminoso, feio, entre outras questões relacionadas à política hegemônica de controle de corpos, mas, sim a moral que transgrida tais fronteiras instituídas. Ou seja, é agir com ética na prática fisioterapêutica (GIBSON *et al*, 2018) e não a partir das normas morais que a sociedade impõe. Caso contrário, quem sairá no prejuízo serão usuários e usuárias

⁸⁸ Cecília Meireles foi uma poetisa, professora, jornalista e pintora brasileira. Foi a primeira voz feminina de grande expressão na literatura brasileira, com mais de 50 obras publicadas.

de serviços de saúde que encontrarão profissionais que se sentirão, no mínimo, pouco confortáveis em tratá-los/as.

É nesta lacuna que se abre espaço para equipes multidisciplinares, contudo, as competências de profissionais fisioterapeutas quanto a este campo de atuação não deveriam se restringir a ambulatórios e/ou consultórios, pois cuidar das “partes íntimas dos corpos” diz respeito à saúde de pessoas, que, possivelmente, os estudantes irão se deparar com situações que se não tratarem, ao menos terão que saber se indicarão a colegas e/ou a médicos e médicas que vão realizar o atendimento. Quanto ao imaginário da Fisioterapia, o que estes e estas estudantes imaginaram que iam encontrar com o que de fato estão se deparando, no entre educação maior e educação menor, emergiu uma ramificação ao cuidado do corpo-trans como potência não sob o ponto de vista biologista, mas sim como corpo potência de agir, de existir em *lócus* universitário.

8 O VIR A SER FISIOTERAPEUTA? CAMINHOS PARA SONHAR O FUTURO DA FISIOTERAPIA

“Acho que vocês deveriam sonhar a terra, pois ela tem coração e respira”⁸⁹

Após percorrer os caminhos escolhidos durante a pista curricular por estudantes flâneur, refaço a pergunta⁹⁰ que germinou o problema de pesquisa desta tese: *“o que você sonha ser como fisioterapeuta?”* Tomada pelos saberes da filosofia e da educação, proponho-me, através das noções de sonho dos Yanomami, traduzir – o que me foi possível até então - as projeções que estes e estas estudantes têm para o futuro como profissionais da área.

Tendo em vista que lugar de fala é a condição do sujeito no mundo e, também, diz respeito à ancestralidade, a minha escolha pela noção de sonho dos Yanomami para problematizar as projeções que estudantes da UFRGS têm para seus futuros é política, uma vez que nos coloca em relação com o presente, o passado e o futuro. Para estes povos originários, sonho é um ato político e uma outra forma de conhecimento e de relacionamento com a realidade (LIMULJA, 2022). Ao mesmo tempo em que ele é coletivo e composto por múltiplas vozes, o sonho é, também, um processo individual que tem a ver com afeto e cuidado, uma vez que é através dele que realmente se conhece algo, pois “tudo que ocorre no sonho é considerado como algo que aconteceu ou que poderá acontecer. E, a depender do conteúdo onírico, isso pode afetar a vida de quem sonhou ou mesmo de toda a comunidade” (LIMULJA, 2022, p. 60).

Atravessada por tudo que me aconteceu antes/durante a escrita desta tese e que diz respeito a minha história, minha herança, minha ancestralidade, meu lugar de fala como mulher branca, heterossexual, cis, profissional liberal, fisioterapeuta, instrutora de Pilates, pesquisadora, leitora, formada em Fisioterapia em 2003 em uma universidade particular, finalizando um doutorado em uma universidade pública durante a pandemia da Covid-19, interessa-me a pensar, coletivamente, com

⁸⁹ David Kopenawa, liderança indígena.

⁹⁰ O que você quer ser quando crescer?

estudantes de Fisioterapia da UFRGS, sonhos possíveis para o futuro da nossa profissão e para nós mesmos como ser fisioterapeutas.

A ideia é recuperar a sabedoria ancestral de povos originários quanto a modos de vida e convívio com a natureza e demais seres do planeta. Para Ailton Krenak (2020a), sonhar é uma prática que pode ser entendida como um regime cultural e um lugar de veiculação de afeto no qual a experiência do sonho prepara para que as pessoas se relacionem no cotidiano. O autor acrescenta que os modos de se viver sustentados pelo progresso civilizatório que visam uma vida utilitária e de acumulação de capital produz danos que estão colocando em risco a existência humana e a do planeta (KRENAK, 2020b).

Este modo de vida utilitarista encoberta todo um jeito de ser frenético de produção de subjetividade que legitima o argumento de que cada trabalhador e trabalhadora terá autonomia de negociar e melhorar suas condições de trabalho e retorno financeiro (ROLNIK, 2019). É nesta perspectiva que opera a produção de subjetividade do regime colonial-capitalístico que, associada ao imaginário do empreendedor de si, o sujeito não consegue criar condições de pensar e agir fora do modo de subjetivação dominante que este regime prevê. Consequentemente, há uma restrição e apreensão a modos de existências subversivos, neutralizando todo e qualquer outro horizonte de possibilidades de criação de outros valores.

Diante deste mal-estar que reduz o sujeito a um ser utilitário, operador de práticas apoiadas em saberes científicos, tendo sua subjetividade patologizada, aproprio-me da noção de sonho como instituição política compartilhada para pensar em como foi possível estudantes sonharem com a Fisioterapia na qual pretendem se relacionar no futuro.

As falas problematizadas desta seção foram retiradas dos materiais produzidos por discentes durante atividades acadêmicas, produção oral e escrita, e materiais avaliativos do NAU. A disciplina “Literatura Marginal”, onde realizei meu estágio docente, ministrei uma aula em que uma das temáticas era que estudantes pensassem em como projetavam-se no futuro, o que deveriam fazer para chegar neste lugar almejado, e se sentiam necessidade de fazer algum tipo de qualificação após a graduação e se sim, qual.

A legitimação da trajetória da pós-graduação e/ou especializações, tão naturalizadas e orgânicas das áreas da saúde, idealizada por muitos destes e destas estudantes do curso de Fisioterapia como sendo um caminho a seguir após a

graduação, foi colocada em perspectiva e relativizada por estudantes flâneur como horizonte de possibilidade para vir a ser fisioterapeuta.

“enquanto aluno, tem uma áurea, de que só a faculdade não é suficiente. Você tem que se especializar, fazer mestrado, pós, residência para se tornar mais competitivo no mercado de trabalho. Essas qualificações se tornam meio que uma imposição para poder ter um diferencial em relação a outros profissionais. Às vezes, não é necessário, mas acaba sendo um caminho para a maioria. Na faculdade, a gente vê que não deve acabar aqui o nosso estudo. O bom de se formar em generalista é que a gente consegue ter esta base de tentar algo e, se não conseguir, voltar a ter várias áreas da fisioterapia dentro do mercado de trabalho e buscar diferentes especializações. Posso começar algo e não gostar. Volto para minha base e trabalho com o que tem disponível (riso) ou com o que eu consigo ou tenho facilidade. Tem meio que esta imposição invisível” (P. L.).

Atualmente é muito comum se deparar com propagandas e pensamentos que influenciam a ideia de que há uma “fórmula” para o sucesso financeiro e profissional. Inclusive, segundo o discente P. L., acima referenciado, na própria instituição UFRGS como potência macropolítica em sua educação maior, que se propõe ser generalista, existe uma aura entre a formação em Fisioterapia de que há necessidade destes(as) futuros(as) profissionais continuarem se especializando.

Muitas dessas “fórmulas” se apegam a títulos como os de mestrado e doutorado ou, também, a diversas especializações possíveis que inter cruzam a área da Fisioterapia. Isso acaba influenciando o imaginário coletivo no qual prevê profissional realizado e apto como sendo aquele e aquela que possuem títulos e/ou especializações. Certamente, as especializações e títulos acadêmicos colaboram para o bom desempenho profissional, contudo, não devem ser vistos como indicadores absolutos de sucesso e/ou como sendo o único caminho profissional a seguir. Sendo assim, cada profissional deve (ou deveria) desenvolver a coragem de traçar o seu próprio caminho, por mais diferente que essa trajetória seja das demais.

Contudo, há questões na esfera macropolítica que devem ser problematizadas: será que realmente profissionais terão a possibilidade de ir e vir como generalistas para poder mudar de rumo de suas trajetórias profissionais? O cenário macropolítico apresenta horizontes para que estes futuros profissionais pensem se querem ou não seguir os caminhos hegemônicos das especializações, residências e da pós-graduação?

Se a escolha de mudar de rumo for a partir de uma residência⁹¹, por exemplo, o profissional que se propõe a pensar e optou pelo horizonte do mercado de trabalho antes de se adentrar nos caminhos hegemônicos de especializações, quando ele quiser entrar, deverá abandonar toda sua carreira até então constituída para iniciar seus estudos, visto que tais caminhos preveem dedicação exclusiva. Ademais, tal profissional deverá se manter com o salário de uma residência que lhe dará garantia de recebimento por dois anos. Ou seja, fica difícil alguém com uma vida estabelecida, que prevê gastos e demandas, largar tudo e se arriscar em uma carreira que irá competir, na maioria das vezes, com profissionais mais jovens com disposição de aguentar 60 horas semanais e que, em grande parte das vezes, moram com pais, sem despesas fixas, podendo se dedicar a seus estudos. Ou se a rota for para pós-graduação, mestrado, doutorado, competir com recém-formados saídos de grupos de pesquisas nos quais produziram artigos científicos, livros, produções acadêmicas que pontuam para conseguir uma vaga. Ou seja, o sonho de poder ir e vir nos trânsitos profissionais não é bem assim, ao menos estes estabelecidos como hegemônicos. Ainda, se o desejo for concurso público, na maioria das vezes, há apenas uma vaga para fisioterapeuta que, a depender da área, as pontuações de currículo relacionadas a residências, mestrado, especializações, também pontuam e tornam quem os têm mais “competitivos” para conseguir a vaga.

Existe uma realidade que não deve ser ignorada: quem não tem “pressa” de pensar em que caminho a seguir e/ou está no mercado de trabalho a mais tempo e se entranha em atendimentos diários, pode “perder” oportunidades para aqueles e aquelas que desde cedo já planejam que caminhos irão seguir. Dito isso, ficam as questões: a formação em Fisioterapia realmente forma profissionais generalistas com o direito de ir e vir ao que diz respeito em mudar de área de atuação profissional durante sua trajetória fora da academia? A esfera macropolítica possibilita horizontes para que profissionais revejam suas rotas?

A Fisioterapia emergiu no Brasil concomitantemente com o capitalismo financeirizado em meados da década de 1970, início do declínio do regime neoliberal em que as disputas por mercado de trabalho ficaram mais acirradas,

⁹¹HCPA. Processo seletivo público. 2023. Disponível em: <https://cms.sanarsaude.com/wp-content/uploads/2022/06/12071820/edital-residencia-hcpa-rs-2023.pdf> Acesso em: 23 jun. 2023.

demonstrando as fragilidades deste regime (ROLNIK, 2019). Tal tempo histórico, social, político e econômico pode ter influenciado os modos de subjetivação que sustentam maneiras de ser e agir de profissionais fisioterapeutas, uma vez que nos constituímos no tempo histórico no qual estamos vivendo, sofrendo as influências que a ancestralidade histórica da profissão carrega (SILVA, J., 2017, KRENAK, 2020a). Assim, são exatamente estas condições que permitem tais profissionais de existir socialmente, permitindo-os se situarem como seres viventes neste convívio e presença entre corpos nos quais se relacionam, conectando-os e produzindo efeitos entre si.

Tais conexões são vinculadas a um tipo de política do desejo na qual se encontra a própria força de agir e pensar, estruturada a partir de um determinado repertório social, cultural e de linguagem que permite todo e qualquer sujeito se situar, se comunicar, refletir sobre e, sobretudo, atuar nas esferas nas quais vive e convive.

Há todo um modo de produção de subjetividade sustentado pela hegemonia médica quanto aos seus modos de agir frente a demais áreas da saúde quanto a relações hierárquicas de saber-poder. E é exatamente esta produção de subjetividade na qual o regime neoliberal, financeirizado e globalitário se apropria para se valer de sua força produtiva, transformando-a em capital, retroalimentando-se dentro da lógica que ele mesmo criou.

Como em qualquer regime, é o modo de subjetivação que ele próprio produz que lhe sustenta e lhe dá força para existir. Para desapropriar este modo de subjetivação vigente que confere modos de existir a tal regime, Suely Rolnik (2019) aponta para uma saída micropolítica, não no sentido identitário, apesar de ser importante, mas de produção de uma potência criadora que leve o sujeito a deslocamentos da política de produção da subjetividade e do desejo dominante. Isto porque tanto os modos de subjetivação quanto ao desejo dominante e hegemônico deste regime neoliberal, associados à cultura moderna ocidental colonial-capitalística, vê no acúmulo de capital, advindo de sua própria força produtora de trabalho, uma pulsão vital para continuar existindo.

Neste regime social/político/econômico e, para resistir a estes modos de vida destrutivos, é necessário inventar outras formas de viver associadas à força coletiva de criação e cooperação. É preciso subverter o inconsciente colonial-capitalístico que coloca no cidadão toda a responsabilidade de lutar por uma distribuição de bens

materiais e imateriais, assim como direitos civis de existir com as mesmas condições que os mais abonados. Por isso, a luta identitária isoladamente não resolve, uma vez que há modos subjetivos de pensar a nível inconsciente que levam muitos a agirem como zumbis, distanciando-se de suas experiências como força e potência afirmativas de afeto que leve à apreensão de outros modos de vivência. Ou seja, nem todo mundo precisa querer as mesmas coisas e seguir os mesmos passos para atingir tal carreira almejada.

Deste modo, ao invés de sermos reativos ao pensamento produzido pela política regida pelo regime colonial-capitalístico, no qual ela qualifica como sendo “antropo-falo-ego-logocêntrico”, devemos nos confrontar com o desconforto que este regime exerce em nossa subjetividade a fim de produzir pensamentos em uma perspectiva ético-estético-clínico-política. A intenção é que este confronto produza tensões para além do binarismo e do regime identitário que se limita a promover a inclusão dos excluídos ou, no contexto desta tese, incluir estudantes flâneur a trilhos hegemônicos a fisioterapeutas.

A produção de pensamento na perspectiva ético-estético-clínico-político possibilita criar condições para emergir diferenciações, devires contra hegemônicos que visam a vida coletiva, próprios de uma insubordinação micropolítica. Deste modo, afirma-se processos de singularização e não de neutralização, fazendo com que efeitos de transmutação sejam possíveis às políticas de subjetivação hegemônica, reconhecendo e valorizando todo e qualquer deslocamentos que esta produção possa conduzir.

Explorar pragmática e teoricamente a esfera micropolítica, pois sem a reapropriação da vida não há possibilidade de transformação efetiva da situação a que chegamos hoje e tampouco a transvalorização de seus valores. Impõe-se igualmente a tarefa de explorarmos as diferenças entre, de um lado esse protesto pulsional do inconsciente (insurreição micropolítica), cujo objetivo é liberar a vida de sua expropriação e, de outro lado, o protesto pragmático das consciências, cujo objetivo é ampliar a igualdade de direitos (insurreição macropolítica). E, mais do que isso, é imprescindível explorar teórica e pragmaticamente a inextrincável conexão entre ambas, de modo a ajustar o foco de nossas estratégias de insurreição em ambas as esferas (ROLNIK, 2019, p. 122).

Por saída de insurreição micropolítica, no contexto de sonhar a Fisioterapia, ao invés de difundir disputas por quais práticas são mais indicadas - Pilates original x Pilates contemporâneo; tratamento com fisioterapeuta especialista x tratamento por fisioterapeuta generalista; osteopatia x terapia manual; manipulação/ liberação

miofascial – é promover o reconhecimento delas e a singularidades de cada uma, evidenciando suas expressões de forma a potencializá-las.

Em contrapartida, a Fisioterapia como profissão vai perdendo visibilidade, uma vez que se cria o imaginário, tanto em clientes quanto em profissionais, que tais tratamentos e/ou práticas é que são bons e não a capacidade crítica e habilidades que profissionais têm de discernir o que é indicado para aquela pessoa que está sendo atendida.

Para resistir a esta lógica do capitalismo financeirizado operacionalizada pelos serviços oferecidos pelo mercado neoliberal, que vislumbra tanto profissionais quanto usuários como consumidores, deve haver movimentos dentro da própria instituição universitária a fim de criar condições de possibilidades para que estes futuros profissionais, que estão prestes a se tornarem fisioterapeutas, possam vir a ser profissionais de outros modos a fim de serem regidos mais por uma bússola ética do que por uma bússola moral na qual fica à mercê do que o mercado financeirizado determina quem é bom ou mal fisioterapeuta.

Insurgência de movimentos estudantis que criam devires minoritários como os que aconteceram com a ocupação da UFRGS em protesto à PEC 55 e as relações que passaram a ser vistas em contraste com as verdades cristalizadas da Fisioterapia devem ser valoradas e potencializadas. Tais movimentos criam formas e expressões de ser fisioterapeutas. Assim, é possível resistir e não ficar refém das demandas que o mercado coloca, a não ser que estas sejam da ordem do desejo que produza potência positiva na constituição em ser fisioterapeuta.

Ademais, os conselhos federais e estaduais de Fisioterapia deveriam agir e colocar certas condições quanto à carga horária, questões relevantes a serem ensinadas para regular estas práticas e reconhecê-las como parte de especializações profissionais e não deixar à mercê do mercado, regido pelo capitalismo financeirizado, que decida quais formações e/ou cursos devem ou não ser exaltados e produtores de desejo a possíveis consumidores.

Nesta lógica mercantilista, o mercado neoliberal, financeirizado e globalitário cria sujeitos competitivos, enfraquecendo-os como profissionais e, conseqüentemente, a potência criativa da profissão. Por isso, a importância de criar estratégias nas quais os profissionais possam trabalhar em diferentes esferas, possibilitando rotas que estas esferas ainda não previram e, por isso, não as legitimaram.

Pensar o corpo poético, que escape do biológico, como forma produtiva de outras linguagens para além da cientificizada, que apenas descreve e conta a realidade comprovada e baseada em evidência científica, ignorando o sonho e a possibilidade de estar em estado de delírio quando se trata de saúde e bem-estar (CORAZZA, 2017). Em uma poética do corpo que valorize a ética amorosa como uma via para escapar da obsessão pelo poder e pela dominação que moldam os modos nos quais agimos, falamos e escolhemos, inclusive, nossas práticas.

Abrçar uma ética amorosa significa utilizar todas as dimensões do amor – “cuidado, compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento” – em nosso cotidiano. Só podemos fazer isso de modo bem-sucedido ao cultivar a consciência. Estar consciente permite que examinemos nossas ações criticamente para ver se é necessário para que possamos dar carinho, ser responsáveis, demonstrar respeito e manifestar disposição de aprender. Entende o conhecimento como um elemento essencial do amor é vital, pois somos diariamente bombardeados que nos dizem que o amor está relacionado ao mistério, ao que não podemos conhecer (HOOKS, 2021, p.130)

E não seria exatamente neste lugar de amor desconhecido que os cursos regidos pela lógica neoliberal se aproveitam para fazerem do conhecimento algo precioso, algo que nem na faculdade se aprende? Considerando que todos os regimes têm modos de subjetivação regentes e que o do regime neoliberal é o individualismo, não estaríamos regidos por estes modos de subjetivação ao digladiarmos ao defender a prática na qual trabalhamos quando dizemos que a outra prática não presta e/ou que não há evidência científica?

Para garantir mudanças estruturais e modos de agir e pensar em uma sociedade na qual profissionais e usuários de sistemas de saúde não fiquem à mercê do mercado neoliberal que visa lucro, é preciso tornar o amor um fenômeno social para além das esferas individualistas (HOOKS, 2021). Neste sentido, é fundamental nomear identidades profissionais pois, “se não se nomeia uma realidade, sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível” (RIBEIRO, 2017, p. 24).

Identidades, mais de uma, múltiplas que estão sujeitas a singularizações e diferenciações a todo o momento. Constituídas tanto por experiências e subjetividades individuais quanto por tudo aquilo que compõem uma ancestralidade coletiva, estendendo-se às questões de raça, classe e estruturas socioculturais (RIBEIRO, 2017; KRENAK, 2022).

Visto esta tendência discursiva na qual a linguagem é um mecanismo de manutenção de poder, nomear outras identidades diz respeito a lutar pela demarcação política de múltiplas existências de vir a ser fisioterapeuta. Isso não quer dizer, que estas outras identidades, as que se diferem da hegemônica, do fisioterapeuta-reabilitador, só existam em oposição, mas sim que existam como uma outra existência com seus valores, atitudes, práticas, sentidos entre outros (RIBEIRO, 2017).

É neste se fazer existir, que não se restringe a narrativas e emissão de palavras, que emergem devires minoritários e contra-hegemônicos ao futuro da Fisioterapia. Assim, ao dizer o que se é e o que não se é, implica-se toda uma cadeia linguística e discursiva de possibilidades de ser outra coisa. É por meio deste sistema de linguagem, significações e representações que damos sentido às nossas experiências e àquilo que somos e ao que fazemos como profissionais éticos e amorosos (SILVA, 2014; ROLNIK, 2019; HOOKS, 2021).

Neste processo de significação, existe uma influência forte da cultura que se justifica através do essencialismo identitário a partir da lógica da tradição histórica/cultural e/ou da lógica biológica/natural (WOODWARD, 2014). Por isso, é fundamental a descolonização do pensamento para que outras perspectivas e formas identitárias sejam consideradas como modos de existência (RIBEIRO, 2017).

No entanto, devido a globalização, as identidades relacionadas com culturas locais e regionais entram em crise e o que é dado por natural e biológico também tem a ver com as verdades vigentes de seu tempo. É no meio deste processo de crise que emergem movimentos de disputa e/ou de surgimento de novas posições identitárias, que podem ser pensadas em produção de diferença. Estes movimentos fornecem possíveis resposta às questões como, por exemplo, “quem eu sou como fisioterapeuta” e/ou “o que eu faço é Fisioterapia” e se legitimam a partir da constituição de identidades coletivas de pertencimento (WOODWARD, 2014).

A globalização também carrega consigo a transitoriedade, a contestação e, como efeito disto, produz novas posições de identidade. Estas novas posições de identidade, segundo Hall (2015), dizem respeito ao declínio da ideia da velha identidade estável. Para o autor, a “crise de identidade” diz respeito a mudanças que levam ao deslocamento de estruturas e processos sociais que davam estabilidade e referências tanto à sociedade quando aos sujeitos. Isto produz efeitos que levam à pluralidade de identidades e a um movimento paradoxal entre tradição e tradução

(HALL, 2015). Com a pandemia da Covid-19, ERE, e outros atravessamentos políticos e sociais, fizeram que colocássemos em perspectiva se o que estamos tomando por saúde é suficiente para lidar com os modos de vida contemporâneos dos seres vivos do planeta.

Nesta tensão entre tradição, tudo aquilo que significa e representa o que consideramos até então saúde e saberes e fazeres de fisioterapeutas, que caracteriza o que é dado como sendo “natural” (fisioterapeuta-reabilitador e fisioterapia como prática de cuidado) e tradução, a capacidade de negociar com as diferentes culturas e posições discursivas que atravessam nossa vida, sem perder os vínculos com outras culturas e tradições locais que, também, constituem os entendimentos de saúde e de ser fisioterapeuta.

Carregam consigo os traços culturais, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas pelo velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular) (HALL, 2015, p. 52).

E é nesse hibridismo que é possível produzir novas formas de apropriação que constituem outras possibilidades de vir a ser fisioterapeuta, sendo, portanto, tudo aquilo que escapa e que rompe com o esperado. É um pensamento que, de tão emergente, não é racional (DELEUZE, 2021). O que ele faz é evidenciar o surgimento de algo que é inédito, propondo outras realidades e sonhos a profissionais.

Nesta perspectiva, os devires do fisioterapeuta são pensamentos, sonhos, que não estão ligados a conceitos e definições e, muito menos, dizem respeito a ser uma existência em oposição à identidade hegemônica, mas sim possuem seus próprios signos, símbolos e representações. É um processo que se dá de forma singular, sem sujeito *a priori*, pois se trata de emergências de novas expressões que, por se repetirem, podem vir a ser outros modos de existências.

Retomando a ancestralidade dos povos originários do Brasil, sobretudo o sonho Yanomami que, ao invés de restringir as experiências pedagógicas em salas de aula, preparam-nas em contexto com a comunidade na qual não se estimula à competição, como o sistema hegemônico educacional prevê, dando notas, por exemplo, mas sim preparam para que seus “estudantes” sejam companheiros e companheiras um dos outros. Nesta perspectiva, não se prepara “chefes”, mas sim

sujeitos que lidam com a experiência no cotidiano como um meio colaborativo (KRENAK, 2022).

A fricção com a vida proporciona um campo de subjetividade que prepara a pessoa para qualquer tarefa. Em vez de formatar alguém para ser alguma coisa, deveríamos antes pensar na possibilidade de proporcionar experiências que formem pessoas capazes de realizar tudo que for necessário na vida: sem medo de ter cobra dentro d'água ou de levar um coice. Porque tudo isso é integrado, são experiências fundamentais para se perceber enquanto sujeito coletivo, para aprender que não estamos sozinhos no mundo (KRENAK, 2022, p. 115-6).

Que possamos sonhar a Fisioterapia em correlação com tudo que acontece ao nosso entorno tal como sugere, também, os povos andinos ao que denominam de Bem-Viver (ACOSTA, 2016). Bem-Viver diz respeito à relação entre seres vivos, sem hierarquia, mas sim em harmonia e potência, fruição e mutação de vida. Na Bolívia e no Equador, a natureza já está na constituição na qual tem seus direitos de estar viva. Que o diálogo com saberes dos povos ancestrais nos proporcione outros entendimentos para que possamos sonhar e auxiliar que os que atravessam os nossos atendimentos e vida possam viver melhor.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vida é fruição, é uma dança, só que uma dança cósmica, e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária. Uma biografia: alguém nasceu, fez isso, fez aquilo, cresceu, fundou uma cidade, inventou o fordismo, fez a revolução, fez um foguete, foi para o espaço; tudo isso é uma historinha ridícula. Por que insistimos em transformar a vida em uma coisa útil⁹²?

A presente tese de doutorado tem por objetivo compreender como estudantes do curso de Fisioterapia que não se identificam com o curso, mas que ainda apostam nesta formação, constroem suas próprias rotas de aprendizagem na formação inicial.

Tomei por pressuposto teórico os conceitos de educação maior e educação menor, de Silvio Gallo (2008), sendo educação maior todo aquele saber escolhido e privilegiado que a instituição adota como verdade, enquanto educação menor são as diferenciações produzidas por estudantes quanto às possibilidades de subverter saberes hegemônicos da educação maior.

Para entender como a educação maior foi colocada em perspectiva por estudantes do curso de Fisioterapia da UFRGS, a noção de flâneur, de Walter Benjamin, pareceu-me fundamental para utilizar como uma figura conceitual, permitindo-me analisar como negociavam e se esgueiravam entre a rota prevista pelo Projeto Político e Pedagógico do Curso e a experiência de cursar. As noções de imaginário e sonho na perspectiva dos Yanomami, povos indígenas que vivem entre o Brasil e a Venezuela, também colaboraram na apreensão de como acontece o processo de tornar-se fisioterapeuta.

Informações midiáticas, memórias, observações, entre outras construções de pensamentos sobre aquilo que popularmente se entende por Fisioterapia, e/ou por competências fisioterapêuticas, foram usadas como sendo produções do imaginário coletivo. Resgatei saberes populares que constituem aquelas informações que são passadas adiante sem sabermos as fontes, o boca a boca, aquilo que assumimos como verdade simplesmente porque “todo mundo fala” e que, por isso, pouco são questionadas. Assim, matérias esportivas, pesquisas na internet, imagens

⁹² Ailton Krenak, militância indígena brasileira.

relacionadas à Fisioterapia e/ou fisioterapeutas compuseram estes saberes populares.

Para compor a empiria, utilizei avaliações do NAU produzidas com estudantes de Fisioterapia e materiais produzidos por estudantes em uma disciplina do Curso. No que se refere às motivações que levaram estudantes a se interessarem por Fisioterapia, muitas estavam relacionadas à experiência com a área, à observação de atendimentos, ao desejo de trabalhar com esporte, à memória afetiva de ter observado e/ou lembrado de atendimentos fisioterapêuticos, entre outros. Contudo, é importante salientar que os relatos foram obtidos enquanto estes e estas estudantes ainda estavam no curso, condição que certamente influenciou nas respostas, uma vez que as experiências sobre a área estavam muito vívidas na memória e embebidas por tudo aquilo que estava acontecendo durante o transcorrer do processo formativo.

É importante colocar estas tensões entre educação maior e educação menor em perspectiva, pois dizem respeito às singularidades do grupo que participou do estudo, ou seja, estudantes que não se identificavam plenamente com a rota prevista pelo Projeto Político e Pedagógico do curso de Fisioterapia da UFRGS. Tal condição colocou estes e estas estudantes a buscar por outras trilhas que pudessem fazer mais sentido no ato de criar valores, atitudes, expressões que contemplassem o tornar-se fisioterapeuta.

Acontecimentos inéditos durante o processo formativo como, por exemplo, PEC-55, pandemia da Covid-19 e ERE, levaram alguns e algumas estudantes a resignificarem suas rotas durante o curso, sobretudo ao que diz respeito à relativização do toque terapêutico e à relevância de movimentos estudantis relacionados à formação de profissionais da saúde. Alguns e algumas estudantes passaram a entender que a formação em Fisioterapia dizia respeito a políticas públicas e não somente a aplicação de técnicas, saberes e fazeres relacionados à prática fisioterapêutica nas esferas hegemônicas da reabilitação e de promoção de saúde.

Além das germinações advindas destes acontecimentos, a moralização do corpo evidenciada por estudantes que não se sentiam contemplados na educação maior foi relatada por discentes. Alguns e algumas estudantes flâneur apontaram que há partes do corpo humano na educação maior que recebem mais destaques que outras, sobretudo em estágios e em aulas práticas curriculares. Para dar conta

desta carência, estudantes flâneur buscam tais saberes em ambulatórios médicos e fisioterapêuticos para abordar questões relacionadas a órgãos genitais.

Ao que diz respeito ao corpo trans, as ONGs têm sido espaços mais democráticos, conforme fala de estudante referenciada nesta tese, na qual menciona que neste território da ONG, teve mais acolhimento e ética amorosa para cuidar de si e de suas transições para o corpo no qual lhe representa. Contudo, a intervenção fisioterapêutica ainda não aparece nestes espaços, mas há indicativos que tal atuação está por vir, emergindo como devir minoritário. Podendo, portanto, viabilizar práticas de cuidados e de acolhimento a corpos que não se situam na lógica binária entre feminino/masculino e por saberes hegemônicos das biociências.

O acontecimento da PEC-55 demonstrou a mobilização de estudantes flâneur, nas esferas macropolíticas e micropolíticas, quanto aos rumos que o ensino e saúde pública no Brasil estavam sendo levados. A descolonização do inconsciente através da abordagem coletiva tem sido uma das saídas levantadas por autores que defendem a insurgência de movimentos micropolíticos voltados ao desejo, como potência criadora e produtora de subjetividade no campo social e político. Nesta perspectiva de afirmação de devires minoritários contra-hegemônicos poderiam ampliar o campo de atuação de fisioterapeutas.

É neste afirmar como potência criativa que o tornar-se fisioterapeuta é um processo contínuo e pode ser feito de muitos modos. A bússola ética e bússola amorosa como orientadoras de caminhos a serem seguidos têm sido a aposta, sobretudo de autoras feministas como, por exemplo, Suely Rolnik e Bell Hooks, como uma saída para escapar da lógica produtivista e capitalística que o cenário profissional neoliberal impõe. Tal imposição não é exclusiva a fisioterapeutas, contudo, por terem grande parte de seus profissionais atuando como profissionais autônomos, acabam sendo capturados por tal lógica de mercado.

Os saberes dos povos originários do Brasil, sobretudo os Yanomami e Krenak, a ancestralidade têm sido um modo de política afirmativa e coletiva que visa a potencialização da vida e da saúde dos humanos em relação com a saúde do planeta.

Tendo por referência a noção de sonho dos Yanomami, foi possível perceber os movimentos de estudantes flâneur quanto ao resgate da ideia do perfil generalista para o futuro da profissão está sendo gerado. Apesar da educação maior e do mercado profissional regido pela lógica neoliberal, capitalístico e financeirizado ir de

encontro, há pista de resistência quanto a este modo de produção de que prevê satisfação em todo e qualquer lucro produzido da força de trabalho de todo e qualquer sujeito produtivo. No contexto contemporâneo, quem dá as cartas é o mercado financeirizado que ganha com a briga entre profissionais a respeito de quais práticas são as melhores. Isto é visto através de discursos que defendem qual a prática é boa, verdadeira enquanto há outras tantas falsas, como no caso do Método Pilates, por exemplo.

A mutação faz parte da vida, e para que estes e estas estudantes flâneur sobrevivam ao curso de Fisioterapia, eles e elas deverão se adaptar. Estamos exatamente em um momento de transmutação de modos de vida e, por que não pensar nas relações estabelecidas entre os povos originários com o planeta? Não seria essa uma saída para rever o que estamos tomando por saúde? Vimos o quão frágil lidamos com a pandemia da Covid-19 e quanto foram necessárias ações políticas, governamentais, sanitárias, econômicas, sociais e ambientais para lidar com a crise que se instalou no planeta. Assim como ações macropolíticas, mesmo atuando em larga escala, quando não há uma consciência coletiva de envolvimento e cuidado uns com os outros, ainda se pode colocar a saúde de outrem em risco.

Relativizar faz parte da vida, é necessário e não se pode não fazer. Entrar em confronto, provocar curto-circuito com o que se entende por certo e errado, o que se toma por verdade, pode produzir uma outra coisa que nos leve a pensar diferente, pensar na ação, pensação. Ou seja, há múltiplas mobilidades de pensar em ser fisioterapeuta. Todo mundo cria algo. Agora, o que se faz com isso, vai depender a quão satisfatória ou não for tais criações. Exige links, preparo, estar aberto a experiências que os processos nos quais estamos sendo interpelados provocam. Trata-se de possibilitar que outros sonhos sejam sonhados para que sejamos afetados de outras formas. Que possamos, assim como os Krenak, viver a experiência de fruir a vida e viver a existência de ser fisioterapeuta pela bússola ética e amorosa.

Deste modo, me propus a sonhar o currículo poeticamente criativo em interface com processos didáticos na área da saúde, não reduzindo-o à domesticação de disciplina e, sobretudo, à reabilitação, mas sim pensando-o como substância, matéria crua e não totalmente formada, embora, também, tenha relação com aquilo que já foi formado por outros educadores. Para finalizar, retomo a fala de um estudante:

“Além do perfil profissional que a gente vai traçando ao longo do curso, gostando de uma cadeira e de outra, existe o perfil pessoal que a gente vai formando. Isso é inevitável. Às vezes fico pensando: qual foi o mais significativo ao longo desta caminhada, se foi a formação do meu perfil profissional ou se foi a formação do meu perfil pessoal. Conversei com outras pessoas fora da UFRGS e tem uma diferença curricular muito grande. Um cuidado que os professores têm, e os alunos também, com as questões sociais e com o tratamento da saúde pública. Isso nos proporciona uma formação pessoal que não é proporcionada em outros lugares. Consegui atender e entender o paciente em vários níveis. A UFRGS proporciona isso para a gente, pensar o que a gente está fazendo naquele meio, naquela sociedade, em como a gente está atuando em um meio mais vulnerável” (L. M.)

É com este fala que sinalizo que o Curso de Fisioterapia da UFRGS acolhe estudantes flâneur, viabilizando que estes e estas desterritorializam e produzam seus próprios deslocamentos podendo, ou não, subverter a cultura local da UFRGS e os traços identitários que constituem o Curso. De modo que é importante salientar que estudantes flâneur não são aqueles contra o sistema, mas sim, aqueles que colocam o sistema e suas normativas em perspectiva, viabilizando a existência de outros mapas e caminhos para além daqueles criados no Projeto Político e Pedagógico do Curso.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009. p. 55-73.
- ACOSTA, Alberto. **O bem viver:** uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução Tadeu Breda. 3. ed. São Paulo: Autonomia Literária Elefante, 2016.
- BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. *In:* BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. Trad. José C. M. Barbosa, Hemerson A. Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989. v. 3.
- BERTONCELLO, Dornival; PIVETTA, Hedioneia Maria Foletto. Diretrizes curriculares nacionais para a graduação em Fisioterapia: reflexões necessárias. **Cadernos de Educação, Saúde e Fisioterapia**, v. 2, n. 4, p. 71-84, 2015. DOI: <https://doi.org/10.18310/2358-8306.v2n4p71>
- BISPO JUNIOR, José Patrício. Formação em Fisioterapia no Brasil: reflexões sobre a expansão do ensino e os modelos de formação. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 16, n. 3, p.655-668, jul./set. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702009000300005>
- BORGES, Kamylla Pereira. **A formação do fisioterapeuta na perspectiva das diretrizes curriculares nacionais e das competências no âmbito da promoção da saúde**. 2016. 169f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) - Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, UnB, 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parecer CNE/CES 776/1997**, de 03 de dezembro de 1997. Orientação para as diretrizes curriculares dos cursos de graduação. Brasília, DF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0776.pdf>>. Acesso em:
- BRASIL. Resolução CNE/CES 4. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Fisioterapia, Brasília: **Diário Oficial da União**, Seção 1, p. 11, 2002. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES042002.pdf>
- COFFITO. **Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional**. [2023?] Disponível em: https://www.coffito.gov.br/nsite/?page_id=2341. Acesso em: 27 jun. 2023.
- CORAZZA, Sandra. **O que quer um currículo?** Pesquisa pós-crítica em Educação. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- CORAZZA, Sandra Mara (org.). **Docência-pesquisa da diferença:** poética de arquivo-mar. Porto Alegre: Doisa: UFRGS, 2017.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Kafka**: para uma literatura menor. Tradução de Rafael Godinho. Lisboa: Assirio & Alvim, 2003.

DUNKER, Christian. Subjetividades em tempos de pós-verdade. *In*. DUNKER, Christian (org.). **Ética da pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017. p. 11-41.

FERIGATO, Sabrina Helena; CARVALHO, Sérgio Resende. Qualitative research, cartography and healthcare: connections. **Interface**, v. 15, n. 38, p. 663-675, jul./set. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832011005000037>

FLANNERY, Thuvia *et al.* Physiotherapy after COVID-19-"Zoom or room". **Haemophilia** : the official journal of the World Federation of Hemophilia, v. 27, n. 4, p. e476–e478, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1111/hae.14166>

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II**: o uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico**: as heterotopias. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1975.

FRAGA, Alex Branco *et al.* Uma professora de educação física, uma servidora em licença, uma professora associada, uma profissional liberal, um orientador de pós-graduação: singularidades de um grupo de pesquisa em meio à pandemia da Covid-19. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 25, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v25.69721>

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GIBSON, Barbara E. *et al.* **Manipulating practices**: a critical physiotherapy reader. Oslo: Cappelen Damm, 2018. DOI <https://doi.org/10.23865/noasp.29>

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução Enio Paulo Giachini. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal, Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 263-280, ago. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000200004>.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LAGRANHA, Daniela Meirelles. **Modos somáticos de atenção de praticantes do método pilates**. 2014. 35 f. Trabalho de conclusão (Especialização em Método Pilates) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2014.

LAGRANHA, Daniela Meirelles; VIERA, Adriane; MACEDO, Christiane Garcia. Modos somáticos de atenção de praticantes do Método Pilates. **Fisioterapia Brasil**, v. 16, n. 2, p. 131-136, 2015.

LAGRANHA, Daniela Meirelles. **Praticantes do método pilates e a constituição de cuidados ao corpo**: “De alguma maneira, eu olho para o Pilates com esse olhar”. 2016. 112 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2016.

LIMULJA, Hanna. **O Desejo dos outros**: uma etnografia dos sonhos yanomami. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

LUZ, MadelT. **Novos saberes e práticas em Saúde Coletiva**: estudos sobre racionalidades médicas e atividades corporais. São Paulo: Hucitec, 2003.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 8, n. 15, p. 74-82, 2001. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2001.15.3123>

NICHOLLS, David A. How do you touch an impossible thing? **Frontiers in Rehabilitation Sciences**, v. 3, p. 934698, July 2022. DOI: <https://doi.org/10.3389/fre.sc.2022.934698>

OLIVEIRA, Gilnara da Costa Corrêa. **Emergências e realidades de ensino superior da saúde**: atos e vozes da área de Fisioterapia nas diretrizes curriculares nacionais. 2012. 141f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2012.

OLIVEIRA, Valéria Rodrigues Costa de. **A história dos currículos de Fisioterapia**: a construção de uma identidade profissional. 2002. 329 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2002.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017. (Feminismos Plurais).

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. 2. ed. n-1 edições, 2019.

RUÍZ, Andrea Perdomo *et al.* Practicas corporales acerca del cuidado de si en la comunidad indigena Sikuani. **Revista de la Facultad de Medicina**, v. 61, n. 4, p.381-384, 2013.

SILVA, Juremir Machado da. **Aura e imaginário**: produção em revista. Porto Alegre: Sulina, 2021.

SILVA, Juremir Machado da. **Diferença e descobrimento. O que é o imaginário?** a hipótese do excedente de significação. Porto Alegre: Sulina, 2017.

SILVA, Lisiane Bernardo da. **Ensino remoto emergencial em tempos de pandemia**: cartografia sobre a experiência na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2021. 116 f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu *et al.* (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 73-102.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

TEIXEIRA, Renato da Costa; MUNIZ, José Wagner Cavalcante; NAZARÉ, Daniela Lobato. O currículo para a formação do Fisioterapeuta e sua construção histórica. **Cadernos de Educação, Saúde e Fisioterapia**, v. 4, n. 7, p. 27-39, 2017.

TRAD, Leny A. Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis**, v. 19, n. 3, p. 777-795, 2009. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312009000300013>. Acesso em: 5 ago 2017.

VIEIRA, Adriane; SOUZA, Jorge Luiz de. A moralidade implícita no ideal de verticalidade da postura corporal. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 3, p. 133-148, maio 2002.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu *et al.* (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 7-72.

APENDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título do Projeto de Doutorado: Rotas de formação, identidade e diferença de estudantes de fisioterapia

Instituição: UFRGS - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano.

Link do formulário eletrônico Google:

<https://docs.google.com/forms/d/1JEUOICntFPzmjcDCTqHTwUyfWib4JRcuS4BseUCCxi8/edit?ts=60c3e438>

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), desta pesquisa. O estudo tem por objetivo discutir como estudantes de Fisioterapia pensam sobre sua formação. Serão analisados os materiais didáticos referentes às disciplinas síncronas e assíncronas, produções textuais e participações oral. É possível que você se sinta desconfortável com algo que você tenha dito e/ou escrito e, nesse caso, pode solicitar que tal informação não seja utilizada. Espera-se, entretanto, os relatos produzidos para as disciplinas tragam algum benefício em relação a uma maior compreensão a formação de fisioterapeutas. A participação é voluntária, não havendo nenhum prejuízo se você não quiser participar ou desistir do estudo. A sua identidade será preservada e os resultados da pesquisa serão utilizados pela pesquisadora somente para fins científicos. Ao assinalar “sim” nesse formulário eletrônico indica que você entendeu satisfatoriamente as informações relativas à sua participação nesta pesquisa e que você concorda em participar. De forma alguma tal consentimento lhe faz renunciar aos seus direitos legais, e nem libera os pesquisadores de suas responsabilidades pessoais ou profissionais. É importante que você salve este Termo para que sempre que tiveres dúvidas, entre em contato com os pesquisadores.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO

Eu, _____, após a leitura deste documento, e de ter tido a oportunidade de conversar com a pesquisadora responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que a minha participação é voluntária e que posso retirar esse consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido e os riscos e danos deles provenientes e da garantia da confidencialidade e esclarecimento sempre que desejar. Diante deste exposto expresso minha concordância de espontaneidade voluntária para participar deste estudo. Estou ciente que poderei entrar em contato com o pesquisador responsável da pesquisa professor Dr. Alex Branco Fraga e com a pesquisadora Daniela Meirelles Lagranha pelos telefones (51) 3308-5861/981442001 ou com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFRGS – localizado na Av. Paulo Gama, 110, Sala 311, Prédio Anexo I da Reitoria - Campus Centro, Porto Alegre/RS - CEP: 90040-060, pelos telefones (51) 3308-3738/3308-3629 e/ou por e-mail etica@propesq.ufrgs.br se considerar necessário.

Local e data _____/_____/_____

Nome do(a) participante: _____

Assinatura do(a) participante: _____

Pesquisadoras Responsáveis:

Alex Branco Fraga

Daniela Meirelles Lagranha

Daniela Meirelles Lagranha

Rua Felizardo, 750, Bairro Jardim Botânico, Porto Alegre/RS.

E-mail: dlagranha@hotmail.com

Telefones: (51) 981442001

APÊNDICE 2 - AUTORIZAÇÃO DO NAU

Porto Alegre, 03 de agosto de 2020.

Ao Professor,
Ricardo Demétrio de Souza Petersen
Diretor da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança - UFRGS

Prezado Diretor,

Tendo em vista o projeto de pesquisa da aluna de doutorado sob minha orientação, Daniela Meirelles Lagranha, devidamente matriculada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, que tem por objetivo estudar a formação de estudantes de Fisioterapia, se faz necessário analisar os documentos produzidos pelo Núcleo de Avaliação da Unidade (NAU) desta Escola (ESEFiD/UFRGS) na última avaliação ocorrida em 2019, mais especificamente aqueles relacionados à participação de alunos em grupos focais, solicito que, se possível, seja disponibilizado à doutoranda os registros do relatório produzido pelo NAU em 2019 e 2020.

Atenciosamente

Prof. Dr. Alex Branco Fraga

APÊNDICE 3 - TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Prezado Sr. Ricardo Demétrio de Souza Petersen, diretor da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID/UFRGS). Venho por meio deste solicitar a autorização desta Instituição para realização da pesquisa intitulada “*Rotas de formação, identidade e diferença de estudantes de Fisioterapia*”, sob minha responsabilidade.

A pesquisa, realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da UFRGS e tem como objetivo compreender como estudantes de Fisioterapia constroem suas rotas de aprendizagem na formação inicial e prevê a realização da seguinte etapa metodológica no âmbito desta Instituição: Análise Documental do Projeto Pedagógico do Curso de Fisioterapia da UFRGS, dos relatórios do Núcleo de Avaliação da Unidade (NAU/ESEFID/UFRGS) e de materiais didáticos referentes as disciplinas síncronas e assíncronas, produções textuais e participações oral de discentes e docentes em atividades relacionadas às disciplinas do Curso de Fisioterapia da UFRGS.

Informo também que o projeto de pesquisa será avaliado pelo Comitê de Ética da COMPESQ-ESEFID e que a pesquisa só será iniciada após a sua aprovação por este comitê.

Alex Branco Fraga

Declaro estar de acordo com a realização da pesquisa no âmbito desta instituição, desde que aprovada pelo comitê de ética.

Local, ___ / ___ /20___

Responsável legal pela instituição
(assinatura /carimbo)

APÊNDICE 4 - TERMO DE ANUÊNCIA COMISSÃO DE GRADUAÇÃO EM FISIOTERAPIA (COMGRAD-FIT)

Prezado coordenador da Comissão de Graduação em Fisioterapia (COMGRAD-FIT) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID/UFRGS). Venho por meio desta solicitar a autorização desta Comissão para que a mesma divulgue e repasse, via e-mails, às alunas e aos alunos do Curso de Fisioterapia da UFRGS o convite para participar da pesquisa intitulada “*Rotas de formação, identidade e diferença de estudantes de Fisioterapia*”, sob minha responsabilidade.

Solicitamos o acesso a materiais didáticos referentes às disciplinas síncronas e assíncronas, produções textuais e participações oral de discentes e docentes em atividades relacionadas as disciplinas do Curso de Fisioterapia da UFRGS e, em havendo concordância, que seja enviado a discentes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) via formulário eletrônico do Google conforme link <https://docs.google.com/forms/d/1JEuOICntFPzmicDCTqHTwUyfWib4JRcuS4BseUC Cxi8/edit?ts=60c3e438> , pois tende a facilitar a resposta dos mesmos.

A pesquisa, realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da UFRGS e tem como objetivo compreender como estudantes de Fisioterapia constroem suas rotas de aprendizagem na formação inicial e prevê a realização da seguinte etapa metodológica no âmbito desta Instituição: Análise Documental do Projeto Pedagógico do Curso de Fisioterapia da UFRGS, dos relatórios do Núcleo de Avaliação da Unidade (NAU/ESEFID/UFRGS) e de materiais didáticos referentes às disciplinas síncronas e assíncronas, produções textuais e participações oral de discentes e docentes em atividades relacionadas às disciplinas do Curso de Fisioterapia da UFRGS.

Informo também que o projeto de pesquisa será avaliado pelo Comitê de Ética da COMPESQ-ESEFID e que a pesquisa só será iniciada após a sua aprovação por este Comitê.

Alex Branco Fraga
pesquisador responsável

Declaro estar de acordo com a realização da pesquisa no âmbito desta Instituição, desde que aprovada pelo comitê de ética.

Local, ____ / ____ /20 ____

Responsável legal pela instituição
(assinatura /carimbo)

APÊNDICE 5 -TERMO DE COMPROMISSO DE UTILIZAÇÃO DE DADOS (TCUD)

Eu, Alex Branco Fraga, Professor Associado da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS (ESEFID/UFRGS) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH/UFRGS), no âmbito do projeto de pesquisa intitulado “*Rotas de formação, identidade e diferença de estudantes de Fisioterapia*”, comprometo-me com a utilização dos dados contidos nas Avaliações do NAU/ESEFID/UFRGS e de materiais didáticos referentes às disciplinas síncronas e assíncronas, produções textuais e participações oral de discentes e docentes em atividades relacionadas às disciplinas do Curso de Fisioterapia da UFRGS, a fim de obtenção dos objetivos previstos, e somente após receber a aprovação do sistema Comitê de Ética da COMPESQ-ESEFID.

Comprometo-me a manter a confidencialidade dos dados coletados nas avaliações do NAU/ESEFID/UFRGS, referentes a disciplinas, bem como com a privacidade de seus conteúdos.

Declaro entender que é minha a responsabilidade, como pesquisador principal, de cuidar da integridade das informações e de garantir a confidencialidade dos dados e a privacidade dos indivíduos que terão suas informações acessadas.

Também é minha a responsabilidade de não repassar os dados coletados ou o banco de dados em sua íntegra, ou parte dele, a pessoas não envolvidas na equipe da pesquisa.

Por fim, comprometo-me com a guarda, cuidado e utilização das informações apenas para cumprimento dos objetivos previstos nesta pesquisa aqui referida. Qualquer outra pesquisa em que eu precise coletar informações serão submetidas a apreciação do Comitê de Ética da COMPESQ-ESEFID.

Alex Branco Fraga
pesquisador responsável
Local, ___ / ___ /20___

APÊNDICE 6 – ROTAS DE FORMAÇÃO DE ESTUDANTES FLÂNEUR

